

Relatório de Sustentabilidade 2006

compromisso
com as pessoas

atuação
responsável

resultado



transformação social

visão de longo prazo



Companhia
Vale do Rio Doce

Uma grande Companhia se faz de pessoas – as de dentro e as de fora. Pessoas com diferentes histórias, diferentes talentos, diferentes vozes, perfis, vontades, aptidões. Na valorização da diversidade humana e no respeito a cada ponto de vista, a Vale constrói relacionamentos, ao mesmo tempo em que por eles é construída, numa espiral que não tem fim. Na infinitude desse movimento, que se projeta para além do presente e acena às gerações futuras, a Companhia converge ações para aquelas que constituem sua própria razão de ser: as pessoas.

Destques Financeiros e Operacionais

Indicadores Financeiros (R\$ milhões)	2003	2004	2005	2006
Receita Operacional Bruta	20.895 ¹	29.020	35.350	46.746
Exportações (US\$ milhões)	4.229	5.534	7.021	9.656
Exportações Líquidas (US\$ milhões)	3.672	4.618	6.339	8.784
Receita Operacional Líquida	20.116	27.544	33.993	45.292
Lucro Bruto	8.786	13.421	17.682	24.536
Ebit	6.665	10.306	14.556	20.089
Ebitda	8.100	12.249	16.701	22.759
Lucro Líquido	4.509	6.460	10.443	13.431
Lucro Líquido por Ação (R\$) ²	1,96	2,81	4,54	5,56
Margens (%)	2003	2004	2005	2006
Margem Bruta	43,7	48,7	52,0	54,2
Margem Ebit	33,1	37,4	42,8	44,4
Margem Ebitda	40,3	44,5	49,1	50,2
Margem Líquida	22,4	23,5	30,7	29,6
Desempenho Operacional	2003	2004	2005	2006
Volume Vendas (mil toneladas)				
Minério de Ferro + Pelotas	186.812	229.881	252.189	272.682
Cobre		81	119	169
Caulim	731	1.207	1.218	1.323
Bauxita	4.326	5.429	5.600	4.085
Alumina	1.805	1.678	1.738	3.207
Alumínio	488	477	498	510
Dados Financeiros (US\$ milhões)³	2003	2004	2005	2006
Ativo Total	11.434	15.715	22.644	60.615
Ativo Permanente	7.518	10.222	15.838	40.021
Patrimônio Líquido	4.884	7.391	11.977	19.449
Dívida Bruta	4.028	4.088	5.010	22.581
Dívida Bruta/LTM Ebitda Ajustado (x)	1,89	1,10	0,77	2,00
LTM Ebitda Ajust/LTM Pagamento de Juros (x)	11,51	12,41	25,95	15,94
LTM Ebitda Ajustado	2.130	3.722	6.540	9.150
Dívida Bruta/EV (x)	0,16	0,12	0,10	0,26
Dívida Líquida	3.443	2.839	3.969	18.133
ROE Anualizado (%)	31,7	34,8	43,3	34,4
Investimentos ⁴	1.988	2.092	4.998	26.324
Ações	2003	2004	2005	2006
Número de Ações (milhões)	388,5	1.151,5	1.151,5	2.426,0
Varição da cotação na Bovespa (%)	58,0	27,0	30,6	29,2
Valor de Mercado (US\$ milhões)	21.762	31.891	45.923	69.801
Pagamento de Dividendos (US\$ milhões)	675	787	1.300	1.300
Dividendos por Ação (R\$) ⁵	0,84	0,98	1,34	1,15

¹ proforma com Caemi – ajustado em 2004.

² ajustado pelos desdobramentos de ações.

³ US GAAP.

⁴ incluindo aquisições.

⁵ ajustado pelos desdobramentos de ações.

DESTAQUES FINANCEIROS E OPERACIONAIS

- 002** SOBRE O RELATÓRIO
- 003** PERFIL
- 004** VALE NO BRASIL E NO MUNDO
- 008** MENSAGEM DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
- 010** MENSAGEM DA PRESIDÊNCIA
- 013** DIRETORIA EXECUTIVA DA VALE

- 014** GOVERNANÇA CORPORATIVA
- 020** DESEMPENHO DOS NEGÓCIOS
- 026** DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO
- 034** CONSOLIDAÇÃO DA CVRD INCO
- 037** INVESTIMENTOS
- 038** MERCADO DE CAPITALIS
- 040** GESTÃO DE RISCOS
- 042** PERSPECTIVAS DE NEGÓCIOS

- 046** DESEMPENHO AMBIENTAL
- 049** SISTEMA DE GESTÃO AMBIENTAL
- 051** GERENCIAMENTO DE RISCOS AMBIENTAIS
- 053** GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS
- 058** GESTÃO DE BARRAGENS E ESTRUTURAS
- 059** GESTÃO DE RESÍDUOS
- 062** BIODIVERSIDADE
- 070** EMISSÕES ATMOSFÉRICAS
- 072** MUDANÇAS CLIMÁTICAS
- 074** GEOINFORMAÇÃO
- 075** CAPACITAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

- 076** DESEMPENHO SOCIAL
- 081** DIALOGANDO COM AS COMUNIDADES
- 087** REVELANDO O POTENCIAL DOS TERRITÓRIOS
- 105** COMPROMISSO COM AS PESSOAS
- 120** FORMANDO CADEIAS DE VALOR
- 124** RELACIONAMENTOS CONSTRUTIVOS
- 126** DEMONSTRAÇÃO DO BALANÇO SOCIAL E DVA

- 128** RECONHECIMENTOS
- 130** ÍNDICE REMISSIVO GRI
- 136** ENDEREÇOS
- DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS



Sobre o Relatório

Este relatório tem por objetivo retratar as principais atividades da Companhia Vale do Rio Doce no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2006. Marca o início de sua elaboração à luz dos princípios da GRI – Global Reporting Initiative, demonstrando o propósito da Vale em refletir o compromisso com a sustentabilidade também em sua comunicação.

Seu foco não contempla as atividades da CVRD Inco e demais empresas controladas ou coligadas, podendo essas serem eventualmente citadas ao longo do texto.

O conteúdo desta publicação está disponível no *site* www.cvrd.com.br



Perfil

A Companhia Vale do Rio Doce é a segunda maior empresa global da indústria de mineração e metais. Possui atividades em 13 estados brasileiros e em mais de 20 países, localizados nos cinco continentes. Líder na produção e exportação de minério de ferro e pelotas, a Vale é também importante produtora de níquel, concentrado de cobre, bauxita, alumina, alumínio, potássio, caulim, manganês e ferroligas.

Um dos focos da Companhia é o crescimento diversificado de suas atividades em mineração. A Vale investe em programas de pesquisa geológica e de exploração de recursos minerais em diversos países. Maior prestadora de serviços logísticos do Brasil, a Companhia elabora soluções completas a partir da integração de ferrovias, portos e terminais marítimos próprios. Também participa de consórcios voltados à produção de energia elétrica para autoconsumo.

Em todos os seus projetos e empreendimentos, a Vale atua de maneira responsável e empenha-se para que sua trajetória de crescimento potencialize o desenvolvimento das comunidades onde está presente. Por meio de suas áreas operacionais e da Fundação Vale do Rio Doce, a Companhia realiza programas voltados ao desenvolvimento integrado econômico, ambiental e social dos territórios, sempre respeitando as identidades culturais locais.

Vale no Brasil e no Mundo



Brasil



-  Sede Vale
- A**  Sistema Norte
-   RDM – Rio Doce Manganês
- B**  MRN
- C**  PPSA
- D**  Albras
-  Alunorte
- E**  Terminal Marítimo de Ponta da Madeira
-  Pelotizadora de São Luís
- F**  Terminal Marítimo Inácio Barbosa
-   RDM – Rio Doce Manganês
- H**  Usina Hidrelétrica de Igarapava
- I**  Usiminas
- J**  Sistema Sul
-  Pelotizadora de Fábrica
- K**  Usina Hidrelétrica de Funil
- L**  Usina Hidrelétrica de Porto Estrela
- M**  Usina Hidrelétrica de Candonga
- N**  Complexo Portuário de Tubarão
-  Terminal de Vila Velha – TVV
-  Hispanobras
-  Nibrasco
-  Itabrasco
-  Kobrasco
-  Pelotizadora Vale

- O**  Usina Hidrelétrica de Aimorés
- P**  Samarco
- Q**  Companhia Portuária Baía de Sepetiba – CPBS
-  Terminal Marítimo de Ilha Guaíba – TIG
-  Valesul
- R**   Urucum Mineração
-  Porto Seco do Cerrado
- T**  Cadam
- U**  Usina Hidrelétrica de Capim Branco
- V**  Centro de Desenvolvimento Mineral – CDM
-  Estrada de Ferro Carajás » EFC
-  Estrada de Ferro Vitória a Minas » EFVM
-  Ferrovia Centro-Atlântica » FCA
-  Ferrovia Norte-Sul » FNS
-  Ferrobarragem » Direito de Passagem FCA
-  Serviços de Navegação Costeira

Mundo

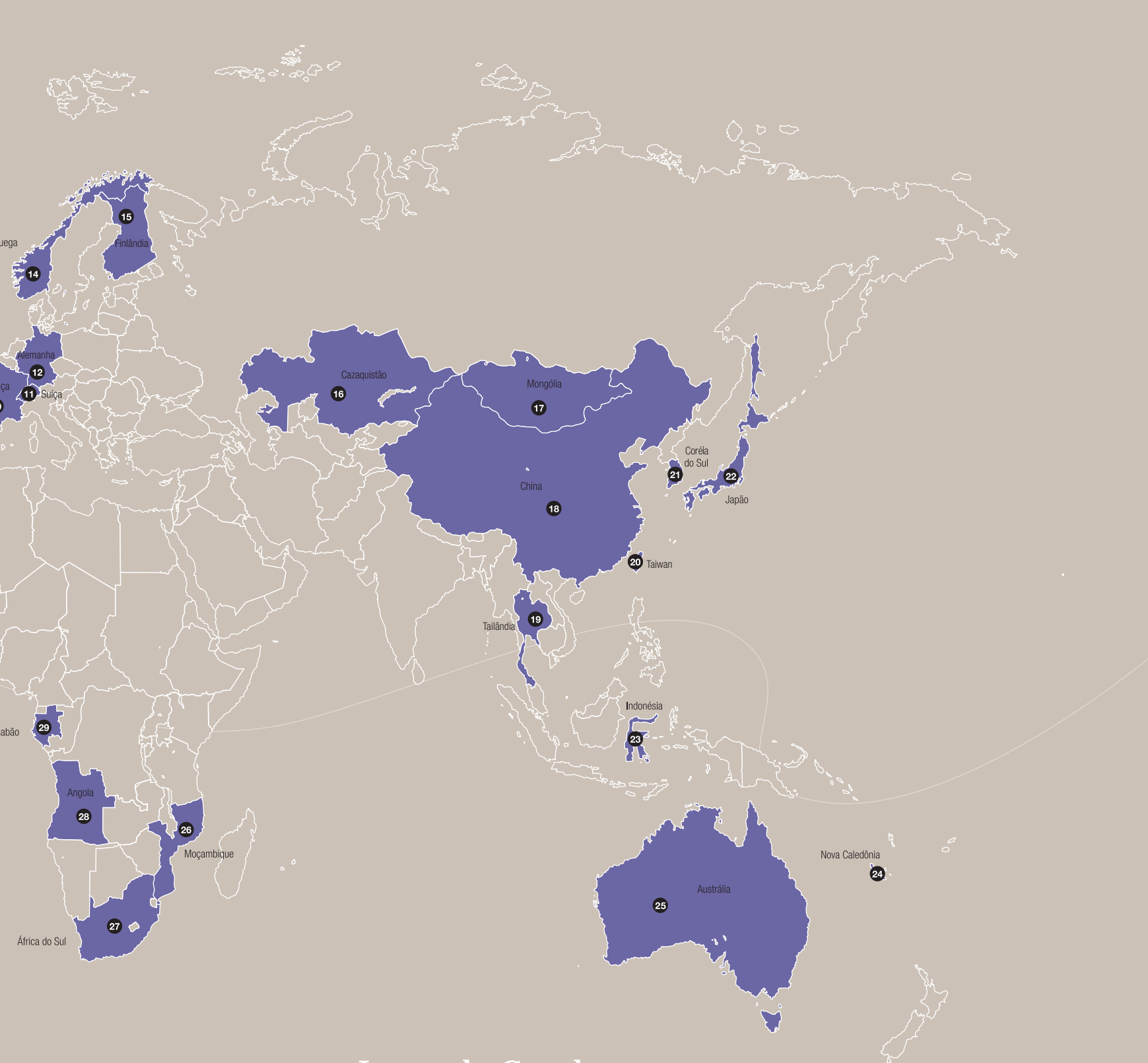
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20

- _____
Brasil
- _____
Argentina
- _____
Chile
- _____
Peru
- _____
Colômbia
- _____
Barbados
- _____
Guatemala
- _____
Estados Unidos
- _____
Canadá
- _____
França
- _____
Suíça
- _____
Alemanha
- _____
Reino Unido
- _____
Noruega
- _____
Finlândia
- _____
Cazaquistão
- _____
Mongólia
- _____
China
- _____
Tailândia
- _____
Taiwan



- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30

- _____
Coréia do Sul
- _____
Japão
- _____
Indonésia
- _____
Nova Caledônia
- _____
Austrália
- _____
Moçambique
- _____
África do Sul
- _____
Angola
- _____
Gabão
- _____
Guiné





Legenda Geral

- | | | | |
|---|------------------|---|--------------------|
|  | Mina de Ferro |  | Operações |
|  | Mina de Bauxita |  | Navegação Costeira |
|  | Mina de Manganês |  | Usina Hidrelétrica |
|  | Mina de Níquel |  | Escritório |
|  | Mina de Cobre |  | Joint Venture |
|  | Mina de Carvão |  | Porto Seco |
|  | Mina de Caulim | | |
|  | Mina de Potássio | | |
|  | Pesquisa Mineral | | |



Mensagem do Conselho de Administração

Conquistas e novas perspectivas: assim pode-se traduzir o ano de 2006 para a Companhia Vale do Rio Doce. Em uma operação arrojada, adquirimos a mineradora canadense Inco, ampliando nossa presença no segmento de não-ferrosos e consolidando nosso caráter internacional. O sucesso da aquisição, bem como da operação para o seu financiamento, reforça o nosso compromisso com a criação de valor para os acionistas e a sustentabilidade dos negócios.

Em 2006, também concluímos a incorporação da Caemi, Rio Verde e Valesul, empresas estratégicas para nosso negócio. E no início de 2007, reforçamos a atuação no segmento de carvão com a compra da AMCI Holdings Australia Pty. Aliadas aos avanços operacionais e financeiros, as aquisições realizadas nos últimos anos seguem nosso plano estratégico de buscar o crescimento por meio da diversificação geográfica e de produtos, diluindo os riscos da operação ao mesmo tempo em que fortalecemos nossa posição entre as maiores mineradoras globais.

A trajetória de crescimento refletiu-se no valor de mercado da Companhia, que vem registrando sucessivos recordes. Encerramos 2006 com um valor de R\$ 147,5 bilhões, superando em 38,5% a posição do final do ano anterior – o que demonstra ao mercado a capacidade da Vale em absorver uma grande aquisição e assumir um novo perfil, mais sólido e diversificado. Os resultados da Vale combinam ousadia na estratégia e disciplina na gestão, capitalizando as melhores oportunidades no setor. Investimos e crescemos mais do que nossos competidores, e é nossa intenção manter um ritmo forte de desenvolvimento dos nossos negócios.

Sabemos que o crescimento contínuo e a busca pelo máximo retorno aos acionistas só são possíveis com uma atuação responsável e uma governança corporativa pautada pelas melhores práticas de mercado. Essa consciência tem levado a Vale a contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento das localidades em que se faz presente, por meio de um modelo de atuação que conjuga o diálogo, o investimento social e a gestão de impactos.

Os resultados em 2006 confirmam o acerto dessa estratégia de sustentabilidade e revelam a dedicação das lideranças e dos empregados ao implementá-la. A Vale encerrou o ano com lucro líquido de R\$ 13,4 bilhões, 29% superior ao de 2005, o que significou uma rentabilidade de R\$ 5,56 por ação da Companhia.

“

Sabemos que o crescimento contínuo e a busca pelo máximo retorno aos acionistas só são possíveis com uma atuação responsável e uma governança corporativa pautada pelas melhores práticas de mercado. Essa consciência tem levado a Vale a contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento das localidades em que se faz presente, por meio de um modelo de atuação que conjuga o diálogo, o investimento social e a gestão de impactos.

”

Além disso, nossas exportações atingiram a marca de US\$ 9,7 bilhões, representando um aumento de 37,5% em relação ao ano anterior. Entre nossos recordes comerciais, destacam-se as vendas de minério de ferro e pelotas, que chegaram a 272,6 milhões de toneladas; e o transporte ferroviário de carga geral para clientes, com uma movimentação de 28,9 bilhões de toneladas por quilômetro útil.

A robustez nos negócios foi acompanhada pelos investimentos socioambientais. Além dos R\$ 286 milhões investidos em ações sociais e outros R\$ 317 milhões em ações ambientais, a Companhia vem se destacando pelo desenvolvimento de programas estruturantes com as comunidades e pelas iniciativas de recuperação e preservação da biodiversidade. Com suas práticas, a Vale hoje influencia positivamente a agenda de desenvolvimento das diversas regiões onde atua.

Para 2007, seguimos no firme propósito de manter um relacionamento aberto e direto com os vários setores da sociedade. Nosso plano de investimentos, de US\$ 6,3 bilhões, dará o suporte para continuarmos crescendo organicamente. Excluídas as aquisições, esse valor representa um acréscimo de quase 40% em relação a 2006, reflexo de nossa convicção no futuro promissor da Companhia.

Encerramos 2006 satisfeitos com nossas realizações e com a posição conquistada entre nossos pares. Pretendemos continuar alcançando novos vãos, explorando novas áreas, contribuindo para o desenvolvimento do mercado e das pessoas – dentro e fora da Companhia. Nesse caminho, sabemos dos desafios que enfrentaremos, mas a experiência dos últimos anos e os resultados alcançados indicam que estamos na direção correta.

Gostaríamos de agradecer à dedicação de todos os executivos e ao excepcional empenho dos empregados pelos resultados conquistados. A confiança dos acionistas também foi fundamental para o crescimento e sucesso da Vale. Com o apoio de todos, temos plenas condições de acumular novas conquistas ao longo de 2007.

Sérgio Rosa

Presidente do Conselho de Administração



Mensagem da Presidência

O ano de 2006 concretizou mais um marco na história da Vale. Consolidamos nosso processo de internacionalização, por meio da aquisição da mineradora canadense Inco, uma das maiores produtoras mundiais de níquel. Ao mesmo tempo, continuamos no caminho do crescimento e da superação de resultados, evidenciando o acerto da estratégia definida pelo Conselho de Administração e o sucesso na sua execução, graças ao empenho e ao talento de nossos empregados.

Os desafios são cada vez maiores para uma Companhia que se encontra em uma trajetória ascendente de diversificação geográfica e de produtos, como a Vale. Os excelentes resultados alcançados em 2006 demonstram que nosso posicionamento de mercado vem se fortalecendo de forma sustentada, pautado por uma gestão transparente, pelo respeito ao meio ambiente, pelo desenvolvimento de nossos empregados e pela melhoria da qualidade de vida das comunidades próximas às nossas operações.

A Vale é hoje a segunda maior empresa global da indústria de mineração e metais em termos de valor de mercado. Entre dezembro de 2001 e fevereiro de 2007, o valor da Companhia multiplicou-se oito vezes. Para os acionistas, isso representou um retorno de 42,7% ao ano, nesse período. Em 2006, as atividades operacionais geraram receita bruta de R\$ 46,7 bilhões, o que representa um aumento de 32% em relação a 2005. O resultado de 2006 foi um lucro líquido de R\$ 13,4 bilhões, 29% maior do que os R\$ 10,4 bilhões do ano anterior.

Contribuiu para esta *performance* extremamente positiva o grande esforço de investimentos, sempre executados com disciplina, a fim de potencializar a geração de valor para os acionistas. Em 2006, investimos US\$ 26,3 bilhões em diversos projetos, superando em mais de cinco vezes o montante de US\$ 5,0 bilhões do ano anterior. A maior parte desse valor, US\$ 21,5 bilhões, foi destinada a aquisições. Além da Inco, cujo investimento de US\$ 19,0 bilhões traduziu-se na maior aquisição já feita por uma organização brasileira, a Vale concluiu, no ano passado, a compra de outras três empresas estratégicas para seus negócios – Caemi, Rio Verde e Valesul.

A CVRD Inco é uma parceria poderosa, que vai permitir saltos ainda maiores no futuro. De imediato, proporciona um importante reforço na diversificação de nossas atividades. No novo perfil da Companhia, o minério de ferro permanece como o produto principal, responsável por 48% da nossa receita bruta de 2006, mas o níquel ganhou espaço, passando a representar 26% do nosso negócio, em um momento de forte demanda e preços recordes desse metal. Além disso, a CVRD Inco trouxe para a Vale um time de 12 mil empregados de alta competência, somando tecnologia de ponta e conhecimento qualificado sobre o universo do níquel.

“

Os desafios são cada vez maiores para uma Companhia que se encontra em uma trajetória ascendente de diversificação geográfica e de produtos, como a Vale. Os excelentes resultados alcançados em 2006 demonstram que nosso posicionamento de mercado vem se fortalecendo de forma sustentada.

”

A alavancagem financeira necessária para essa aquisição não alterou nossa avaliação pelas quatro maiores agências mundiais de classificação de risco – Dominion Bond, Standard & Poor's, Moody's e Fitch –, confirmando nossa posição como empresa *investment grade* e refletindo a confiança da comunidade financeira na Companhia e na sua estratégia.

Ainda em 2006, concluímos com sucesso projetos de expansão da capacidade produtiva de minério de ferro e de alumina. Para assegurar nossas condições de crescimento, investimos no aumento da frota de locomotivas e vagões de nossas ferrovias e na construção de mais um complexo hidrelétrico, o de Capim Branco, no triângulo mineiro.

Como resultado do nosso planejamento, acumulamos recordes operacionais ao longo do ano. Atingimos marcas inéditas de produção em minério de ferro, alumina, alumínio, cobre, potássio e caulim. A Vale também se tornou a maior fornecedora de minério de ferro da China, para onde embarcamos 77,9 milhões de toneladas. Com exportações líquidas totais de US\$ 8,8 bilhões, já somos responsáveis por quase um quinto do saldo da balança comercial brasileira, e nossa participação no superávit aumentou de 14,1%, em 2005, para 19,0% no ano seguinte.

Sabemos que o real valor dos nossos resultados se expressa nas pessoas e nas relações que com elas mantemos, dentro e fora da Companhia. Por isso, em 2006, criamos a Diretoria Executiva de Assuntos Corporativos*, com o objetivo de estreitar o relacionamento da empresa com os diversos segmentos da sociedade. A iniciativa reforça nossa crença na importância do diálogo e no estabelecimento de parcerias para o desenvolvimento.

A Vale destaca-se na geração de postos de trabalho, buscando sempre o crescimento conjunto dos negócios e das pessoas. No ano passado, criamos aproximadamente quatro mil empregos diretos. Hoje, além dos 12 mil empregados da CVRD Inco, contamos com cerca de 44 mil empregados próprios. Além disso, de forma indireta, cada emprego da Vale representa cinco novas vagas na cadeia produtiva.

A preocupação com os empregados está no topo das nossas prioridades. Além de investir continuamente em treinamento, a Vale criou um Departamento de Saúde e Segurança, a fim de alcançar padrões internacionais de controle e prevenção de doenças e acidentes. Graças aos esforços empreendidos, o índice de acidentes com afastamento por um milhão de homens/horas trabalhadas vem diminuindo continuamente, passando de 4,7 em 2003 para 1,9 em 2006.

* Em abril de 2007, passou a intitular-se Diretoria Executiva de Assuntos Corporativos e Energia.

Todas as nossas ações são orientadas para o desenvolvimento integrado social, ambiental e econômico. Ao investir no crescimento dos nossos negócios, adotamos processos que promovem o desenvolvimento das comunidades, protegem os recursos naturais e dinamizam a economia dos territórios, contribuindo de fato para a construção de um futuro sustentável, para a Companhia, para o Brasil e para o mundo.

Em 2006, a Fundação Vale do Rio Doce assumiu um posicionamento ainda mais estratégico. Além dos programas sociais, desenvolvidos de forma participativa e estruturante, a Fundação deu início à realização de diagnósticos socioeconômicos, visando a identificar necessidades e potencialidades de cada território. No último ano, os investimentos sociais, realizados pela Companhia e pela Fundação, foram de R\$ 286 milhões, o que evidencia nosso compromisso estratégico com as comunidades onde atuamos.

Trabalhamos de forma a contribuir para a preservação dos recursos naturais. Em ações ambientais, nossos investimentos totalizaram R\$ 317 milhões no ano passado, incluindo a reabilitação de espécies nativas dos ecossistemas da Mata Atlântica, do Cerrado e da Amazônia. Nossas atividades têm uma tradição de responsabilidade ambiental, utilizamos as tecnologias mais avançadas e os controles mais rigorosos para prevenir e minimizar possíveis impactos. O respeito ao meio ambiente é parte da nossa cultura e está arraigado às práticas de cada empregado.

Nossa confiança no futuro é demonstrada pela continuidade dos expressivos investimentos em crescimento orgânico previstos para 2007. O valor de US\$ 6,3 bilhões, aprovado pelo Conselho de Administração, supera o recorde do ano anterior, excluídas as aquisições. A compra da AMCI Holdings Australia Pty, reforçando nossa atuação no segmento de carvão, e a conquista da certificação sem ressalvas sobre nossos controles internos, de acordo com a Lei Sarbanes-Oxley, são destaques dos primeiros meses deste ano.

As realizações de 2006 e as boas perspectivas para 2007 – quando a Companhia Vale do Rio Doce completa 65 anos de uma trajetória de superação contínua – fortalecem nosso orgulho e, ao mesmo tempo, demandam uma atenção redobrada aos desafios que virão com o novo posicionamento global e o aumento da complexidade de nossas atividades. Precisamos trabalhar continuamente para otimizar custos operacionais e de investimento, alcançar melhores índices de segurança no trabalho, reforçar a gestão dos impactos operacionais e ampliar ainda mais o diálogo com nossos públicos.

Reafirmamos o nosso otimismo na evolução dos mercados dos quais participamos e agradecemos aos acionistas, ao Conselho de Administração, aos clientes e fornecedores, às comunidades, aos participantes do mercado de capitais, aos governos municipais, estaduais e federal, à imprensa e a todos que contribuem para o bom desempenho da Vale. Nosso agradecimento especial é dirigido aos empregados – os maiores responsáveis por nossas conquistas.

Roger Agnelli

Diretor-Presidente

Diretoria Executiva da Vale*



1. Tito Martins
Assuntos Corporativos e Energia

2. Eduardo Bartolomeo
Logística

3. Fábio Barbosa
Finanças e Relações com Investidores

4. Carla Grasso
Recursos Humanos e Serviços
Corporativos

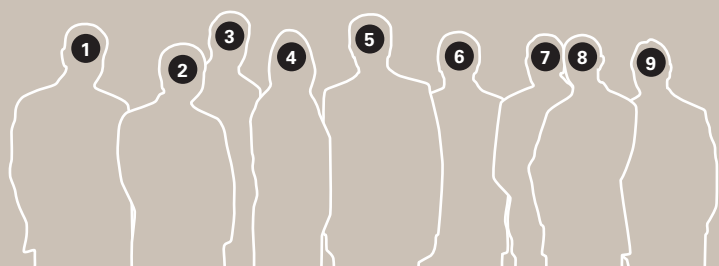
5. Roger Agnelli
Diretor-Presidente

6. José Carlos Martins
Ferrosos

7. José Lancaster
Cobre, Carvão e Alumínio

8. Gabriel Stoliar
Planejamento e Desenvolvimento
de Negócios

9. Murilo Ferreira
Níquel e Comercialização
de Metais Básicos



** em abril de 2007.*

Governança Corporativa

O modelo de governança corporativa da Vale reforça o respeito aos direitos dos acionistas e o compromisso com a sustentabilidade dos negócios.

Está fundamentado nos princípios de clareza das informações, transparência e estabilidade, necessários para posicionar a Companhia em nítida trajetória de crescimento e criação de valor.

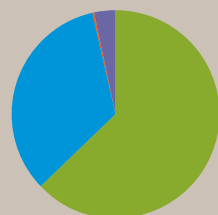
Diversas iniciativas foram adotadas para aperfeiçoar as práticas de governança, incluindo a adoção de um Código de Conduta Ética, revisado em 2006 e subscrito por todos os empregados, e uma política de divulgação contínua de informações relevantes e de preservação de sigilo.

Entre as iniciativas voltadas à transparência, está a realização sistemática de apresentações e teleconferências para divulgação dos resultados da empresa. Os registros contábeis são mantidos de acordo com normas nacionais (BR GAAP) e norte-americanas (US GAAP), de forma a apresentar maior abrangência e transparência de suas informações.

Composição Acionária da Vale

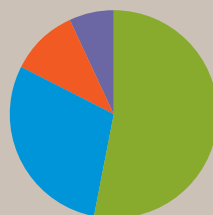
Capital Preferencial (PN) – Dez/2006

63,2% ■ Investidores estrangeiros*
33,5% ■ Investidores brasileiros*
3,2% ■ Tesouro Nacional
0,1% ■ BNDESPar



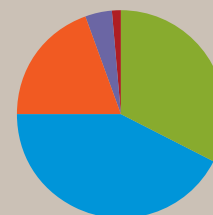
Capital Ordinário (ON) – Dez/2006

53,3% ■ Valepar
29,2% ■ Investidores estrangeiros*
10,7% ■ Investidores brasileiros*
6,8% ■ BNDESPar



Capital Total – Dez/2006

42,5% ■ Investidores estrangeiros*
32,5% ■ Valepar
19,5% ■ Investidores brasileiros*
4,2% ■ BNDESPar
1,3% ■ Tesouro Nacional



* Investidores Estrangeiros = NYSE (ADR) + Bovespa

* Investidores Brasileiros = Institucionais + Varejo + FMP (FGTS)



“

Eu tenho ações da Vale há muito tempo. As primeiras, recebi como herança do meu pai, que já acreditava na empresa. Atualmente, continuo investindo porque é um bom papel. Em 2006, a venda de algumas ações proporcionou a realização de um sonho da minha família: viajei para a Disney com meu marido e meus três filhos. Na época, acompanhei bastante o mercado e sempre entrava no *site* da Companhia para ler as notícias. Vendi em uma época boa e já recuperei o dinheiro porque as ações se valorizaram bastante. A Vale é uma empresa na qual eu tenho confiança.

Paula Farias da Poian, investidora há mais de 10 anos.

”

Conselho de Administração e Conselho Fiscal

Composto por 11 membros e 11 suplentes, o Conselho de Administração estabelece as políticas e diretrizes gerais das empresas da Companhia e controla a sua implementação pelos executivos. Os conselheiros são eleitos – inclusive um representando os empregados – por um prazo de gestão de dois anos, com direito à reeleição.

A Vale estabeleceu ainda um Conselho Fiscal permanente e composto por três a cinco membros, que têm a responsabilidade revisar as atividades da administração e as demonstrações contábeis, reportando-se diretamente aos acionistas. O Conselho Fiscal desempenha também as funções de Audit Committee, conforme disposto pela Lei Sarbanes-Oxley, estabelecida pela Securities Exchange Commission (SEC).

Composição do Conselho de Administração*

Sérgio Ricardo Silva Rosa
Presidente

Mário da Silveira Teixeira Júnior
Vice-Presidente

Conselheiros:

Arlindo Magno de Oliveira
Eduardo Fernando Jardim Pinto
Erik Persson
Francisco Augusto da Costa e Silva
Hiroshi Tada
Jorge Luiz Pacheco
Julio Sérgio Gomes de Almeida
Oscar Augusto de Camargo Filho
Renato da Cruz Gomes

Composição do Conselho Fiscal

Marcelo Amaral Moraes
Presidente

Conselheiros:

Aníbal Moreira dos Santos
Bernard Appy
José Bernardo de Medeiros Neto

Comitês de Assessoramento

Cinco comitês apóiam o Conselho de Administração: Desenvolvimento Executivo, Estratégico, Financeiro, Controladoria e Governança e Sustentabilidade. Os comitês representam fóruns de discussão em que são debatidas as diferentes visões dos membros a respeito dos assuntos em pauta, o que permite maior amadurecimento e alinhamento das proposições antes de seu encaminhamento para o Conselho de Administração.

O Comitê de Desenvolvimento Executivo é responsável por reportar as políticas gerais de recursos humanos, recomendar os níveis de remuneração e estabelecer diretrizes para avaliar o desempenho dos diretores-executivos, além de emitir relatórios sobre as políticas de responsabilidade socioambiental, de saúde e de segurança, entre outras.

Cabe ao Comitê Estratégico fazer a revisão e as recomendações ao Conselho de Administração sobre as diretrizes e o planejamento estratégico, que são submetidos anualmente ao conselho. O comitê examina ainda os orçamentos anuais e plurianuais da Companhia e as oportunidades de investimentos, desinvestimentos, fusões e aquisições.

* Em 26 de abril de 2007.



O Comitê Financeiro faz a revisão e as recomendações no que se refere às políticas de riscos corporativos e financeiros e aos sistemas internos de controle financeiro da Vale, à compatibilidade entre o nível de remuneração dos acionistas e os parâmetros estabelecidos no orçamento anual, e à consistência com a política geral sobre dividendos e a estrutura de capital da Companhia.

Entre as responsabilidades do Comitê de Controladoria, estão: propor ao Conselho de Administração a indicação do responsável pela auditoria interna; reportar as políticas e o plano anual de auditoria, bem como sua execução; e monitorar os resultados da auditoria interna, a fim de identificar, priorizar e propor ações a serem acompanhadas pelos Diretores-Executivos. É sua atribuição ainda analisar o relatório anual e as demonstrações financeiras da Companhia, fazendo recomendações ao Conselho de Administração. Nenhum dos membros do Comitê de Controladoria pertence ao Conselho de Administração.

O Comitê de Governança e Sustentabilidade tem a responsabilidade de avaliar as práticas de governança corporativa e o funcionamento do Conselho de Administração, além de recomendar melhorias ao Código de Conduta Ética e ao sistema de gestão, de forma a evitar conflitos de interesses entre a Companhia e seus acionistas ou administradores. O regimento do comitê exige que pelo menos um de seus membros seja independente, isto é: não deve possuir vínculo atual com a Companhia (exceto como membro do comitê ou acionista da empresa); não participar dos esforços de venda ou da prestação de serviços à Companhia; não representar acionistas controladores; não ser empregado do acionista controlador ou de organizações a esse relacionadas; e não ter sido diretor-executivo do acionista controlador.

Comitê de Controladoria*

Antonio José de Figueiredo Ferreira
Paulo Roberto Ferreira de Medeiros

Comitê de Desenvolvimento Executivo*

Arlindo Magno de Oliveira
João Moisés de Oliveira
Oscar Augusto de Camargo Filho

Comitê Estratégico*

Roger Agnelli
Gabriel Stoliar
Demian Fiocca
Mário da Silveira Teixeira Júnior
Oscar Augusto de Camargo Filho
Sérgio Ricardo Silva Rosa

Comitê Financeiro*

Fábio de Oliveira Barbosa
Wanderlei Viçoso Fagundes
Ivan Luiz Modesto Schara

Comitê de Governança e Sustentabilidade*

Renato da Cruz Gomes
Ricardo Simonsen
Ricardo Carvalho Giambroni

* Composição em abril de 2007.

Diretoria Executiva

A Diretoria Executiva da Vale é responsável pela consecução da estratégia de negócios definida pelo Conselho de Administração, pela elaboração de planos e projetos, e pelo desempenho operacional e financeiro da Companhia. O diretor-presidente é responsável pela escolha dos demais membros da diretoria, que são ratificados pelo conselho. Atua ainda como interface entre a Diretoria Executiva e o Conselho de Administração.

Em 2006, foi criada uma nova Diretoria Executiva, de Assuntos Corporativos*, com a finalidade de coordenar o relacionamento da Companhia com seus diversos públicos. Essa iniciativa demonstra o quanto a Vale considera estratégico o desenvolvimento de parcerias com os vários setores da sociedade e o investimento contínuo nos relacionamentos com os stakeholders.

As demais Diretorias Executivas da Vale são: Finanças e Relações com Investidores; Recursos Humanos e Serviços Corporativos; Planejamento e Desenvolvimento; Logística; Minerais Ferrosos; Cobre, Carvão e Alumínio; Níquel e Comercialização de Metais Básicos.

* Em abril de 2007, passou a intitular-se Diretoria Executiva de Assuntos Corporativos e Energia.

Código de Conduta Ética

Diretores, conselheiros e empregados da Vale contam com um Código de Conduta Ética, para nortear suas ações, desde 2004. No ano passado, esse código passou por uma revisão, mostrando que a Vale está atenta à evolução do ambiente externo. Outro código, específico para os empregados dos departamentos Financeiro, de Relações com Investidores e de Controladoria, está em vigor desde novembro de 2002. Ambos reforçam o compromisso da Companhia em atuar de forma justa e responsável com os diversos públicos e demonstram a sua crença em que a ética é parte inseparável dos negócios.



O Código de Conduta Ética reforça o compromisso da Companhia em atuar de forma justa e responsável com os diversos públicos.

Vale Investir

Lançado em setembro de 2005, o Vale Investir é um plano de reinvestimento de dividendos recebidos por detentores das ações da Companhia listadas na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). O programa permite que os dividendos e/ou juros sobre capital próprio distribuídos pela Vale sejam automaticamente reaplicados em ações da empresa, que serão adquiridas no mercado secundário.

Segundo a política de remuneração ao acionista da Companhia, em vigor desde 2003, o Conselho de Administração determina até o dia 31 de janeiro de cada ano um valor mínimo por ação a ser distribuído no ano a seus acionistas. Esse valor é pago em duas parcelas semestrais, sob a forma de dividendos e/ou juros sobre o capital próprio. O valor mínimo é estabelecido em função do desempenho esperado no ano da distribuição. Em 2006, a Vale distribuiu R\$ 2,8 bilhões como remuneração aos seus acionistas.

Encontros com analistas e investidores

A Vale tem como política promover reuniões com participantes do mercado de capitais. Em 2006, foram realizados eventos como A Vale Vai à Bovespa e reuniões com a Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec), além da quinta edição anual do CVRD Day na Bolsa de Valores de Nova York (NYSE), em outubro. A Companhia também participa de feiras para investidores pessoa física, como a Expo Money, de reuniões do Instituto Nacional de Investidores (INI), no Brasil, e do Money Show nos EUA.

Desempenho dos Negócios

Em 2006, a Vale registrou recordes na produção de minério de ferro, alumina, alumínio, cobre, potássio e caulim, que se refletiram em embarques recordes desses produtos.

A consolidação da CVRD Inco revelou a maior produção trimestral das operações de níquel, com a marca de 69 mil toneladas de níquel refinado.

Principais recordes de 2006:

Embarques

- minério de ferro e pelotas – 272,682 milhões de toneladas;
- alumina – 3,207 milhões de toneladas;
- alumínio primário – 510 mil toneladas;
- cobre – 169 mil toneladas;
- potássio – 733 mil toneladas;
- caulim – 1,323 milhão de toneladas.

Transporte ferroviário de carga geral para clientes: 28,922 bilhões de toneladas quilômetro útil (tku).

Um dos destaques no ano de 2006 foi o fato de a Vale ter se tornado a maior fornecedora de minério de ferro para a China, para onde foram destinadas 77,873 milhões de toneladas do produto, o que representou um crescimento de 37,8% em relação à marca do ano anterior, de 56,530 milhões de toneladas.

A expansão no fornecimento para a China tem sido constante e consistente. Em 2004, as exportações para esse país representaram 19% das vendas totais de minério de ferro da Vale. No ano seguinte, o percentual subiu para 22,4% e, em 2006, alcançou o patamar de 28,6% do volume total das vendas da Companhia.

Em termos de embarques de minério de ferro, também se destaca o Japão, que no ano passado comprou 28,655 milhões de toneladas do produto, o equivalente a 8,3% das vendas gerais da Companhia; seguido da França, com 4,4%; Coréia do Sul, com 3,7%; e Itália, com 3,4%. Já as vendas realizadas no Brasil, 46,582 milhões de toneladas, representaram 17,1% do total comercializado.

Além da produção recorde de minério de ferro, a Companhia também comemorou em 2006 suas maiores produções de alumina, cobre, potássio e caulim, registrando crescimento de produção em relação ao ano anterior de 53,2%, 12,8%, 14,2% e 11,1%, respectivamente.

Um dos destaques no ano de 2006 foi o fato de a Vale ter se tornado a maior fornecedora de minério de ferro para a China, com crescimento de 37,8% em relação à marca do ano anterior.

Minerais ferrosos

Em 2006, as receitas produzidas pelos minerais ferrosos – minério de ferro, pelotas, manganês e ferroligas – foram de R\$ 27,6 bilhões, com acréscimo de 10,9% em relação a 2005, quando atingiram R\$ 24,9 bilhões.

O vigoroso crescimento da demanda global por minério de ferro e pelotas e a expansão da produção da Vale, proporcionada pela conclusão de projetos e ganhos de produtividade, têm permitido a obtenção de sucessivos recordes nos volumes de vendas. Assim, a quantidade embarcada desses produtos em 2006, de 272,682 milhões de toneladas, foi a maior da história da Companhia, ultrapassando em 8,1% a verificada em 2005.

Minério de ferro

O excepcional crescimento da demanda mundial por minério de ferro tem permitido que a Companhia alcance sucessivos recordes de produção e de vendas. Em 2006, a quantidade de minério de ferro vendida atingiu a marca de 238,728 milhões de toneladas, a maior da história da Vale, ultrapassando em 11,9% a de 2005, que foi de 213,338 milhões de toneladas.

Pelotas

As vendas de pelotas totalizaram 33,954 milhões de toneladas e ficaram 12,6% inferiores ao desempenho do ano anterior, que atingiu 38,851 milhões de toneladas. A principal razão para o declínio foi a paralização das atividades na usina de pelotização de São Luís, no Maranhão, durante quase quatro meses.

Minério de manganês

As atividades com minério de manganês passam por um processo de reestruturação com o fechamento de unidades de custos elevados, mudança na matriz energética e na composição de insumos, além do desinvestimento em ativos não-estratégicos. Como resultado, as vendas de 2006, que foram de 779 mil toneladas, sofreram um declínio de 14,1% em comparação com as de 2005.

Ferroligas

Os negócios com ferroligas também passam por um momento de reestruturação e, em consequência, as vendas durante o ano passado foram de 522 mil toneladas, com redução de 4,6% em relação ao desempenho anterior.

Minerais não-ferrosos

A receita de vendas de minerais não-ferrosos – níquel, cobre, caulim, potássio, metais preciosos e cobalto – totalizou R\$ 8,5 bilhões, uma marca histórica para a Companhia, que se tornou um dos mais importantes players no mercado global de metais básicos com a aquisição da Inco. A consolidação da CVRD Inco contribuiu com R\$ 6,0 bilhões para o incremento de R\$ 6,8 bilhões entre os anos de 2005 e 2006.

Níquel

As vendas de níquel em 2006 atingiram 73,8 mil toneladas. Em termos pro forma e já considerando a consolidação da CVRD Inco, a Vale assumiu a condição de maior empresa produtora de níquel refinado do mundo, com uma produção de 250,6 mil toneladas.

Cobre

A consolidação da CVRD Inco também elevou a venda total de cobre, que alcançou 169 mil toneladas. Excluindo a consolidação da CVRD Inco, as vendas da Companhia no ano foram de 128 mil toneladas, uma ampliação de 7,3% em relação às vendas de 2005.

Caulim

A Vale atingiu uma marca histórica de vendas desse minério em 2006, ao embarcar um volume de 1,323 milhões de toneladas, registrando crescimento de 8,6% em comparação com o volume vendido em 2005.

Potássio

Outro minério que registrou recorde de produção e de vendas em 2006 foi o potássio. O total vendido foi de 733 mil toneladas, 14,2% a mais se comparado com as 641 mil toneladas do ano anterior. A conclusão do projeto de ampliação da capacidade nominal de produção da Unidade Operacional de Taquari-Vassouras para 850 mil toneladas possibilitou o crescimento nas vendas.

Metais preciosos e cobalto

Em 2006, os metais preciosos (ouro e prata) e os do grupo da platina (PGMs), extraídos como subprodutos das operações de níquel no Canadá, contribuíram com R\$ 221 milhões para a receita total da Companhia, sendo que os de platina foram de R\$ 108 milhões. As vendas de cobalto chegaram a R\$ 40 milhões.



“

Nippon Steel e Vale vêm mantendo boas relações por mais de meio século. Apesar de estarem localizadas em lados opostos do globo terrestre, nossas companhias desenvolveram, por meio da troca de informações, estratégias de expansão dos negócios, tais como colocar em operação cargueiros de grande porte e construir instalações portuárias eficientes. Nesse processo, a relação fornecedor-cliente evoluiu para algo maior, levando à administração compartilhada do projeto Nibrasco e à cooperação da Nippon Steel no desenvolvimento da mina de Carajás. Mais recentemente, em dezembro do ano passado, iniciamos uma aliança estratégica e, neste outono, um cargueiro de 320.000 dwt deve iniciar operações em rota única. Buscamos elevar nossa produção gradualmente expandindo a capacidade dos altos-fornos, e é nosso mais profundo desejo continuar numa trajetória de crescimento, juntamente com a Vale, a maior produtora mundial de minério de ferro.

Akio Mimura, presidente e diretor representante – Nippon Steel Corporation, cliente desde 1955.

”

Alumínio

No ano passado, a receita bruta proporcionada pela venda dos produtos da cadeia de alumínio foi de R\$ 5,5 bilhões, representando 11,8% do total faturado pela Companhia e ficando 43,5% acima da marca verificada em 2005 de R\$ 3,8 bilhões.

Bauxita

Em decorrência da necessidade de alimentar a operação dos módulos 4 e 5 da refinaria de Barcarena, as vendas de 2006 ficaram em 4,085 milhões de toneladas, menores do que as verificadas em 2005, que alcançaram 5,600 milhões de toneladas.

Alumina

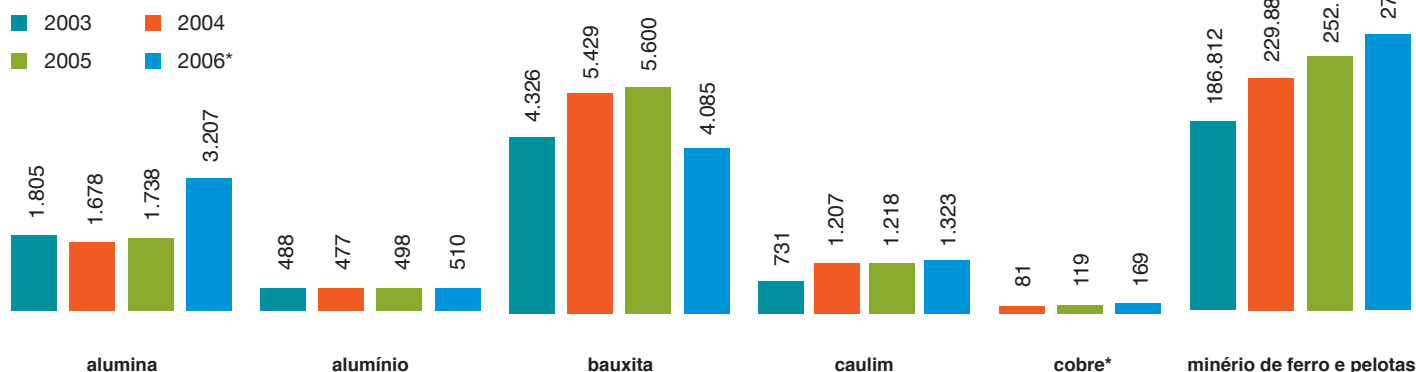
O expressivo crescimento (84,5%) no volume vendido de alumina é resultado direto da expansão da refinaria de Barcarena, que, com a entrada em operação do módulo 4 e 5 no primeiro semestre de 2006, teve a capacidade nominal de produção ampliada para 4,3 milhões de toneladas/ano. Em razão disso, as vendas alcançaram o recorde de 3,207 milhões de toneladas, contra 1,738 milhão de toneladas em 2005.

Alumínio

As vendas de alumínio primário, 510 mil toneladas em 2006 – outro recorde – foram superiores em 12 mil toneladas às realizadas em 2005.

Vendas

mil toneladas



* 2006 considera dois meses de CVRD Inco.

Serviços de logística

Em 2006, os serviços de logística geraram receita bruta de R\$ 3,4 bilhões – 7,3% do total da Companhia e 3,5% acima do montante de 2005, que foi de R\$ 3,3 bilhões. O transporte ferroviário de carga geral contribuiu com R\$ 2,6 bilhões; os serviços portuários, com R\$ 515 milhões; e a navegação de cabotagem e os serviços de apoio portuário, com R\$ 312 milhões.

As ferrovias administradas pela Companhia – Estrada de Ferro Carajás (EFC), Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), Ferrovia Centro-Atlântica (FCA) e MRS Logística (MRS) – transportaram 28,922 bilhões de toneladas quilômetro útil (tku) de carga geral para clientes, volume bastante semelhante ao do ano anterior, que foi de 28,379 tku.

As principais cargas transportadas foram insumos e produtos da indústria do aço, 45,1%; produtos agrícolas, principalmente soja, açúcar e fertilizantes, 38,3%; combustível, 7,2%; e insumos para construção civil e produtos florestais, 6,4%. Pelo segundo ano consecutivo, problemas na produção brasileira de grãos e de aço limitaram uma expansão maior dos nossos serviços logísticos.

Os portos e terminais marítimos da Companhia movimentaram 29,600 milhões de toneladas de carga geral, comparados a 30,530 milhões de toneladas em 2005.



Desempenho Econômico-Financeiro

O desempenho econômico-financeiro da Vale em 2006 teve como principais destaques:

- receita bruta de R\$ 46,7 bilhões, com crescimento de 32,2% em comparação a 2005;
- exportações consolidadas de US\$ 9,6 bilhões, com aumento de 37,5% em relação a 2005;
- exportações líquidas (exportações menos importações) de US\$ 8,8 bilhões, 38,6% acima do verificado em 2005. A Companhia contribuiu com 19,0% do superávit da balança comercial brasileira em 2006;
- lucro operacional medido pelo Ebit de R\$ 20,1 bilhões, margem Ebit de 44,4%;
- geração de caixa medida pelo Ebitda de R\$ 22,7 bilhões;
- lucro líquido de R\$ 13,4 bilhões, correspondente a R\$ 5,56 por ação;
- investimentos de US\$ 26,3 bilhões, sendo US\$ 3,5 bilhões em crescimento orgânico, US\$ 1,3 bilhão na sustentação dos negócios existentes e US\$ 21,5 bilhões em aquisições (computados de acordo com os princípios contábeis geralmente aceitos nos Estados Unidos – US GAAP).

Indicadores Financeiros Selecionados

R\$ milhões	2003	2004	2005	2006 ¹
Receita operacional bruta	20.895	29.020	35.350	46.746
Exportações (US\$ milhões)	4.229	5.534	7.021	9.656
Exportações líquidas (US\$ milhões)	3.672	4.618	6.339	8.784
Ebit	6.665	10.306	14.556	20.089
Margem Ebit (%)	33,1	37,4	42,8	44,4
Ebitda	8.100	12.249	16.701	22.759
Lucro líquido	4.509	6.460	10.443	13.431
Lucro líquido por ação (R\$) ²	1,96	2,81	4,54	5,56
ROE anualizado (%)	31,7	34,8	43,3	34,4
Investimentos ³ (US\$ milhões)	1.988	2.092	4.998	26.324

¹ Indicadores financeiros consideram a consolidação da CVRD Inco a partir do quarto trimestre de 2006.

² Ajustado pelos desdobramentos de ações.

³ Inclui aquisições.

Receita operacional

A receita operacional bruta em 2006 foi de R\$ 46,7 bilhões, a mais elevada da história da Companhia, ficando 32,2% acima da obtida no ano anterior, R\$ 35,3 bilhões, e 61,1% maior que em 2004, R\$ 29,0 bilhões.

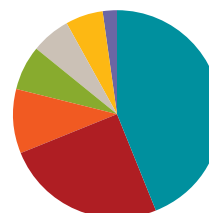
A consolidação da CVRD Inco contribuiu com R\$ 6,0 bilhões para o aumento da receita operacional. Os reajustes nos preços foram responsáveis por R\$ 6,0 bilhões, as variações de volume por R\$ 2,8 bilhões e a valorização da moeda brasileira ante o dólar norte-americano durante o ano passado promoveu impacto negativo de R\$ 3,4 bilhões.

Em 2006, as vendas de minerais ferrosos concorreram com 59,1% da receita bruta. Os minerais não-ferrosos foram responsáveis por 18,2%; os produtos da cadeia do alumínio – bauxita, alumina e alumínio – por 11,8%; os serviços de logística, por 7,3%; e os produtos siderúrgicos, por 3,2%.

As demonstrações contábeis da subsidiária CVRD Inco foram consolidadas nos resultados em BR GAAP a partir do quarto trimestre de 2006. Como a aquisição foi realizada no dia 24 de outubro de 2006, apenas pouco mais de dois meses do último trimestre são considerados nos dados consolidados. O gráfico ao lado mostra a composição da receita bruta consolidada pro forma em BR GAAP para o ano de 2006, isto é, incluindo 12 meses de CVRD Inco.

Receita Operacional Bruta 2006

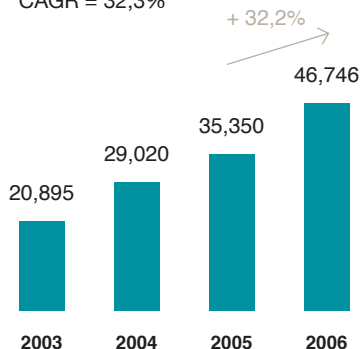
Pro forma R\$ 58,4 bilhões



Receita Operacional Bruta

R\$ milhões

CAGR = 32,3%



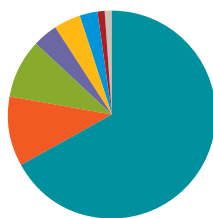
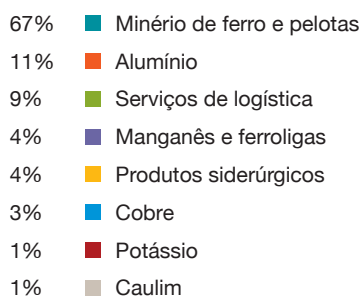
As receitas de vendas de minério de ferro e pelotas passaram a representar 44,0% das receitas totais de R\$ 58,4 bilhões em 2006. Ao mesmo tempo as vendas de níquel somaram 25,0% da receita, as dos produtos da cadeia do alumínio – bauxita, alumina, alumínio – 10,0%, cobre 7,0%, serviços de logística 6,0%, manganês e ferroligas 2,0% e os outros produtos 6,0%. Tal distribuição revela um portfólio de produtos bem mais diversificado.

A Ásia passou a ser o principal destino das vendas, com 37,3% do total da receita, superando as Américas, com 33,4%. As receitas de vendas, especialmente para a China, continuaram a crescer fortemente no ano passado, com aumento de 61,4%, passando de R\$ 5,1 bilhões em 2005, ou 14,6% da receita total da Companhia, para R\$ 8,3 bilhões em 2006 – 17,8%. No último ano, a Vale transformou-se no maior fornecedor isolado de minério de ferro para o mercado chinês, com embarques de 77,9 milhões de toneladas.

Receita Bruta por Produto

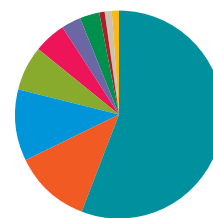
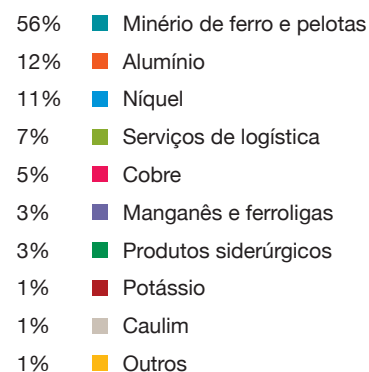
2005

R\$ 35,3 bilhões



2006

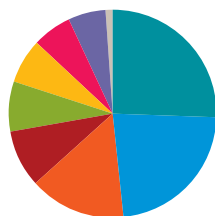
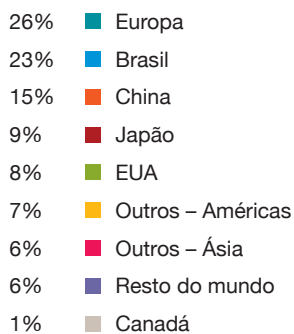
R\$ 46,7 bilhões



Receita Bruta por Destino

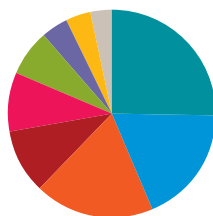
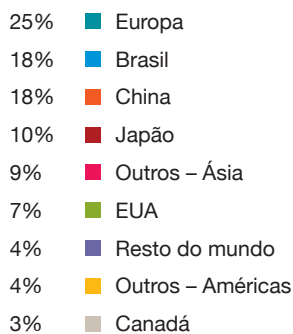
2005

R\$ 35,3 bilhões



2006

R\$ 46,7 bilhões

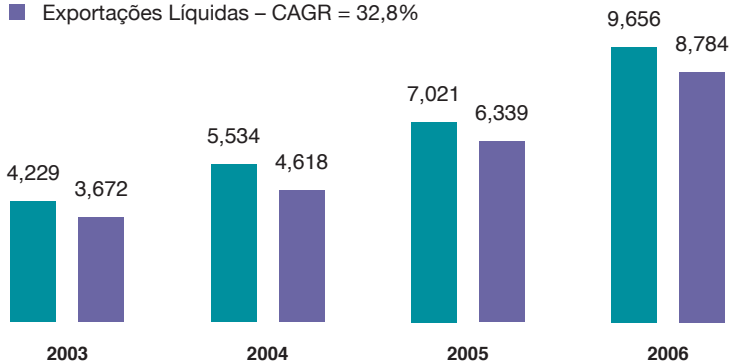
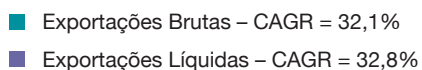


Apesar de o mercado brasileiro ter contribuído com R\$ 8,6 bilhões para a receita da Companhia, incremento de 6,3% em relação a 2005, sua participação na receita total da Vale recuou de 22,8% em 2005 para 18,4% em 2006. A participação pouco expressiva nos embarques de níquel e cobre e a tímida expansão das vendas de minério de ferro, de apenas 2,1%, explicam essa mudança.

A receita operacional líquida apurada no ano somou R\$ 45,3 bilhões, representando um crescimento de 33,2% quando comparada com 2005.

Exportações

US\$ bilhões



Custos e despesas operacionais

Em 2006, o custo dos produtos vendidos (CPV) da Companhia totalizou R\$ 20,7 bilhões, com elevação de 27,3% em relação a R\$ 16,3 bilhões em 2005. O principal item de custo foram os gastos com serviços contratados, R\$ 4,2 bilhões, representando 20,2% do CPV total. A consolidação da CVRD Inco também influenciou os custos.

As despesas com energia elétrica, combustíveis e gases interferiram na majoração dos custos, totalizando R\$ 3,9 bilhões. A intensificação das atividades produtivas da Companhia contribuiu igualmente para o aumento das despesas operacionais. Os gastos com material contribuíram com R\$ 3,5 bilhões do CPV (R\$ 3,1 bilhões em 2005), sendo R\$ 275 milhões, ou 7,9%, relativos à CVRD Inco. Os principais componentes desse item são gastos com peças e componentes de equipamentos, insumos, pneus e correias transportadoras.

As despesas com pessoal foram de R\$ 2,3 bilhões – com a CVRD Inco sendo responsável por R\$ 520 milhões –, enquanto em 2005 somaram R\$ 1,4 bilhão. Em 2006, não houve aumento de salários decorrente de acordo coletivo. A Companhia celebrou acordo com os empregados para reajuste anual de salários de 3,0% a partir de janeiro de 2007 válido até outubro deste ano, sendo pago um bônus extraordinário aos empregados em agosto de 2006.

Como consequência da expansão na base de ativos da Companhia, que passou de R\$ 33,8 bilhões no final de 2005 para R\$ 77,6 bilhões no final de 2006, houve aumento de R\$ 439 milhões nas despesas com depreciação e exaustão, que foram de R\$ 1,8 bilhão para R\$ 2,3 bilhões. A CVRD Inco colaborou com R\$ 267 milhões desse incremento.

Os gastos com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), no valor de R\$ 1,0 bilhão, foram 55,1% superiores aos realizados em 2005, R\$ 672 milhões, e 136,8% acima dos efetuados em 2004, R\$ 440 milhões. Das despesas realizadas em 2006, R\$ 84 milhões foram relativas à CVRD Inco. O crescimento verificado nos últimos anos deriva da execução da estratégia da Vale com foco em crescimento orgânico, o que implica necessariamente a ampliação dos investimentos em exploração mineral e em estudos de viabilidade para o desenvolvimento de depósitos minerais em diversos países.

As demais despesas operacionais totalizaram R\$ 1,4 bilhão em 2006, apresentando elevação de R\$ 619 milhões em relação ao ano anterior. Boa parte dessa evolução deveu-se à provisão de R\$ 364 milhões para investimento futuro em fechamento de minas e recuperação ambiental de áreas mineradas, construção e melhoria de barragens, além de outras ações preventivas relacionadas à proteção do meio ambiente.



Resultado operacional

O lucro operacional da Companhia registrou novo recorde em 2006: R\$ 20,1 bilhões, o mais elevado de sua história. O Ebit cresceu 38,0% em relação a 2005, o que foi influenciado pelo aumento de R\$ 11,3 bilhões na receita líquida, parcialmente compensado pelo acréscimo de R\$ 4,4 bilhões no CPV e R\$ 1,3 bilhão nas despesas operacionais. A margem Ebit em 2006 foi de 44,4%.

Desse montante, o resultado da CVRD Inco foi responsável por R\$ 2,9 bilhões. Se a contribuição dessa subsidiária não fosse considerada, o Ebit em 2006 teria sido 18,0% superior ao registrado em 2005.

Em 2006, o desinvestimento de ativos gerou ganhos de R\$ 1,2 bilhão: GIIIC, R\$ 737 milhões; Usiminas, R\$ 135 milhões; Siderar R\$ 197 milhões; Gerdau, R\$ 123 milhões; e Nova Era Silicon, R\$ 20 milhões. As vendas de ações da Usiminas e Siderar foram contabilizadas no quarto trimestre, enquanto os ganhos de R\$ 34 milhões no caso da Gerdau

foram registrados no terceiro trimestre, e os restantes R\$ 89 milhões no último trimestre do ano. Em 2005, o ganho com vendas de ativos foi de R\$ 298 milhões. O resultado financeiro líquido foi negativo em R\$ 1,7 bilhão contra R\$ 1,3 bilhão, também negativo, em 2005.

As despesas financeiras passaram de R\$ 1,6 bilhão em 2005 para R\$ 2,9 bilhões em 2006. O principal motivo para esse incremento foi o aumento da dívida média, de US\$ 4,1 bilhões em 2005 para US\$ 10,1 bilhões em 2006. Já as receitas financeiras totalizaram R\$ 761 milhões, ante R\$ 339 milhões no ano anterior, devido a taxas de juros mais elevadas e ao incremento no valor médio das disponibilidades de caixa.

O comportamento das variações monetárias também foi favorável à melhoria do resultado financeiro, colaborando com R\$ 438 milhões adicionais.

Em 2006, o resultado de participações societárias impactou negativamente a Companhia em R\$ 199 milhões, apresentando variação de R\$ 468 milhões em relação ao ano anterior, quando se registrou um saldo positivo de R\$ 269 milhões. Houve um aumento no pagamento de ágio em empresas consolidadas, referente à Caemi (R\$ 435 milhões em 2006, ante R\$ 142 milhões em 2005) e à CVRD Inco (R\$ 119 milhões em 2006). As contribuições dadas pelas participações da Vale em empresas siderúrgicas somaram R\$ 317 milhões; e pelas joint ventures para produção de carvão na China, R\$ 56 milhões.

O ágio referente à aquisição da Inco será amortizado num período de dez anos. Deve-se salientar que as amortizações não gerarão efeitos fiscais nem financeiros.

Lucro líquido

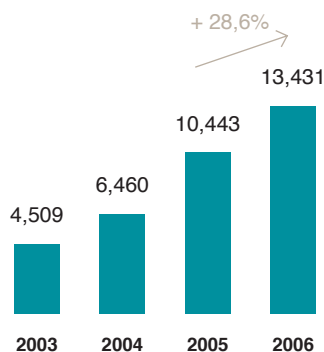
Em 2006, o lucro líquido alcançou R\$ 13,4 bilhões, equivalente a R\$ 5,56 por ação, aumentando 28,6% em relação ao resultado de 2005, R\$ 10,4 bilhões. A parcela relativa aos resultados da CVRD Inco somou R\$ 867 milhões em 2006.

A variação entre os anos de 2005 e 2006 ocorreu devido ao incremento de R\$ 5,5 bilhões no lucro operacional, parcialmente compensados pelo impacto negativo de R\$ 469 milhões no resultado financeiro líquido e R\$ 513 milhões no resultado não-operacional, pela redução de R\$ 468 milhões no resultado de participações societárias e de R\$ 73 milhões nas participações de minoritários.

Lucro Líquido

R\$ bilhões

CAGR = 60,1%



Geração de caixa: Ebitda

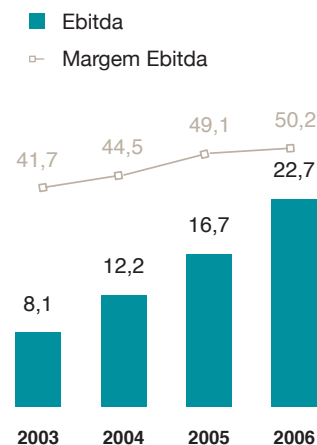
A geração de caixa medida pelo Ebitda em 2006 totalizou R\$ 22,7 bilhões, e a contribuição dada pela CVRD Inco somou R\$ 3,2 bilhões. Em comparação ao ano anterior, quando alcançou R\$ 16,7 bilhões, o Ebitda apresentou crescimento de 36,3%.

Os principais fatores que explicam o aumento de R\$ 6,0 bilhões no Ebitda de 2006 relativamente a 2005 são o incremento de R\$ 5,5 bilhões no Ebit e de R\$ 536 milhões na depreciação. Durante o ano de 2006, a Companhia recebeu R\$ 140 milhões relativos a dividendos de empresas não-consolidadas, ante o recebimento de R\$ 151 milhões em 2005.

A distribuição da geração de caixa por área de negócio em 2006 foi: minerais ferrosos 64,6%; minerais não-ferrosos 18,6%; produtos da cadeia do alumínio 10,7%; logística 6,1%; siderurgia 1,5%; descontando-se os gastos com P&D, que representaram 1,5% do Ebitda.

Ebitda

R\$ bilhões



Estrutura de capital

Endividamento

O forte e continuado crescimento das vendas dos últimos anos tem possibilitado o financiamento das iniciativas comerciais da Companhia, permitindo que os projetos sejam avaliados e aprovados de acordo com seu próprio mérito. Todos os dados de endividamento a seguir estão de acordo com o conceito US GAAP (princípios de contabilidade geralmente aceitos nos EUA). Entre 2001 e 2006, incluindo-se as aquisições, foram investidos US\$ 36,7 bilhões, sendo também paga remuneração ao acionista no valor de US\$ 5,7 bilhões.

A Vale completou com sucesso três transações – emissões de bônus (US\$ 3,75 bilhões) e debêntures não-conversíveis (US\$ 2,6 bilhões) e financiamento de pré-pagamento de exportações (US\$ 6,0 bilhões) – destinadas ao refinanciamento de 84% do valor do empréstimo-ponte de US\$ 14,6 bilhões, utilizado para o pagamento da aquisição da Inco. Com a realização de outras operações de menor porte e o uso do fluxo de caixa livre, o pagamento total desse empréstimo deverá ser concluído no segundo trimestre de 2007.

Tendo em vista que a operação de pré-pagamento de exportações só foi concretizada efetivamente em janeiro de 2007, as condições favoráveis obtidas nessas transações encontram-se apenas parcialmente refletidas na posição de 31 de dezembro de 2006: alongamento do prazo médio da dívida para 8,36 anos contra 7,89 anos ao final do ano anterior; e redução de seu custo médio de 7,47% em 2005 ao ano para 6,37%.

A dívida total da Companhia em 31 de dezembro de 2006 era de US\$ 22,6 bilhões, tendo aumentado em US\$ 17,6 bilhões em relação à posição de 31 de dezembro de 2005, de US\$ 5,0 bilhões. A dívida total era composta por 62% de obrigações atreladas a taxas de juros flutuantes e 38% a taxas de juros fixas. Ao mesmo tempo, 85% da dívida era denominada em dólares norte-americanos e 15% em reais, euros, ienes e outras moedas.

A dívida líquida em 31 de dezembro de 2006 era de US\$ 18,1 bilhões, com posição de caixa de US\$ 4,4 bilhões, a qual continha recursos que seriam destinados à compra das ações remanescentes da Inco.

A alavancagem, medida pela relação dívida bruta/Ebitda ajustado, passou de 0,77x em 31 de dezembro de 2005 para 2,00x em 31 de dezembro de 2006. A relação entre dívida total e enterprise value passou de 10,1% para 25,7%. A cobertura de juros, medida pela relação Ebitda ajustado/juros pagos reduziu-se de 25,95x no final de 2005 para 15,94x no final de 2006, mas ainda permanece em níveis extremamente confortáveis.

Indicadores de Endividamento

US\$ milhões	2003	2004	2005	2006
Dívida bruta	4.028	4.088	5.010	22.581
Dívida líquida	3.443	2.839	3.969	18.133
Dívida bruta/LTM Ebitda ajustado (x)	1,89	1,10	0,77	2,00 ¹
LTM Ebitda ajustado/ LTM pagamento de juros (x)	11,51	12,41	25,95	15,94
Dívida bruta/EV (x)	0,16	0,12	0,10	0,26

Enterprise Value = *capitalização de mercado + dívida líquida.*

¹ *Considerando consolidação pro forma.*

Consolidação da CVRD Inco

Em outubro de 2006, a Vale anunciou a compra da mineradora canadense Inco, detentora das maiores reservas de níquel no mundo.

A Inco é também uma das produtoras de níquel de menor custo e, devido ao seu excepcional portfólio de projetos, possui o maior potencial de crescimento entre os seus concorrentes. Líder em tecnologia de níquel, possui uma marca tradicional e oferece produtos premium para revestimentos, ligas especiais de níquel e superligas.

A compra da Inco Ltd. constitui-se na maior aquisição já realizada na América Latina e foi financiada em condições bastante favoráveis, que permitiram à Companhia continuar a ter uma dívida com perfil de baixo risco e um balanço altamente saudável. Com a aquisição, a Vale passou a ser uma das líderes do mercado global de níquel, além de ampliar a diversificação geográfica e de seu portfólio de produtos.

Concluídas as negociações para a aquisição, foi constituída a CVRD Inco Ltd. (CVRD Inco) pela incorporação da Inco Ltd. e da Itabira Canadá, subsidiária da Vale. A CVRD Inco passou a operar e a gerenciar os negócios relacionados ao níquel, assim como as atividades de marketing e vendas de metais básicos a partir da sede em Toronto.

Para garantir o sucesso da CVRD Inco no longo prazo, os investimentos no Canadá serão expandidos em diversas áreas, inclusive em exploração, pesquisa e desenvolvimento, por um período de três anos. Tais investimentos irão fortalecer a posição atual e futura da empresa como líder no mercado mundial de níquel e contribuirão para garantir a viabilidade no longo prazo das atividades da CVRD Inco em Sudbury, em Ontário; Thompson, em Manitoba; e Voisey's Bay, em Newfoundland.

Com o objetivo de assegurar sinergia com as demais empresas integrantes e coligadas da Vale espalhadas pelo mundo, as atividades de exploração mineral e gestão de suprimentos da Companhia foram integradas em divisões globais. O centro de pesquisa mineral está baseado em Belo Horizonte, Brasil, com cinco escritórios de vendas: Lima, no Peru; Toronto, no Canadá; Joanesburgo, na África do Sul; Brisbane, na Austrália; e Saint Prex, na Suíça.

Embora o negócio tenha sido fechado quase no fim do ano, os resultados das melhorias operacionais já surgem no ganho de produtividade nas minas de Thompson, Sudbury, na planta de Clarabelle e também na otimização dos fluxos de materiais em Sudbury. Como consequência, a produção de níquel refinado atingiu recorde trimestral de 69 mil toneladas no quarto trimestre do ano, superando a melhor marca anterior, que foi alcançada no quarto trimestre de 2004.



“

O relacionamento entre a Vale e a CVRD Inco é marcado pelo respeito e pelo desafio. As reuniões já mostram uma mistura de *expertises* entre os empregados da CVRD Inco e os empregados da Vale, demonstrando um ganho expressivo na unificação entre as duas empresas. Todas as atenções estão voltadas para que continuemos garantindo a segurança dos empregados enquanto aumentamos a produção com um alto nível de qualidade e mantendo os custos sob controle. Estou muito animado com as possibilidades pessoais e profissionais que terei na CVRD Inco e vejo um futuro de ainda mais crescimento.

Jason Simpson, encarregado geral de produção – CVRD Inco.

”

Além dessas reformulações, foi formada uma equipe de profissionais da Vale, CVRD Inco e Goro Nickel Inc. para promover uma completa reavaliação do projeto da Goro, a fim de minimizar riscos políticos, ambientais, tecnológicos e operacionais.

Os executivos e empregados da CVRD Inco pretendem seguir as mesmas premissas corporativas de sustentabilidade, comprometendo-se com o crescimento da região mineral de Ontário (Ontario's mining cluster). Uma das primeiras ações de envolvimento é a participação da empresa como membro do Mineral Industry Cluster Council, uma iniciativa do governo canadense, com o apoio de líderes comunitários e sindicais e empresas da região, que discute ações e projetos para que os trabalhadores em minas e suas famílias possam beneficiar-se da prosperidade gerada pela atividade de mineração nessas localidades.

A CVRD Inco vai respeitar todos os acordos celebrados com os governos das províncias, governos locais, sindicatos de trabalhadores e grupos aborígenes, incluindo a Labrador Inuit Association e a Innu Nation, no Canadá. Os executivos e empregados vão trabalhar para cumprir os compromissos estabelecidos com o financiamento de instituições de ensino, inclusive os acordos celebrados com o Centre for Excellence in Mining Innovation, da Laurentian University, em Sudbury.



Investimentos

Em 2006, a Companhia investiu US\$ 26,3 bilhões, sendo US\$ 3,464 bilhões em crescimento orgânico – US\$ 2,988 bilhões em projetos e US\$ 476 milhões em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) –, US\$ 1,360 bilhão na sustentação dos negócios existentes e US\$ 21,5 bilhões em aquisições.

A Vale realizou quatro aquisições no ano passado: Inco (US\$ 19,0 bilhões), Caemi (US\$ 2,4 bilhões), Rio Verde Mineração (US\$ 47 milhões) e Valesul (US\$ 27,5 milhões).

O investimento de US\$ 19,0 bilhões na aquisição da Inco compreende o preço de US\$ 17,8 bilhões acrescidos de US\$ 1,2 bilhão correspondente à dívida líquida dessa empresa. Foram pagos a seus acionistas US\$ 15,8 bilhões em 2006 e US\$ 2,0 bilhões neste ano. A compra de 39,8% do capital da Caemi pertencente a acionistas minoritários foi efetuada mediante troca por ações preferenciais da Companhia, não envolvendo, portanto, desembolso financeiro.

Fora as operações de aquisição, nos últimos 12 meses, foram colocadas em operação, por exemplo, expansões na capacidade produtiva de Carajás, no Pará, que viabilizam produção anual de 100 milhões de toneladas, e na nova mina de Brucutu, no Estado de Minas Gerais, com capacidade nominal para 30 milhões de toneladas de minério de ferro.

Também em 2006 foi feita a expansão da refinaria de alumina da Alunorte, no Pará, para capacidade de 4,3 milhões de toneladas por ano; e ainda a da usina hidrelétrica de Capim Branco I, em Minas Gerais.

Por considerar prioridade estratégica sua atuação orientada para a sustentabilidade, a Vale intensificou os investimentos em ações de proteção ao meio ambiente. No total foram investidos, em 2006, R\$ 317 milhões (US\$ 145 milhões). Como resultado concreto da atenção à área ambiental, foram reabilitados nos últimos cinco anos cerca de 2.350 hectares com espécies nativas dos ecossistemas da Mata Atlântica, do Cerrado e da Amazônia. Já os investimentos em ações sociais alcançaram R\$ 286 milhões (US\$ 131 milhões) em 2006.

Mercado de Capitais

Em 31 de dezembro de 2006, o número total de ações da Vale em circulação era de 2.416.193.522, sendo 1.471.607.838 ações ordinárias (ON) e 944.585.684 ações preferenciais Classe A (PN).

Do capital total em circulação, 396.824.983 correspondiam a ADRs representativos de ações ordinárias (27,0% das ações ON), enquanto 433.511.951 equivaliam a ADRs representativos de ações preferenciais Classe A (45,9% dessa classe de ações). Cada ADR equivale a uma ação ON ou PN. Estavam em tesouraria 28.291.020 ações ordinárias e 15.172.516 ações preferenciais Classe A.

Ao final de 2006, estavam disponíveis para negociação em bolsa de valores, o chamado free float, 1.500.111.320 ações, correspondente a 62,1% do capital total. Em dezembro de 2005, o free float era de 60,2%.

Em janeiro de 2006, o Conselho de Administração da Companhia aprovou a incorporação de todas as ações preferenciais da Caemi Mineração e Metalurgia S.A. (Caemi) em circulação. Os acionistas não controladores da Caemi receberam 0,04115 ações PNA de emissão da Vale por ação preferencial de emissão da Caemi. Após a incorporação, a Vale passou a deter a totalidade das ações da Caemi.

A Companhia também realizou, em maio de 2006, desdobramento acionário em que cada ação da Vale negociada na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) foi desdobrada em duas ações.

A Valepar, acionista controladora da Vale, possuía em dezembro de 2006 32,5% do total de ações em circulação. Um ano antes, esse percentual era de 34,1%. Os investidores estrangeiros (detentores de ADRs e ações compradas diretamente na Bovespa) aumentaram sua participação no capital total da Vale de 41,0%, no final de 2005, para 42,3%, no fim de 2006. Em relação aos investidores brasileiros, esse percentual aumentou de 19,2% para 19,7%, no mesmo período.

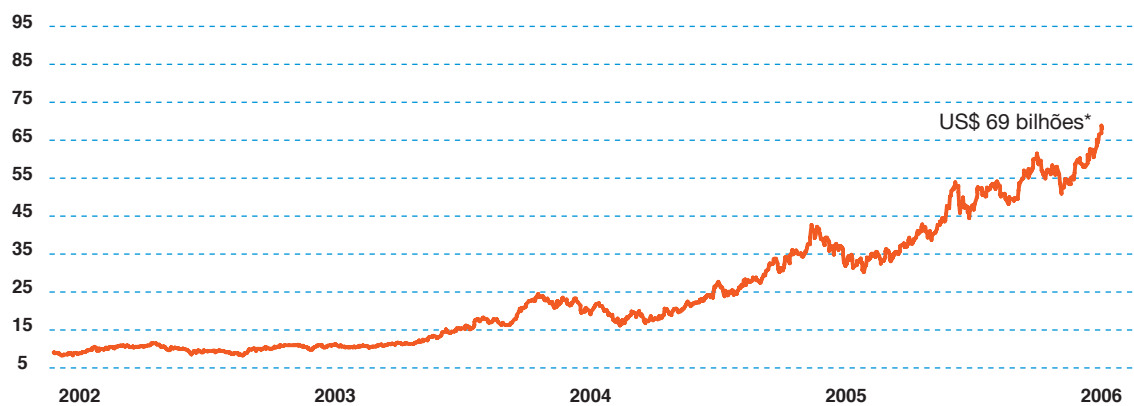
No período entre 2001 e 2006, a Companhia distribuiu aos seus acionistas R\$ 14,8 bilhões sob a forma de dividendos e juros sobre o capital próprio. Somente em 2006, foram pagos R\$ 2,8 bilhões, equivalente a R\$ 1,147 por ação.

As ações negociadas na Bovespa, Vale ON e Vale PNA, apresentaram valorização de 33,4% e 29,2%, respectivamente, enquanto o índice Bovespa teve incremento de 32,9%. Os preços dos ADRs transacionados na New York Stock Exchange (NYSE), RIO e RIO PR tiveram alta de 44,6% e 44,8%, respectivamente, superando o desempenho do MSCI Metals & Mining, índice representativo dos preços das ações da indústria global de mineração e metais, que teve aumento de 36,9%.

A Companhia consolidou-se como a segunda maior empresa de mineração do mundo, tendo sua capitalização de mercado ultrapassado a barreira dos US\$ 97 bilhões em abril de 2007, depois de chegar a US\$ 69 bilhões no fim de dezembro de 2006. Em 2006, o retorno total para o acionista, medido em dólares norte-americanos, foi de 47,9%. A Companhia atingiu a média anual de 42,7% entre os anos de 2001 e 2006, liderando o ranking das maiores empresas globais de mineração e metais.

Evolução do Valor de Mercado

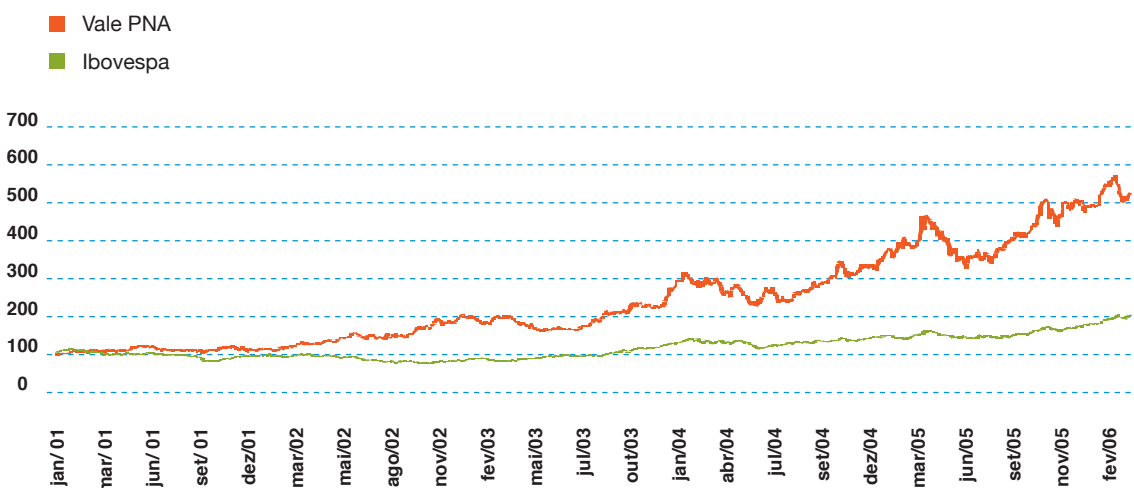
US\$ bilhões



* em dez/2006

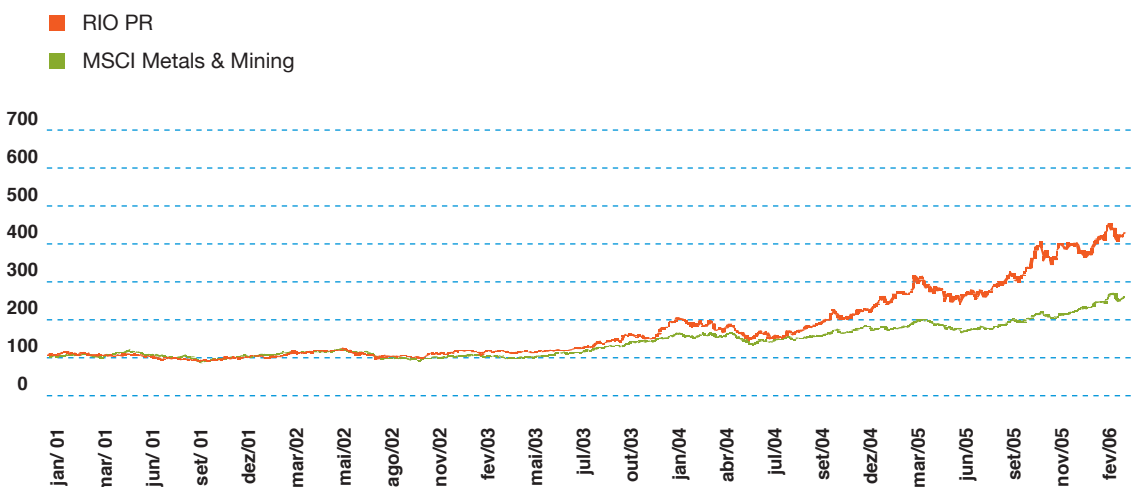
Vale PNA x Ibovespa

base: jan/2001 = 100



RIO PR x MSCI Metals & Mining

base: jan/2001 = 100



Gestão de Riscos

O gerenciamento de risco em grandes empresas, como a Vale, está relacionado às melhores práticas de Governança Corporativa e à crescente necessidade de uma visão mais holística a respeito dos riscos inerentes aos negócios.

Ciente disso e preocupada em garantir que o plano estratégico da Companhia se materialize de forma eficaz, a alta administração submeteu ao Conselho de Administração a Política de Gestão de Risco Corporativo, obtendo aprovação em dezembro de 2005.

A nova política começou a ser implementada em 2006 e tem como objetivo apoiar o plano de crescimento da Vale, fortalecer sua estrutura de capital e permitir um grau adequado de flexibilidade na gestão financeira, alinhando as práticas entre as diversas unidades e departamentos da empresa. Ela aborda riscos de mercado, de crédito, estratégicos e operacionais, sendo sua execução de responsabilidade do Comitê Executivo de Gestão de Risco, que apóia a Diretoria Executiva da Companhia nas questões relacionadas ao tema.

O resultado de uma análise de risco eficiente propicia à organização maior controle sobre os negócios, estabelecendo os mecanismos de gestão que devem ser implementados a curto, médio e longo prazos. Dessa forma, os ativos da Vale serão protegidos com investimentos adequados a seu valor e risco.

Alguns dos benefícios gerados na implantação do processo corporativo de gestão de risco, com uma abordagem mais ampla, são o aumento da transparência, a melhor comunicação entre as unidades de negócio, o auxílio na decisão de hedge financeiro e a avaliação do impacto de cenários adversos no desempenho da Companhia.

Em 2006, a Vale implantou a primeira etapa da política, com a mudança de processos para a gestão de riscos de mercado e de crédito, que passaram a ser vinculados de forma sistêmica às áreas comerciais. Em relação à gestão integrada de riscos operacionais, o projeto começará a ser desenvolvido em 2007. Com a implementação dessa segunda etapa, a Política de Gestão de Risco Corporativo se estenderá aos processos produtivos, e a Vale passará a usufruir dos benefícios de uma visão totalmente integrada dos riscos associados a seus negócios, otimizando ainda mais os processos de mitigação e difundindo a consciência e a cultura de risco em toda a Companhia.



“

A Vale é uma grande parceira no desenvolvimento de Minas Gerais, tanto do ponto de vista econômico quanto em relação aos compromissos sociais firmados com as comunidades. Propicia oportunidades de negócio e desenvolve as empresas locais. Essa união traz excelentes resultados para os fornecedores mineiros e também para a Companhia, que conta com parceiros mais qualificados e competitivos. A expectativa é que a Vale continue crescendo e que as empresas mineiras cresçam junto, fornecendo não só para os negócios da Companhia em Minas Gerais, mas também no Brasil e no mundo.

Robson Andrade, presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg).

”

Perspectivas de Negócios

Todas as projeções apontam para a continuidade da forte expansão da economia mundial em 2007.

Mesmo a retração do setor imobiliário residencial dos EUA parece, segundo analistas, não ter contaminado outros setores da economia norte-americana, e, provavelmente, não significa riscos de reversão no atual cenário de crescimento. O que sustenta tal expectativa é o fato de que o mercado financeiro mantém-se bastante saudável, não havendo indicações de deterioração na qualidade do crédito, e as taxas de juros de longo prazo continuam estáveis.

Outro indicador otimista é que o Global Manufacturing PMI, elaborado pelo JP Morgan, que mede o desempenho da indústria de transformação global, registrou em fevereiro de 2007 o primeiro aumento desde 2006. Além disso, com exceção dos EUA, o desempenho das principais economias mundiais no último trimestre de 2006 sugere robustez na demanda global por produtos finais.

Em decorrência, a previsão é de que a produção mundial de aço continue a crescer de forma consistente. Prova disso é o aumento de 13,5% na produção mundial em janeiro de 2007, em comparação com o mesmo mês de 2006. Na China, o crescimento foi de 27,3%; na Índia, de 9,1%; e na Europa, de 9,8%. Excetuando-se a China, a expansão seria de 7,1%, a taxa mais elevada desde agosto de 2006.

Em relação à China, onde a Companhia se tornou o maior fornecedor de minério de ferro em 2006, a expectativa é de que a demanda por minério de ferro continue aquecida, embora a produção de aço deva crescer a um ritmo mais moderado do que o dos últimos dez anos, quando alcançou 15,3% ao ano. Dessa forma, o mercado chinês deverá requerer até o final desta década volumes adicionais bastante significativos, contribuindo para manter a oferta global sob pressão.

O mercado global de níquel se defronta com os efeitos de mudanças estruturais do lado da oferta. A produção atual é baseada em depósitos de níquel sulfetado, cuja metalurgia é bem conhecida e onde são extraídos diversos subprodutos – cobre, metais do grupo da platina, cobalto, ouro e prata, como no caso de nossas operações na Sudbury Basin – o que contribui para a redução de custos.

A expansão da produção – necessária para atender à significativa expansão da demanda global derivada principalmente do desenvolvimento econômico chinês e do aumento da renda em economias emergentes – depende de depósitos formados por minérios lateríticos. A metalurgia dos lateríticos se faz a custos operacionais marginais e custos de investimento mais elevados e, no curto prazo, existem desafios a serem superados no desenvolvimento de novos projetos.

Desse modo, a tendência nos próximos dois anos é de que o atendimento à expansão da demanda se dê em condições restritas, não permitindo a reconstrução dos estoques de níquel, os quais se encontram em níveis historicamente baixos.

A Companhia está desenvolvendo atualmente três projetos – Onça Puma, Goro e Vermelho – sendo que o primeiro a entrar em operação o Onça Puma, deverá fazê-lo apenas no final de 2008. Juntamente à realização de ganhos de produtividade em suas operações no Canadá e Indonésia, esses projetos nos permitirão, ao longo dos próximos anos, ampliar a oferta de produtos para a indústria de aço inoxidável e para outras aplicações fora da indústria do aço. A nossa capacidade tecnológica e de ofertar serviços nos concede substanciais vantagens competitivas no suprimento da demanda por produtos de níquel com maior valor adicionado e se constitui numa das mais importantes fontes de criação futura de valor nos negócios de níquel.

Os preços da alumina no mercado spot têm estado sujeitos à considerável volatilidade determinada pela substancial expansão da produção chinesa, baseada em importações de bauxita da Indonésia, e mais recentemente pelos problemas na Guiné.

O crescimento da oferta de alumina no mundo depende fundamentalmente da disponibilidade de bauxita de boa qualidade, em bases confiáveis e a custo competitivo. A Vale concluiu a primeira fase do desenvolvimento da mina de Paragominas, no Estado do Pará, com capacidade nominal de 5,4 milhões de toneladas anuais, continuando a implementação da segunda fase, que adicionará mais 4,5 milhões de toneladas de capacidade.



O desempenho das principais economias mundiais no último trimestre de 2006 sugere robustez na demanda global por produtos finais. Em decorrência, a previsão é de que a produção mundial de aço continue a crescer de forma consistente.

A disponibilidade de expressivas reservas de bauxita de alta qualidade e de uma operação de alumina bastante eficiente, com custos operacionais e de investimento em expansão baixos em relação à indústria, nos permitem continuar a crescer – a construção dos módulos 6 e 7 da refinaria da Alunorte prossegue em ritmo normal – com vendas lastreadas em contratos de longo prazo e preços indexados às cotações do alumínio na LME. A demanda por alumínio vem aumentando impulsionada pelo crescimento econômico e pela maior penetração em algumas aplicações, e os estoques encontram-se estabilizados em níveis menores do que no passado recente.

Os preços do cobre têm sido negativamente afetados pela forte redução das importações chinesas, contração da construção residencial nos EUA e substituição marginal por outros materiais, o que determinou declínio de 38,7% entre o pico de maio de 2006 e o início de fevereiro de 2007.

A confiança no futuro é demonstrada pelos planos de investimento no crescimento orgânico da Companhia. No orçamento de Capex para 2007, estão programados investimentos de US\$ 6,3 bilhões, sendo US\$ 4,2 bilhões para projetos; US\$ 406 milhões para pesquisa e desenvolvimento; e US\$ 1,6 bilhão para manutenção da base de ativos já existentes.

No orçamento de 2007, estão previstos também novos investimentos na área de proteção ambiental. Entre eles, está a conservação de 1,4 milhão de hectares de floresta no Pará, Espírito Santo e Minas Gerais, além do projeto de desenvolvimento sustentável da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, e o Vale Florestar. Esse inclui a proteção e recomposição ambiental e o desenvolvimento auto-sustentável de uma área de 300 mil hectares nos Estados do Pará e do Maranhão – equivalente a três vezes o tamanho da cidade do Rio de Janeiro. O desembolso total previsto é de US\$ 200 milhões até 2010, dos quais US\$ 38 milhões serão realizados em 2007.



“

É muito gratificante trabalhar em uma empresa de grande porte como a Vale, porque o que nós fazemos se reflete diretamente na sociedade. Lido com pessoas muito diferentes, e isso contribui muito para meu aprendizado e minha formação. Já trabalhei em outras empresas, mas pretendo continuar na Vale por muitos anos.

Silvânia Matos, operadora de carregadeira da Vale – Mina de Fábrica Nova (MG).

”

Desempenho Ambiental

O engajamento da Vale na preservação dos recursos naturais não é de hoje. Por ser a extração de minérios sua principal atividade, a Companhia sabe que as riquezas do subsolo estão sempre associadas às riquezas da superfície, o que exige total atenção em relação à fauna, à flora, ao ar e à água.

É um cuidado que a empresa entende ser fundamental para a sua competitividade e, mais importante, para a qualidade ambiental do planeta.

Em 2006, foram investidos R\$ 317 milhões em ações ambientais. Entre as iniciativas, está a conservação de 1,4 milhão de hectares de vegetação nos Estados brasileiros do Pará, Espírito Santo e Minas Gerais. Nos últimos cinco anos, a Vale reabilitou cerca de 2.350 hectares com espécies nativas dos ecossistemas da Mata Atlântica, do Cerrado e da Amazônia.

A responsabilidade ambiental permeia todas as fases das atividades da Companhia, desde a concepção básica de um novo empreendimento até o aprimoramento contínuo das operações mais antigas, que recebem

os investimentos necessários para manter os mais adequados níveis de controle entre as atividades produtivas e os requisitos ambientais exigidos pela legislação, estabelecidos em normas técnicas e previstos nos próprios padrões da empresa. A Vale considera que a qualidade ambiental é um componente indissociável da qualidade de seus produtos e serviços.

Para cumprir efetivamente sua Política Ambiental, a Vale implementou seu Sistema de Gestão da Qualidade Ambiental, cujo objetivo é assegurar a inserção da variável ambiental de forma consistente e equilibrada com os demais componentes da gestão empresarial.

Além disso, a política ambiental da Companhia inclui vários componentes. São eles a capacitação e o treinamento de seus empregados, para que atuem de forma ambientalmente correta, o desenvolvimento de pesquisas e incorporação de novas tecnologias para o contínuo aperfeiçoamento das suas atividades – visando à redução dos impactos ambientais e do consumo de matéria e energia –, o permanente diálogo com empregados e comunidade, para o aperfeiçoamento de suas ações ambientais e o empenho para que as empresas coligadas e os fornecedores adotem práticas compatíveis com sua política ambiental.



“

A Vale do Rio Doce apoiou o CEBDS desde o começo, e é visível que ela está buscando melhor relacionamento com a sociedade em geral. Afinal, uma empresa como a Vale tem que estar cada vez mais socialmente aberta e transparente. A questão ambiental é muito bem colocada pela empresa, mas ainda existem aspectos a serem trabalhados no lado social. Sem entrar no mérito de quem está certo ou errado, há necessidade de uma nova abordagem para que esse assunto não se torne um limitador da atividade empresarial e da busca pelo desenvolvimento sustentável.

Fernando Almeida,
presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS)*.

”

Política ambiental

A Companhia Vale do Rio Doce considera o meio ambiente um componente fundamental da qualidade dos seus produtos e serviços e é comprometida com o conceito de desenvolvimento sustentável, que visa ao equilíbrio entre a proteção do meio ambiente e a necessidade de crescimento econômico.

Para tanto, a Vale adota medidas de proteção ambiental tecnicamente comprovadas e economicamente viáveis, comprometendo-se a:

- Manter um Sistema de Gerenciamento Ambiental, com o objetivo de assegurar que suas atividades atendam à legislação aplicável e aos padrões estabelecidos pela empresa; na falta de legislação específica, a Vale aplicará as melhores medidas de proteção ambiental e de minimização de riscos;
- Educar e treinar seus empregados para que atuem de forma ambientalmente correta, zelando pela aplicação da política ambiental;
- Desenvolver pesquisas e incorporar novas tecnologias para o contínuo aperfeiçoamento das suas atividades, visando à redução dos impactos ambientais e do consumo de matéria e energia;
- Manter permanente diálogo com seus empregados e a comunidade, objetivando o aperfeiçoamento das ações ambientais;
- Empenhar-se para que as empresas Vale adotem práticas compatíveis com essa política ambiental;
- Solicitar de seus fornecedores, produtos e serviços com comprovada qualidade ambiental.



Sistema de Gestão Ambiental

Desde 1994, a Vale adota o Sistema de Gestão da Qualidade Ambiental (SGQA), especificado pela norma ISO 14001, nas suas unidades operacionais.

O sistema estabelece as diretrizes para implantação desse tipo de sistema e fornece ferramentas para gerir os aspectos ambientais relacionados às atividades, produtos e serviços da Companhia. Essa iniciativa permite à empresa antecipar-se e atender às crescentes demandas relacionadas ao desempenho ambiental.

Depois de implantar o SGQA, a Vale obteve as certificações independentes das suas operações, segundo os critérios internacionais de credenciamento de entidades certificadoras da norma ISO 14001. A Vale possui, no Brasil, a certificação ISO 14001 em minas de ferro, usinas de beneficiamento e a unidade de pelotização da mina de Fábrica (MG), bem como em todo o Complexo Industrial e Portuário em Tubarão (ES), por onde parte do minério é exportado.

Além do minério de ferro, o caulim e o alumínio produzidos pela Vale têm sistemas de gestão ambiental certificados pela ISO 14001. Ao todo, 16 unidades da Companhia receberam essa certificação: Complexo das Minas de Carajás e Mina do Azul, no Pará; Minas de Alegria, Timbopeba, Água Limpa, Fábrica Nova, Fazenda, Cauê, Conceição, Córrego do Feijão, Fábrica, Brucutu, Morro da Mina e Gongo Soco, em Minas Gerais; e Complexo Portuário de Tubarão e Terminal de Vila Velha, no Espírito Santo.

Auditorias externas verificam periodicamente o desempenho ambiental de todas as unidades operacionais da Companhia, o que propicia o efetivo controle dos indicadores de desempenho ambiental e do ciclo de aprimoramento contínuo da qualidade ambiental, indispensável diante das freqüentes ampliações dos níveis de exigência da legislação e das partes interessadas.

O ciclo de auditoria externa no ano de 2006 foi realizado em duas etapas e abrangeu 30 unidades operacionais. A primeira fase, entre abril e maio, foi dedicada à identificação do estágio de atendimento aos requisitos da norma ISO 14001 e aos indicadores internos de desempenho. A segunda fase, entre outubro e dezembro, destinou-se à recertificação das unidades operacionais.

Para cada ponto de atenção identificado é elaborado o correspondente plano de ação preventiva e corretiva, que é imediatamente posto em prática pela unidade operacional e cuja implementação é acompanhada pela área corporativa de meio ambiente. A efetividade da ação implementada é objeto de verificação específica na auditoria subsequente.

Metas em gestão ambiental operacional

A Vale entende que o cumprimento de metas e de compromissos ambientais deve refletir-se na remuneração variável dos empregados, reconhecendo os que tiveram os melhores desempenhos. Por essa razão, as diferentes áreas de negócio verificam os resultados obtidos em decorrência de suas práticas de gestão ambiental, verificando se as diretrizes corporativas foram cumpridas adequadamente. O resultado de tal avaliação, realizada segundo critérios objetivos, permite a clara identificação do percentual que cada empregado irá receber a título de remuneração variável, em função dos níveis de desempenho alcançados coletiva e individualmente em relação à sua unidade operacional.

Em 2006, as unidades operacionais tiveram como metas a implementação de programas de redução de consumo, reuso e recirculação de água e ainda projetos de minimização da geração de resíduos.

As áreas de negócio de Alumínio e Energia, que abrangem empresas controladas e de controle compartilhado e os consórcios de energia, implementaram a gestão ambiental conforme os requisitos da norma ISO 14001 e as diretrizes corporativas da Vale. Assim, a Alunorte e Albras cumpriram em 2006 a meta de implantação do Sistema de Informações Ambientais (SIA).

No setor de energia, as equipes das usinas hidrelétricas de Porto Estrela, Funil, Candonga e Igarapava receberam treinamentos para pôr em prática a Política Ambiental da Vale, aplicando sua metodologia de avaliação de impactos ambientais e o plano de comunicação e relacionamento com as partes interessadas.

A Companhia vem aprimorando continuamente seus indicadores de desempenho ambiental relativos à gestão de recursos hídricos, resíduos, recuperação de áreas interferidas e controle de emissões atmosféricas.

Em 2006, as unidades operacionais tiveram como metas a implementação de programas de redução de consumo, reuso e recirculação de água e ainda projetos de minimização da geração de resíduos.



Gerenciamento de Riscos Ambientais

Com o objetivo de alcançar o menor risco ambiental e garantir a máxima segurança aos novos projetos, a Vale incorporou as melhores práticas existentes no mercado para gerenciar essas questões.

Em 2005, adotou a metodologia FEL – Front-End Loading, que prevê a avaliação detalhada dos temas Saúde, Segurança, Meio Ambiente e Relacionamento com as Comunidades (HSEC – Health, Security, Environment and Communities), em todas as etapas do desenvolvimento dos novos projetos, para permitir a tomada de decisões voltadas à sustentabilidade dos territórios.

Já na etapa preliminar dos empreendimentos, quando é feita a avaliação inicial da oportunidade de negócio, são listados os fatores que deverão ser objeto de atenção específica nos aspectos ambientais e sociais. Ou seja, desde o início, a análise da viabilidade considera que elementos não exclusivamente econômicos influenciam de forma decisiva na formulação do projeto.

Nas fases subsequentes, com o amadurecimento do projeto, é exigido que a área proponente do negócio aprofunde a análise das variáveis ambientais e sociais relevantes, às quais devem ser atribuídos valores ou padrões de atendimento, que serão detidamente considerados na tomada de decisão de investimento.

Essa prática permite conjugar os requisitos de preservação do meio ambiente com outras demandas do futuro negócio, como localização, grau de definição do projeto de engenharia e planejamento de implantação. É uma forma de tornar cada projeto mais previsível e transparente, fornecendo à sociedade, e especialmente ao acionista, informações detalhadas sobre os aspectos ambientais e sociais dos investimentos da Companhia e a forma como esses serão abordados durante as etapas de implantação e operação.

A gestão da qualidade ambiental nos novos empreendimentos começa com a elaboração dos Estudos de Impacto Ambiental (EIAs) e dos Relatórios de Impacto sobre o Meio Ambiente (Rimas) e outros necessários à adequada instrução da avaliação da viabilidade técnica e econômica e do processo de licenciamento. A Vale vem investindo na melhoria contínua desses estudos, fazendo-o em linha com as prescrições e entendimentos mantidos com os órgãos federais e estaduais de licenciamento ambiental. Merece destaque o desenvolvimento de um procedimento específico para a Caracterização do Empreendimento (CE) sob o enfoque ambiental, que envolve o estabelecimento de novas metodologias de Avaliação de Impactos Ambientais.

A metodologia de CE da Companhia analisa os aspectos ambientais associados a cada um dos processos que compõem o empreendimento – planejamento, implantação, operação e fechamento –, considerando os meios físicos, bióticos e socioeconômicos, e a relação entre eles.

A Avaliação de Impactos Ambientais é usada nas várias regiões onde a empresa atua. Os resultados obtidos permitem validar as ações de controle previstas no projeto, e ainda as de mitigação e compensação a serem adotadas. Assim, todos os estudos ambientais relativos a projetos da Vale adotam os mesmos padrões metodológicos, os quais vêm sendo sistemática e periodicamente aprimorados, de forma a assegurar consistência técnica e compatibilidade com os requisitos legais e normativos.

Como resultado do trabalho conjunto dos Departamentos de Finanças Corporativas, Gestão Ambiental e Saúde e Segurança, foram definidos, em 2006, os pilares do modelo corporativo de Gestão Integrada de Risco Operacional proposto para as operações e os projetos de capital da Companhia.

Questões metodológicas foram definidas e partiu-se para a realização de um projeto-piloto, no qual conceitos, procedimentos e práticas sugeridas puderam ser validados. Além disso, usando-se ferramentas teóricas, foi determinado o nível ótimo de retenção e transferência de risco e, conseqüentemente, redimensionada a apólice corporativa de riscos operacionais (*property*). Por fim, com a ampliação da estrutura organizacional e normativa, também foram definidas as responsabilidades, sendo formalizado o modelo de gerenciamento proposto.



Gestão de Recursos Hídricos

A Política Nacional de Recursos Hídricos tem como fundamento que a água é um recurso natural limitado e um bem de domínio público, dotado de valor econômico, e que em situações de escassez tem como usos prioritários o consumo humano e a dessedentação de animais.

Pensando nisso, a Vale implementou seu Sistema de Gestão dos Recursos Hídricos, cujos objetivos principais são racionalizar o uso dos recursos hídricos, garantir plena conformidade à legislação e assegurar os direitos ao uso da água na qualidade e na quantidade necessárias aos processos da Companhia.

O cenário mundial, incluindo o Brasil, prevê a crescente escassez de recursos hídricos, com o agravamento das situações de conflitos pelo uso da água. Cada vez mais, as atividades industriais e agrícolas deverão desenvolver programas de gestão de recursos hídricos, visando à racionalização do uso em seus processos, de modo a garantir o suprimento dos volumes de água necessários à manutenção e ao desenvolvimento de suas atividades atuais e futuras.

Como empresa mineradora, a Vale é uma usuária intensiva de água, utilizando-a principalmente para consumo humano, usinas de tratamento de minério, transporte de minério, lavagem de equipamentos e peças, e aspersão de pilhas de minério e vias.

A Companhia também interfere nos recursos hídricos, por meio do rebaixamento do nível de água nas suas áreas de lavra, procedimento necessário para a extração do minério localizado em zonas saturadas. As barragens também constituem estruturas que interferem nos recursos hídricos, pois são destinadas ao armazenamento de água e também utilizadas como sistemas para deposição de rejeitos provenientes do tratamento de minérios e para contenção de finos de minérios carreados pelas águas pluviais.

Considerando-se as minas de ferro e manganês, as usinas de ferroligas localizadas no Brasil, as plantas de pelotização e as operações ferroviárias e portuárias¹, em 2006, foram utilizados 140 milhões de m³/ano de água. O volume recirculado foi de 114,5 milhões de m³/ano, indicando um índice médio de recirculação de água da ordem de 82%.

As operações da Vale refletem o compromisso da empresa com a qualidade ambiental. A gestão de recursos hídricos é um dos focos de atenção da Companhia, devido a particularidades do seu negócio.

Como parte das normas corporativas, a Política de Gestão de Recursos Hídricos e o Sistema de Gestão de Recursos Hídricos (SGRH) da Companhia reafirmam as práticas ambientais responsáveis da empresa e atendem às demandas legais.

O Manual de Gestão de Recursos Hídricos descreve os requisitos da Política de Recursos Hídricos, estabelece procedimentos gerais e particulares e define a estrutura em torno da qual o SGRH é operacionalizado nos seus diversos níveis. O Plano de Gestão de Recursos Hídricos, implementado na Vale e empresas controladas, harmoniza e consolida os Programas de Recursos Hídricos das unidades operacionais com as respectivas propostas orçamentárias para sua implementação e manutenção. As diretrizes ambientais adotadas durante a elaboração dos programas foram incorporadas em alguns projetos internacionais, como o projeto Carvão Moatize, em Moçambique, e o projeto de níquel (CVRD Inco), na Nova Caledônia.

¹ Em 2003/2004, através do Diagnóstico Preliminar de Recursos Hídricos, os valores de captação, adução, recirculação, reuso e lançamento de efluentes foram levantados em diversas unidades operacionais da Vale, por meio de estimativas/afecções, e serviram como a base inicial para o Programa de Gestão de Recursos Hídricos. As unidades contempladas nesse levantamento foram: Complexo das minas de Carajás e mina do Azul (PA); Complexo Portuário Ponta da Madeira (MA); Estrada de Ferro Carajás (PA/MA); Complexo Portuário de Tubarão (ES); minas de Brucutu, Gongo Soco, Timbopeba, Fazendão, Itabira, Alegria, Córrego do Feijão, Fábrica, Água Limpa, Morro da Mina, as usinas de Ouro Preto (minério de ferro), São João Del Rei (silício), Barbacena (ferro e silício) e Usina Hidrelétrica de Santa Rita de Jacutinga (MG); Estrada de Ferro Vitória a Minas (ES/MG); mina de Taquari-Vassouras e Terminal Marítimo Ignácio Barbosa (SE); mina do Urucum (MS); e Usina RDM (ferro e silício) (BA). O uso da água nas unidades operacionais do Alumínio, assim como nas outras empresas coligadas, não foi contabilizado.

Performance operacional

Por meio do Sistema de Gestão de Recursos Hídricos, ao mesmo tempo, a Vale busca desenvolver pesquisas e incorporar tecnologias econômica e tecnicamente viáveis, que permitam a racionalização do uso da água e a minimização de intervenções nos recursos hídricos em decorrência dos processos operacionais da empresa. Outro objetivo da empresa é participar, diretamente ou por intermédio de entidades representativas, dos diferentes fóruns relativos à gestão dos recursos hídricos nos níveis internacional, nacional, regional e, principalmente, local.

Foram implementadas as Comissões Internas de Recursos Hídricos, formadas por mais de 300 representantes das áreas de meio ambiente, produção, manutenção, serviços, engenharia e jurídica, nas unidades operacionais da Vale e empresas controladas. Todos os integrantes foram submetidos a treinamentos de capacitação em recursos hídricos e conhecem a legislação e normas técnicas brasileiras sobre o tema, além de conceitos de hidrologia, recirculação e reuso da água, tratamento de efluentes líquidos, entre outros.

Em 2006, foram estabelecidas metas para implementação de programas de redução de consumo, reuso e recirculação de água pelas unidades operacionais. Após auditoria externa, verificou-se os seguintes resultados:

Como exemplo de gestão compartilhada dos recursos hídricos, nas usinas de pelotização do Complexo de Tubarão, em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, representantes da Comissão de Recursos Hídricos participam dos comitês das Bacias Hidrográficas dos Rios Jucu e Santa Maria, principais mananciais que abastecem a região da Grande Vitória, com o intuito de acompanhar e contribuir para as decisões relacionadas à gestão dos recursos hídricos da região.

Todas as 29² unidades operacionais com captação subterrânea ou superficial deverão ter programa aprovado pela diretoria local, estabelecendo metas, ações, prazos, responsabilidades e recursos para redução do consumo da água captada.

Meta atingida por 66% das unidades (19) e em implementação nas demais.

Todas as 23³ unidades operacionais com sistemas de reuso e recirculação de efluentes e água de processo deverão definir, implementar e manter planos definindo parâmetros, frequência, responsabilidades e padrões de monitoramento das águas de reuso e recirculação, de maneira a garantir o padrão de qualidade adequado às finalidades para as quais se destinam.

Meta atingida por 96% das unidades (22) e em implementação nas demais.

² Foram consideradas como unidades operacionais: mina do Sossego, mina de Taquari-Vassouras, Terminal de Ponta da Madeira, minas de Carajás, Complexo Itabira, mina de Alegria, mina de Timbopeba, mina de Fazendão, mina de Água Limpa, mina de Brucutu, mina de Gongo Soco, mina de Córrego do Feijão, mina de Fábrica, Tubarão – Operações Portuárias, Ferroligas Barbacena, mina de Morro da Mina, usina de São João Del Rei, UHE Santa Rita de Jacutinga, usina de Ouro Preto, mina do Azul, usina RDM (Simões Filho), mina de Urucum, EFC, Complexo Tubarão – EFVM, FCA – Alagoinhas, FCA – Campos, FCA – Divinópolis, FCA – Paulínia, e Tubarão – Pelotização, TPD, TPM e Paul.

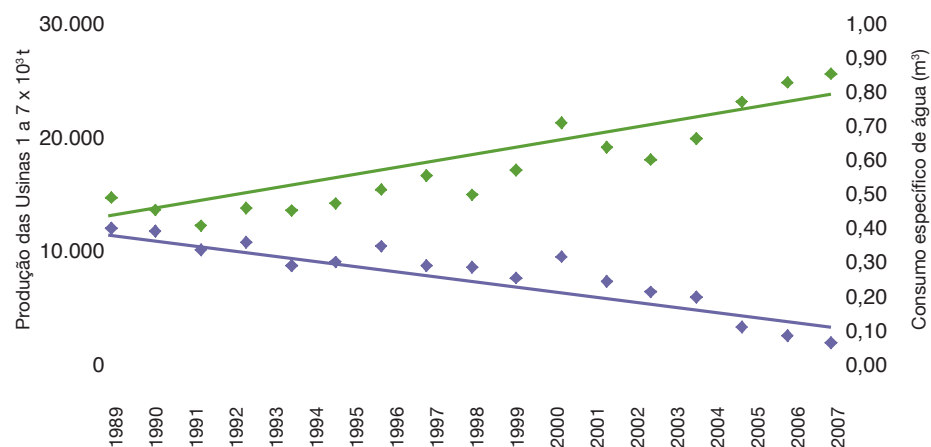
³ Foram consideradas como unidades operacionais: mina do Sossego, mina de Taquari-Vassouras, Terminal de Ponta da Madeira, minas de Carajás, Complexo Itabira, mina de Alegria, mina de Timbopeba, mina de Água Limpa, mina de Brucutu, mina de Gongo Soco, mina de Córrego do Feijão, mina de Fábrica, Tubarão – Operações Portuárias, Ferroligas Barbacena, mina de Morro da Mina, UHE Santa Rita de Jacutinga, usina de São João Del Rei, usina de Ouro Preto, mina do Azul, usina RDM (Simões Filho), EFC, Complexo Tubarão – EFVM, e Tubarão – Pelotização, TPD, TPM e Paul.



Uma das prioridades da Vale para o Espírito Santo é a redução do consumo de água nova e a ampliação da recirculação e reuso. Atualmente, cerca de 50% do consumo do Complexo de Tubarão é atribuído às usinas de pelotização. Ainda na década de 80, foi implantado um sistema de bacias de sedimentação e reservatórios de água recuperada, que permitem a sua recirculação no processo produtivo. Desde então, vêm sendo feitos aprimoramentos contínuos no sistema de coleta e recuperação de águas para recirculação e reuso, com a ajuda de parcerias técnicas, como a da Universidade Federal do Espírito Santo.

Em 2006, a significativa meta de reduzir em 40% o consumo específico de água de suprimento primário das usinas de pelotização em relação a 2003 foi superada, atingindo-se a redução de 45%. Nos últimos três anos, houve uma redução do consumo de água nova pelas usinas da ordem de 2 milhões de metros cúbicos, o que representou uma otimização do uso desse recurso natural e uma economia de gastos de aproximadamente R\$ 1,5 milhão nesse período.

Evolução do Consumo Específico de Água e da Produção das Usinas de Pelotização 1 a 7



Racionalização do uso da água na mina do Sossego

Uma iniciativa para a otimização da utilização de recursos hídricos na mina do Sossego mereceu destaque em 2006. Localizada no município de Canaã dos Carajás, no Pará, a mina marcou o início da exploração de cobre pela Vale em 2004, com investimentos de R\$ 985 milhões e capacidade instalada média de 140 mil toneladas/ano de cobre em concentrado.

A infra-estrutura da mina é complementada pela Estrada de Ferro Carajás e pelo Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, administrados pela Vale, e pela Hidrelétrica de Tucuruí – o que posiciona Sossego entre os empreendimentos mais competitivos do mundo em termos de custo de investimento total por tonelada de cobre produzida.

Mas para que a eficiência da mina fosse ainda maior era preciso investir em programas de otimização e racionalização da água utilizada. Por isso, em 2006, foram realizadas ações para implantação de um projeto de redução de 10% do consumo de água bruta (água nova) captada no Rio Parauapebas.

Esse projeto teve como objetivo redimensionar o sistema de limpeza das áreas operacionais com água de processo (já utilizada), uma vez que o sistema em funcionamento não atendia às necessidades, devido à baixa vazão e à pressão da água, lançando mão de água bruta para a limpeza.

Identificados os problemas de vazão e pressão da água, foram realizadas correções nas bóias de níveis, para evitar transbordamento e desperdícios, e em vazamentos existentes em válvulas, tubulações, registros e reservatórios. Outras medidas tomadas foram a ampliação do sistema de tubulações existentes, a troca dos sistemas de acoplamento das mangueiras para a utilização de água de processo e a substituição dos engates de acoplamento das mangueiras pelo mesmo tipo utilizado no sistema de hidrantes, reduzindo os riscos de acidente e facilitando o trabalho.

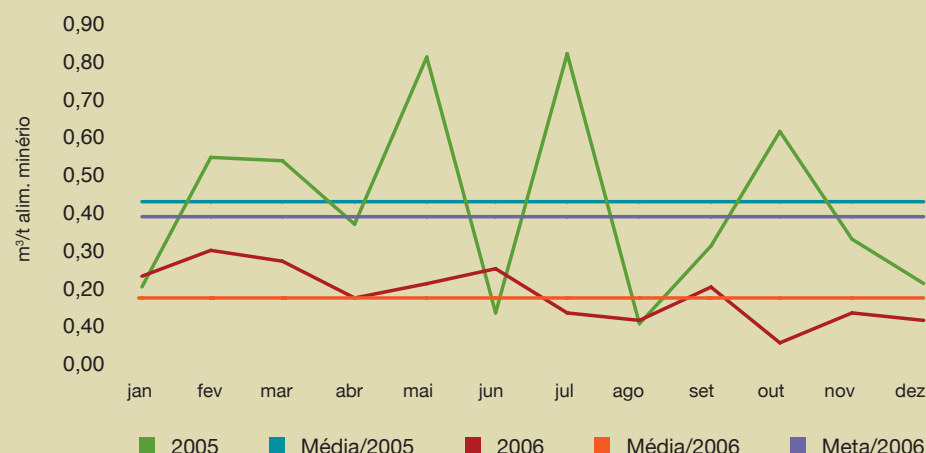
O resultado dessas medidas foi expressivo. Em comparação ao ano de 2005, houve uma redução de 43% do volume total de água nova captada, superando com folga a meta de 10% estipulada para o ano.

A implantação e coordenação do projeto ficaram a cargo da Comissão de Gestão de Recursos Hídricos da mina do Sossego, o que permitiu maior interação entre as áreas operacionais e a área de meio ambiente e maior comprometimento dos empregados.

Quadro de Redução do Consumo de Água Bruta

PARÂMETRO	CONSUMO (m ³ /t Alimentação)	REDUÇÃO
Média consumida em 2005	0,44 m ³ /t	–
Meta para o ano de 2006	0,40 m ³ /t	10%
Média consumida em 2006	0,19 m ³ /t	43%

Consumo de Água Bruta





“

A cidade tem um excelente entendimento com a Vale, e 2006 foi um ano especialmente positivo. As propostas de parcerias no que diz respeito ao desenvolvimento local vão de investimentos no setor agrícola e a área de segurança. Os projetos sociais, com foco nas populações de baixa renda, também são uma marca dessa aliança. No futuro, espero que haja um diálogo ainda mais aberto. Até 2010, há uma previsão de crescimento do município e, com base nela, valorizaremos ainda mais as parcerias com a Vale.

Joseilton do Nascimento, prefeito de Canaã dos Carajás (PA).

”

Gestão de Barragens e Estruturas

As barragens e pilhas de rejeito são tratadas como equipamentos de controle ambiental da mineração, sendo indispensáveis para a contenção de finos de minérios, que, se carregados pelas chuvas, pela drenagem natural, poderiam afetar os mananciais e a malha hídrica.

A Vale possui um sistema de gerenciamento que atende às normas internacionais e nacionais de segurança, bem como uma equipe qualificada para o planejamento, a instalação e a operação dessas estruturas, considerando-se 187 barragens e 130 pilhas de estéril⁴.

O processo de gestão de barragens e pilhas da Companhia está fundamentado nas melhores práticas vigentes relacionadas às etapas de projeto, construção, operação, manutenção e fechamento. Observa as normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e os manuais e publicações do Comitê Brasileiro de Grandes Barragens (CBGB) e da International Commission on Large Dams (Icld), além de considerar estudos de casos relatados em publicações especializadas.

A Vale estabeleceu diretrizes corporativas, com foco na atuação preventiva, que orientam as áreas operacionais da empresa, com vistas à uniformidade de procedimentos e à adequada sistematização do fluxo de informações, instituindo um banco de dados específico sobre o tema.

Todos os assuntos relativos ao tema “Barragens e Pilhas” são discutidos em um comitê interno da Companhia, denominado Grupo Temático de Geotecnia e Hidrogeologia (GTGH), composto por profissionais que se reúnem a cada dois meses ou quando há necessidade de avaliar situações atípicas. É incentivada a participação de convidados de áreas afins e de interesse e busca-se a excelência e a proatividade nas ações da Companhia.

Nesse comitê, em 2006, foram discutidos e concluídos os trabalhos sobre:

- Padronização de documentos, com ênfase em barragem;
- Sistemas de dados corporativos;
- Procedimentos específicos para capacitação e treinamento de mão-de-obra;
- Dimensionamento de equipes especializadas.

O GTGH tem como foco principal a aprendizagem coletiva e compartilhada de temas-chave para as operações da Companhia.

Seus objetivos são consolidar programas de tecnologia específica; preparar e atualizar especialistas; fornecer consultoria interna no assunto; aprimorar a infra-estrutura de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D); e atuar como centro de excelência interno.

Também é objetivo do grupo contribuir para que a Vale seja reconhecida mundialmente como uma empresa de mineração do mais alto nível técnico e operacional, destacando-se pelo seu espírito de equipe, profissionalismo e motivação para o trabalho nas áreas de geotecnia e hidrogeologia.

Corporativamente, todas as barragens e pilhas são submetidas periodicamente a auditorias independentes, que aplicam rigorosos critérios técnicos na sua avaliação. Quando ocorrem recomendações de melhoria, são formulados planos de ação para cada item proposto, apresentados em modelos específicos que propiciam o efetivo controle e acompanhamento da implantação. O conjunto de ações de melhoria é objeto de auditoria específica, observados os respectivos cronogramas de implantação.

⁴ Considerando barragens e pilhas de estéril dos Complexos Itabira, Mariana, Minas Centrais, Minas Oeste, RDM (MG, MS, BA), Carajás e Taquari-Vassouras; e Caeté – Riacho dos Machados.

Gestão de Resíduos

A Vale prevê a gestão de resíduos em todo o seu ciclo, do momento em que são gerados pela atividade produtiva até a sua disposição final.

Adota procedimentos de minimização dos riscos associados a todo o processo operacional, avalia e realiza auditorias nos destinatários finais de seus resíduos, valoriza as possibilidades de reprocessamento e evita ao máximo a disposição em solo. De acordo com a visão de gestão de resíduos da Companhia, que é alinhada ao seu planejamento estratégico, a redução dos riscos e a otimização dos processos dependem de desenvolvimento tecnológico, de inovação e de capacitação dos empregados.

A adoção do Plano de Gestão de Resíduos data de 2002 e representou um marco para a empresa. O Plano de Gestão de Resíduos caracteriza-se, entre outros pontos, pela responsabilização do gerador, em cada unidade operacional; pela implementação e manutenção dos programas de gestão de resíduos locais; pela capacitação dos empregados e treinamento dos fornecedores; pela busca de inovação tecnológica; e pelo aprimoramento contínuo dos controles e registros de movimentação de resíduos.

As principais metas do plano são reduzir a geração de resíduos, atender aos requisitos da legislação ambiental e das normas técnicas aplicáveis, minimizar os custos associados à gestão de resíduos e adotar procedimentos que diminuam os riscos de degradação ambiental e, conseqüentemente, de formação de passivos ambientais.

A gestão de resíduos envolve vários processos, que são escolhidos de acordo com cada caso específico. Há a reutilização, o reprocessamento – utilização do resíduo como matéria-prima, insumo e/ou fonte de energia para outro processo –, a segregação e a estocagem temporária. São exemplos de reprocessamento: o co-processamento de resíduos em fornos de cimento, o re-refino do óleo usado e a compostagem.

A Vale dá diferentes fins aos seus resíduos, sempre visando a minimizar os danos ao meio ambiente. Os resíduos orgânicos, ou domésticos, são separados e destinados à compostagem, servindo de insumo para as atividades de recuperação de áreas degradadas das unidades.

Com o objetivo de desenvolver fornecedores locais, os resíduos recicláveis são encaminhados para comercialização, de preferência para empresas locais de reprocessamento. Os óleos lubrificantes utilizados são recolhidos e encaminhados para reprocessamento interno como insumo na fabricação de explosivos para as atividades de mineração ou direcionados para empresas re-refinadoras.

Os resíduos contaminados com óleos, por sua vez, são destinados ao co-processamento para aproveitamento energético, compondo a matriz energética das fabricantes de cimento.

Outros resíduos como lâmpadas fluorescentes, baterias e pneus são obrigatoriamente reprocessados, conforme a lei. Eles são segregados para a formação de lotes econômicos para a disposição final adequada (por empresas qualificadas e legalmente habilitadas para tal). Procedimento análogo é adotado para as sucatas metálicas, de borrachas e de vidros.

Modelo de gestão de resíduos

A partir da proposta de um empregado da Vale em Itabira, Minas Gerais, foi desenvolvida uma solução para a transformação de pneus usados dos caminhões fora-de-estrada em placas de revestimento para chutes, áreas de transferência de correias transportadoras, silos e equipamentos, entre outros itens.

A inovação foi desenvolvida e patenteada em conjunto com a empresa Rubberbras e trouxe vários benefícios. As placas de borracha desenvolvidas para revestimento são 60% mais leves que as tradicionais, feitas de ferro fundido e aço manganês, o que facilita a troca e evita riscos relacionados à ergonomia e à segurança do empregado. Além de serem mais baratas, as placas também são mais resistentes à abrasão, durando cerca de três vezes mais do que as convencionais. O fornecedor parceiro teve aumento de 200% na geração de postos de trabalho, movimentando a economia do município.

Outro benefício gerado pelo reaproveitamento da borracha dos pneus foi o atendimento ao requisito estabelecido pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) que condicionava a importação de novas peças à comprovação da destinação correta dos pneus em uso no País.

Atualmente, todas as unidades operacionais da Vale contam com uma Comissão de Gestão de Resíduos. A Companhia promove treinamentos e campanhas com seus empregados, como uma forma de consolidar a mudança de cultura nesse aspecto, e ainda incentiva a preocupação com o assunto, incorporando os resultados como ganhos de produtividade.

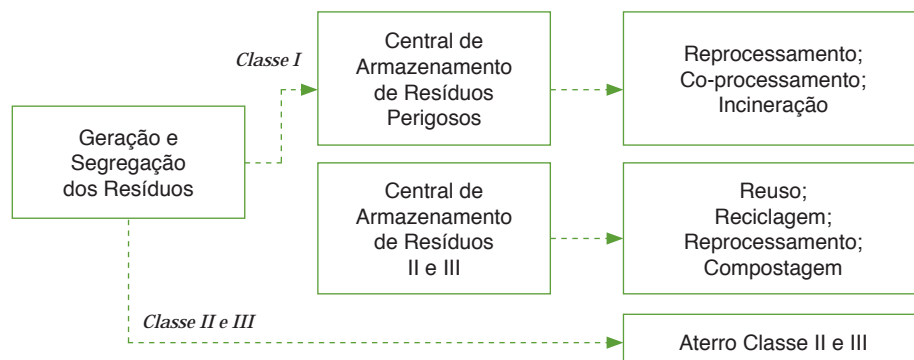
Todas as unidades estão desenvolvendo projetos para a minimização da geração de resíduos, considerando o forte crescimento da produção da Companhia.

A Vale criou procedimentos de análise de empresas destinatárias de resíduos, de forma a manter um controle sistêmico do processo.

As unidades da Vale também iniciaram um Processo para a Integração Regional da Gestão de Resíduos (PGIR), de forma a obter ganhos de escala e viabilizar oportunidades locais para reprocessamento.

As primeiras unidades que vêm implementando o PGIR estão situadas na região das minas de Carajás e no Pólo do Alumínio em Barcarena, ambas no Pará. Elas têm três anos para completar o processo, que inclui a integração da gestão interna – padronização dos procedimentos e controles –, a logística compartilhada e a gestão externa – apoio à criação de oportunidades de geração de emprego e renda nas localidades onde a Vale atua.

Foram firmados convênios e contratos com instituições de desenvolvimento tecnológico, como a Universidade Federal de São Carlos, a Universidade Federal de Viçosa e o Instituto de Pesquisa Tecnológica de São Paulo, para a realização de estudos de viabilidade técnica e ambiental para reprocessamento e disposição de resíduos.



Performance operacional

Em 2006, após auditoria externa, verificou-se que o volume de resíduos perigosos e não-perigosos gerados pelas atividades da Vale foi reduzido em comparação a 2005. Em 2006, foram geradas 337.274 toneladas de resíduos não-perigosos, 49% menos que no ano anterior, e 23.804 toneladas de resíduos perigosos, com uma queda de 6%. Em 2005, esses números foram, respectivamente, de 661.578 toneladas e 25.329 toneladas.

Cabe ressaltar que a geração de resíduos não-perigosos em 2005 não foi resultado das atividades de rotina

da Vale. Minas e portos da Companhia passaram por obras de ampliação, e houve um esforço de otimização e organização dos procedimentos e processos de armazenagem de resíduos das ferrovias, resultando na geração de sucatas metálicas, não-metálicas e, principalmente, de construção.

Com os programas de minimização da geração de resíduos e de adoção de procedimentos adequados para sua segregação, as unidades da Vale reprocessaram, em 2006, cerca de 79% dos resíduos dispostos e encaminharam 8% para aproveitamento energético.

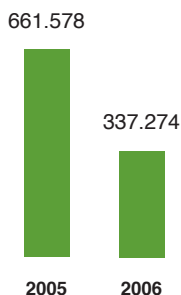
Todas as 31⁵ unidades operacionais deverão ter implementado projeto para minimização de geração específica de resíduos críticos da unidade.

Meta atingida por 87% das unidades (27) e em implementação nas demais.

⁵ Foram consideradas como unidades operacionais: mina do Sossego, mina de Taquari-Vassouras, Terminal de Ponta da Madeira, minas de Carajás, Complexo Itabira, mina de Alegria, mina de Timbopeba, mina de Fazenda, mina de Água Limpa, mina de Brucutu, mina de Gongo Soco, mina de Córrego do Feijão, mina de Fábrica, Tubarão – Operações Portuárias, Ferroligas Barbacena, mina de Morro da Mina, usina de São João Del Rei, UHE Santa Rita de Jacutinga, mina do Azul, usina RDM (Simões Filho), mina de Urucum, EFC; EFVM – Governador Valadares, Complexo Tubarão – EFVM, FCA – Alagoinhas, FCA – Campos, FCA – Divinópolis, FCA – Paulínia, TVV, CDM, e Tubarão – Pelotização, TPD, TPM e Paul.

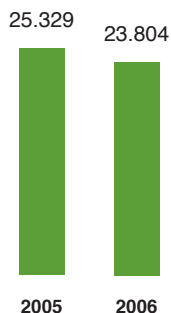
Geração de resíduos não-perigosos

(t)

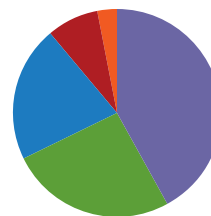
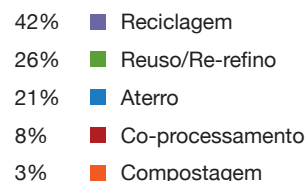


Geração de resíduos perigosos

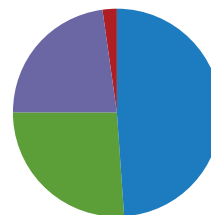
(t)



Disposição Final – 2006



Disposição Final – 2005



Biodiversidade

O grande desafio da humanidade, hoje, é continuar a suprir as necessidades de uma população crescente e das gerações futuras em um cenário em que os recursos naturais são cada vez mais escassos.

Sabe-se que é preciso atingir o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a conservação do meio ambiente, e que ele só pode ser conquistado por meio do entendimento entre as partes interessadas.

Esse é o primeiro passo em direção a uma abordagem mais estratégica e integrada do uso e da gestão dos recursos naturais.

A perda da biodiversidade é assunto de inúmeros artigos e trabalhos científicos publicados no mundo nos últimos anos. Um desses trabalhos, a Avaliação Ecológica do Milênio das Nações Unidas (Millenium Ecosystem Syntesis Report), de 2005, elaborada por 1.360 pesquisadores de 95 países, trouxe uma análise particularmente sombria sobre a capacidade de o planeta suportar as atividades econômicas no modelo atual por muito mais tempo.

Em março de 2006, 175 nações do mundo reuniram-se em Curitiba, Paraná, para a Conferência das Partes (COP-8) sobre a Convenção da Diversidade Biológica (CDB). A Vale esteve presente desde os preparativos do encontro, por meio do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), do qual é membro fundador, atuando como integrante da delegação do Ministério das Relações Exteriores.

A CDB pretende mais do que estabelecer um conjunto de regras técnicas. Tem a incumbência de motivar as nações-membro a participarem na recuperação, na conservação e na proteção da biodiversidade, considerando também a diversidade cultural e as formas de ocupação do território. Para a convenção, diversidade biológica significa a preservação da variedade de organismos vivos de todas as origens, incluindo o homem. É dessa forma que a Vale enxerga a questão da biodiversidade, e é com essa visão que ela está comprometida.

Minerais são essenciais para o desenvolvimento socioeconômico, pois são matérias-primas para a fabricação de produtos utilizados no dia-a-dia de populações de diversos países. Ao movimentar a indústria de produção de bens de consumo, também auxiliam na melhoria da qualidade de vida da população, notadamente nos países em desenvolvimento. Se devidamente integrados ao desenvolvimento regional e às estratégias para conservação da biodiversidade, os investimentos relacionados à mineração podem ajudar a aliviar as pressões da pobreza em áreas de alta biodiversidade.

A capacidade do desenvolvimento da mineração para contribuir para a conservação da biodiversidade não é óbvia. Mineração é uma indústria extrativa e, por suas características intrínsecas, pode acarretar impactos sociais e ambientais significativos. A evidência de que tal situação pode ser superada é o engajamento da principal empresa da indústria de mineração do Brasil na formulação de políticas públicas para minimizar os efeitos da atividade sobre o meio ambiente.



“

A Vale tem sido uma parceira firme do movimento de responsabilidade social empresarial, não só no sentido de se engajar, mas também como irradiadora da ousadia e da coragem necessárias nesse movimento. A área de mineração é muito polêmica, e administrar a responsabilidade social nesse contexto exige, sobretudo, uma visão estratégica ousada. Com a mesma disposição, a Companhia agora insere a sustentabilidade em seus negócios. A gestão dos impactos da operação nas comunidades, o trabalho com o público interno e a interlocução com a sociedade civil organizada são exemplos da forma de atuação da Vale, que se mostra disposta a aprender e a inovar sempre.

Ricardo Young, presidente do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social*.

”

A Vale tem um papel fundamental e estratégico na Política Nacional da Biodiversidade e sua interface com o Código Mineral, devido à amplitude de seus programas voltados à conservação dos biomas, à manutenção de bancos de germoplasma e à implantação e manutenção de herbários e viveiros, com coleções e variedade de espécies da flora. A importância da Companhia nesse contexto também fica evidente em iniciativas como a pesquisa avançada realizada pela empresa para o manejo da fauna silvestre e estudos sobre a recuperação de áreas interferidas.

O tema Biodiversidade é tão importante para a Vale que motivou a criação, em 14 de novembro de 2000, do Instituto Ambiental Vale do Rio Doce (IAVRD). Com uma estrutura organizacional independente e apropriada para cumprir seu papel, o Instituto tem como suas principais atribuições:

- Desenvolver atividades relativas à preservação, à conservação, à recuperação e ao tratamento sustentável de ecossistemas, com foco nas áreas de interesse da empresa;
- Promover o desenvolvimento e a disseminação de conhecimento técnico-científico relativo à conservação e às práticas sustentáveis dos ecossistemas brasileiros, inclusive a caracterização da flora e da fauna, e o estabelecimento de Reservas Genéticas *In situ* e *Ex situ*;
- Patrocinar, promover, executar, apoiar e estimular ações, projetos e programas relacionados com seus objetivos;
- Obter e gerenciar recursos de terceiros, obtidos por meio de empréstimos financeiros ou doações, visando às atividades compatíveis com o mandato do IAVRD;
- Colaborar com instituições, fundações ou entidades que tenham objetivos semelhantes ou compatíveis aos do Instituto.

O IAVRD desenvolveu diversos projetos ambientais em diferentes regiões do Brasil, estando presente nos Estados do Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará e Rio de Janeiro. Com 185 empregados em seu quadro técnico, em 2006, o Instituto executou mais de 100 projetos para as unidades operacionais da Vale, atendendo a demandas distintas de serviços e atividades de gestão ambiental dos ecossistemas onde há operações da Companhia.

Uma importante peculiaridade do quadro técnico do IAVRD é o fato de contar com empregados que já dispunham de vasto conhecimento empírico sobre biodiversidade e que vêm sendo preparados para atuarem em conjunto com os profissionais das várias áreas de trabalho do IAVRD. Um exemplo são os “mateiros”, profundos conhecedores da floresta, que foram devidamente treinados para atuarem como identificadores botânicos, passando a trabalhar em conjunto com os engenheiros florestais e biólogos do Instituto.



Em 2006, a Vale, por meio do IAVRD, implantou seu Programa de Recuperação de Áreas Degradadas em cerca de 400 hectares, totalizando, desde 2003, 1.960 hectares – entre minas, ferrovias, portos e áreas de entorno –, restabelecidos com espécies nativas da Mata Atlântica, do Cerrado e da Amazônia.

Para isso, a empresa realiza pesquisas e investe em tecnologia ambiental na Reserva Natural da Vale do Rio Doce, em Linhares, Espírito Santo, onde há um intensivo programa de produção de mudas, destinado à restauração ecossistêmica e à formação de florestas de uso múltiplo. A colheita bruta de sementes em 2006 foi de, aproximadamente, 12 toneladas, que resultaram em cerca de 4 milhões de mudas de 422 espécies da Mata Atlântica.

Essas mudas foram utilizadas em diversos projetos de restauração, principalmente, nos Estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Alguns deles foram patrocinados pela Vale, em prol de pequenos agricultores, outros foram direcionados a projetos da própria Companhia e o restante a particulares. Iniciativas como essas já são realizadas há quase 30 anos.

Desde a criação da reserva foram identificadas 60 novas espécies botânicas nos seus 22 mil hectares, uma das últimas áreas protegidas de Mata Atlântica de Tabuleiro no Brasil. O território da Reserva de Linhares é contíguo ao da Reserva Biológica de Sooretama. Juntos, representam 48 mil hectares ou 75% do remanescente de floresta natural do Estado do Espírito Santo. Sooretama é administrada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o qual, por meio de convênio mantido há cinco anos, delegou a proteção da reserva para a Vale.

A Reserva Natural da Vale do Rio Doce e a Reserva Biológica de Sooretama formam, em conjunto, um dos 14 centros de alta diversidade e endemismo do Brasil, declarados Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).



A Vale também protege a Floresta Amazônica. Em Carajás, na região sul do Pará, a Companhia, em parceria com o Ibama, ajuda a proteger um bloco de floresta tropical primária que totaliza 1,3 milhão de hectares em cinco Unidades de Conservação Federais, contíguas à Terra Indígena do Cateté, da Comunidade Indígena Xikrin.

As atividades de mineração realizadas pela Vale em uma das unidades de conservação, a Floresta Nacional de Carajás, interferem em menos de 3% da área total de 411 mil hectares. É um exemplo de conjugação harmônica entre as atividades de mineração e a proteção ambiental. Enquanto a área localizada fora das unidades de conservação experimentou, nos últimos 40 anos, um significativo impacto de desmatamento, a atuação da Companhia em Carajás permitiu a preservação do que hoje é a maior ilha de floresta primária no sudeste do Estado do Pará.

Para conjugar sua atividade econômica com a proteção ambiental, a Vale, em convênio com o Ibama, realizou um detalhado Plano Diretor de Uso das Florestas Nacionais de Carajás e do Tapirapé-Aquiri. Os trabalhos combinaram os atributos ambientais com as vocações minerais da região, gerando um completo conjunto de programas. O uso intensivo de geomática proporciona o permanente monitoramento e controle da área onde, por exemplo, são aplicadas as mais adequadas técnicas de vigilância e prevenção e controle de incêndios florestais.

Segundo as orientações do Plano Diretor, parte da Floresta Nacional de Carajás está aberta ao público. Em 2006, cerca de 60 mil pessoas visitaram o Parque Zoobotânico de Carajás, onde a Companhia, por meio do IAVRD, realiza diversos programas de educação ambiental, proteção e reintrodução da fauna local e pesquisas científicas sobre a dinâmica ecossistêmica.

Seleção de espécies para recuperação de áreas mineradas

As áreas utilizadas para mineração costumam afetar a vegetação nativa, tornando-se necessário implementar programas de recuperação das regiões degradadas. Atualmente, as espécies vegetais disponíveis para recuperação da maioria dessas áreas são poucas e não estão disponíveis em escala comercial. Diante disso, é comum ver práticas de replantio baseadas na formação de pastagens, as quais não cumprem os objetivos de restauração.

Para superar essa lacuna tecnológica e de mercado, a Vale iniciou uma pesquisa para a seleção de espécies adequadas à recuperação de áreas degradadas pela mineração. Pesquisadores do Instituto Ambiental Vale do Rio Doce coletaram 173 espécies, num total de 177 quilos de sementes, no quadrilátero ferrífero de Minas Gerais. Os gêneros mais representativos, em número, foram de leguminosas: *Mimosa* (27 espécies), *Senna* (17), *Crotalaria* (14), *Canavalia* (7), *Desmodium* (7), *Centrosema* (6) e *Machaerium* (5).

As espécies foram semeadas em um campo de multiplicação, visando a selecionar as de maior potencial em termos de formação de biomassa, para um programa de seleção de estirpes, desenvolvido em convênio com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Esse programa visa a incrementar a diversidade de espécies e dar mais sustentabilidade ao processo inicial de sucessão vegetal. A partir dele, as espécies selecionadas passaram a ser usadas pela Companhia na recuperação de áreas degradadas.

A mina de Piçarrão, em Minas Gerais, por exemplo, passou pelo processo de revegetação e, em três anos, já mostrava bons resultados. A mina de Caeté, também no Estado de Minas Gerais, e trechos da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), por sua vez, passaram por recuperação ambiental, com reconformação do terreno, regularização da drenagem e revegetação. Em três meses após o início da reabilitação, a EFVM já apresentava resultados significativos, assim como a mina de Caeté, cuja recuperação foi bem-sucedida.

Salvamento de fauna

Em áreas de mineração, onde é preciso suprimir a vegetação nativa, a legislação brasileira determina que se faça o manejo da fauna, de forma a minimizar os impactos.

A Vale desenvolveu uma alternativa metodológica às técnicas de resgate e translocação previstas pelo Ibama e utilizadas até 2005. Conhecida como Salvamento de Fauna, essa metodologia obteve o apoio da comunidade científica e foi aceita pelo Ibama, e os resultados obtidos em 2006 demonstram o acerto da iniciativa.

Comparando os dados obtidos pela Vale para o Salvamento de Fauna nas minas de cobre, ferro e manganês em Carajás, durante 2006, com os dados de resgate e translocação nas minas de cobre e ferro de 2005, foi constatada uma queda próxima de 50% na taxa de mortalidade dos animais manejados durante a supressão de vegetação.

Esse expressivo resultado gerou tanto interesse pela comunidade científica que o trabalho foi apresentado no VII Congresso Internacional de Manejo de Fauna, realizado em Ilhéus, na Bahia, em setembro do ano passado. Além do ganho ambiental, houve também um ganho econômico da ordem de 65,68% para Vale, se comparado o custo dos procedimentos em uma área hipotética de 30 hectares.

Mas a preocupação da Vale com a fauna vai além da necessidade de manejo em função das atividades da empresa. A Companhia investe também em pesquisas que auxiliam a preservar espécies em extinção. A Reserva Natural da Vale em Linhares representa uma esperança de sobrevivência de um dos animais mais ameaçados de desaparecimento da mata atlântica, a onça-pintada. Ela necessita de uma grande área para sobreviver e, nas últimas décadas, seus territórios vêm sendo tomados pelo homem e suas atividades produtivas.

As poucas áreas de conservação da Mata Atlântica remanescentes não têm tamanho suficiente ou já estão em processo de degradação, não oferecendo condições para abrigar esses animais, que exigem grandes áreas para a sobrevivência de uma população que assegure sua perpetuidade. A Vale investe, na Reserva de Linhares, em pesquisas para conhecer melhor os hábitos e o comportamento dos felinos brasileiros, o que é imprescindível para a preservação da espécie.

Os estudos desenvolvidos nos 22 mil hectares de Mata Atlântica da reserva atraem diversos pesquisadores. A pedido da Vale, uma equipe coordenada pela PUC-Minas, vem estudando a ocorrência de felinos na reserva. Foram instaladas 20 câmeras fotográficas com sensores de movimento e calor pelas trilhas da reserva, e, a partir dos registros feitos, já foram avistados seis dos sete felinos originais da Mata Atlântica: gato-do-mato pequeno (*Leopardus tigrinus*), gato-maracajá ou gato-do-mato grande (*Leopardus wiedii*), gato-preto ou gato-mourisco (*Leopardus yagouaroundi*), jaguatirica (*Leopardus pardalis*), onça-parda ou suçuarana (*Puma concolor*) e a famosa onça-pintada (*Panthera onca*), o que demonstra a importância da pesquisa, principalmente porque Linhares pode ser um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica com felinos residentes.

O Complexo Industrial e Portuário de Tubarão, localizado em Vitória, no Espírito Santo, a 12 quilômetros do centro da cidade, abrange uma área de aproximadamente 1.400 hectares. Lá, a Vale instalou um dos maiores portos e o maior conjunto de usinas de pelotização do mundo.

Desde a década de 80, o complexo foi palco de um grande programa de reflorestamento, entre os mais relevantes já ocorridos numa área industrial e urbana no Brasil. Em cerca de 620 hectares foram plantadas 6 milhões de árvores tropicais, que, além de terem uma função de restauração ecossistêmica, exercem a contenção da ação do vento sobre as pilhas de minério de ferro e pelotas, reduzindo a emissão de particulados.

A região reflorestada de Tubarão é a maior área verde de Vitória. Em 2004, a Vale abriu ao público o Parque Botânico de Tubarão, instalado dentro do complexo industrial, numa área especialmente destinada ao lazer, à educação e à apresentação do tema ambiental aos visitantes.

Cerca de US\$ 4 milhões foram aplicados na instalação de um centro para recebimento dos visitantes, dotado de anfiteatro, auditórios, salas temáticas, parques infantis e trilhas interpretadas, que levam o público a conhecer as características da floresta tropical, sempre acompanhado por monitores do IAVRD. Os visitantes são também convidados a conhecer as instalações industriais da Companhia, em ônibus especiais que percorrem circuitos que dão a dimensão do complexo e a compreensão das atividades desenvolvidas na unidade.

Hoje, o Parque Botânico de Tubarão é uma das principais áreas de lazer e visitação da cidade de Vitória, tendo recebido em 2006 cerca de 120 mil pessoas. Com base na experiência de Tubarão, a Vale está instalando um parque botânico no Terminal Portuário de Ponta da Madeira, em São Luís do Maranhão, o qual deverá ser inaugurado em 2007.

Hoje, o Parque Botânico de Tubarão é uma das principais áreas de lazer e visitação da cidade de Vitória, tendo recebido em 2006 cerca de 120 mil pessoas.



Emissões Atmosféricas

No Brasil, as primeiras ações voltadas para a gestão da qualidade do ar remontam aos anos 70, e o País conta hoje com uma ampla política para a gestão da qualidade do ar baseada no Programa Nacional de Controle da Qualidade do Ar (Pronar).

Ciente da necessidade de compatibilizar suas operações com a preservação da qualidade do ar, a Vale prioriza esse assunto em sua gestão ambiental.

A Companhia desenvolve planos de gestão da qualidade do ar em suas unidades, os quais incluem o Controle de Emissões Atmosféricas, o Programa de Monitoramento de Emissões e o Programa de Monitoramento Meteorológico e da Qualidade do Ar.

Além disso, mantém programas para o desenvolvimento de novas tecnologias e de pesquisas relacionadas ao tema, como estudos de dispersão atmosférica, e epidemiológicos, modelo receptor inteligente (para determinar a origem

das partículas presentes no ar), e outros voltados para a melhoria contínua e para a manutenção dos níveis de qualidade do ar em conformidade aos padrões de qualidade.

Um exemplo bem-sucedido de ação para a redução da poluição atmosférica é o Programa Vale de Qualidade Ambiental desenvolvido no Espírito Santo, em parceria com o governo do Estado. Em 2006, cerca de R\$ 30 milhões foram gastos com o programa – de um investimento da ordem de R\$ 252 milhões para os próximos três anos –, para implementar uma série de ações e projetos ambientais que visam a contribuir para a melhoria da qualidade ambiental da Região da Grande Vitória.

Entre as ações de 2006 destacam-se a implantação do precipitador eletrostático na entrada e saída do forno e peneiramento da usina 7 do complexo de pelotização de Vitória e a aplicação do supressor de pó no transporte e manuseio de pelotas. Essas duas iniciativas resultaram em uma significativa redução das emissões de material particulado. Com o novo precipitador da usina 7, as emissões foram praticamente eliminadas. O precipitador tem uma eficiência de mais de 99%, e as concentrações de material particulado na saída da chaminé vêm apresentando valores bem abaixo do padrão legal. O supressor de pó é um produto parafínico que é aplicado misturado à água, através de aspersores localizados em diversos pontos de manuseio de pelotas.



“

Nossa comunidade tem um relacionamento caracterizado pelo diálogo franco com a Vale. Nosso posicionamento é de parceria responsável, com críticas necessárias e prevalência do respeito mútuo. Nós, do Conselho Popular de Vitória, temos trabalhado para concretizar esse espírito de abertura que a Companhia demonstra ter. Isso é bom não só para a empresa e para o Conselho Popular, mas também para toda a região metropolitana. A comunidade vê a Vale de forma bastante positiva e, por isso, faz questão de participar sempre que é solicitada.”

Waldemar Cunha, líder comunitário - presidente do Conselho Popular de Vitória (ES).

”

Mudanças Climáticas

As emissões dos chamados Gases de Efeito Estufa (GEE) estão no foco da Vale. Parte das operações da Companhia, mais especificamente as de logística e de pelletização, tem como fonte de energia os combustíveis fósseis, que liberam GEE e contribuem, portanto, para o aquecimento global.

Diversas iniciativas internacionais vêm sendo desenvolvidas e implementadas a fim de reduzir a emissão de gases de efeito estufa na atmosfera. Tais iniciativas têm reflexo imediato na formação de blocos de mercado, em países desenvolvidos e em desenvolvimento, afetando a Vale, seus parceiros e clientes.

Em relação a mudanças climáticas, a Companhia vem agindo de várias formas, procurando conhecer suas emissões e seus estoques de carbono, por meio do inventário de emissões de GEE e de estoque de carbono, que vêm sendo realizados anualmente desde 2005.

O trabalho tem como referência o Manual da Vale para o Inventário de Gás de Efeito Estufa e segue os protocolos internacionais do World Business Council for Sustainable Development and World Resources Institute, Greenhouse Gas Protocol – Corporate Module e a Norma ISO 14064-1 *Specification with guidance at the organization level for quantification and reporting of greenhouse gas emissions and removals*.

A Vale participa de fóruns para discussão e formulação estratégica sobre o tema, como o International Emissions Trading Association (Ieta), o World Business Council for Sustainable Development e seu representante no Brasil, o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável.

As mudanças climáticas constituem um dos maiores desafios a serem enfrentados pelos setores produtivos, pelos governos e pela comunidade científica. Com o inventário das suas emissões de GEE e dos seus estoques de carbono, a Companhia possui as ferramentas que propiciam o aprimoramento contínuo da eficiência dos controles, com foco no consumo específico de combustíveis fósseis e na identificação, desenvolvimento e aplicação de tecnologias limpas.

Uma dessas iniciativas está direcionada para a utilização de biodiesel, que vem sendo testado em locomotivas das ferrovias da Vale. O Brasil vem desenvolvendo um programa de ampliação da produção desse combustível a partir de espécies oleaginosas de alto rendimento, repetindo o sucesso que alcançou na produção do álcool para veículos automotores. Ao longo dos próximos anos, a Companhia substituirá o óleo diesel por biodiesel, de acordo com a oferta dessa fonte energética alternativa, em percentuais tecnicamente aceitos e consagrados pelos diversos fornecedores de motores a diesel.

No que se refere ao seqüestro de CO₂ e à fixação de estoques de carbono em florestas, a Vale desenvolveu conhecimento sobre tais conversões nas suas áreas protegidas e reflorestadas. O domínio do conhecimento nesse campo – bastante complexo em virtude da diversidade de tipologias florestais existentes no Brasil – vem permitindo à Companhia realizar um amplo intercâmbio com a comunidade científica, de forma a estabelecer metodologias de mensuração consagradas e alinhadas com as sugeridas pelo Painel Científico das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (IPCC), e em especial pelo seu setor dedicado a uso do solo e alterações de uso do solo por florestas (LULUCF).

Na Reserva Natural da Vale do Rio Doce, em Linhares, por exemplo, a Companhia mantém um dos mais completos bancos de dados sobre estoques de carbono em florestas primárias brasileiras, graças às iniciativas dos seus técnicos, que há 25 anos coletam informações que vêm permitindo a calibração de modelos matemáticos desenvolvidos para tipologias florestais semelhantes.

Biodiesel nos trilhos da Vale

O consumo de óleo diesel pelas ferrovias da Vale representa hoje cerca de 511 milhões de litros por ano. Por isso, a empresa decidiu investir em um projeto para verificar os impactos da utilização de uma fonte de energia renovável – o biodiesel.

O ganho social está na contribuição da Companhia para o programa do governo federal brasileiro que incentiva a produção do biodiesel nas Regiões Norte e Nordeste do País, por meio da agricultura familiar. Ou seja, consumindo o produto, a Vale contribui para o desenvolvimento social dessas populações.

Em março de 2006, a Companhia iniciou testes para avaliar a utilização do biodiesel de palma (dendê) no abastecimento de locomotivas. Para isso, foi utilizada uma mistura com óleo diesel de petróleo na proporção B20, ou seja, 20% de biodiesel para 80% de diesel convencional.

O principal objetivo era verificar, em testes laboratoriais, de bancada e de campo, os impactos da mistura na potência, na eficiência energética, e na manutenção das locomotivas, além da emissão de poluentes. Considerando uma mistura de 20%, o consumo estimado de biodiesel nas ferrovias seria de 102 milhões de litros por ano.

Para realizar o teste de campo na ferrovia, a Vale obteve autorização do Instituto Brasileiro do Meio

Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), sendo a primeira empresa no País a ter permissão da ANP para tal.

Durante os testes, a Vale utilizou duas locomotivas do modelo GE Dash 9, que foram designadas a rodar sempre no mesmo trem e sob o mesmo esforço de tração. Em 2006 os testes aconteceram na Estrada de Ferro Vitória a Minas entre março e dezembro (testes de campo) e em junho e novembro (testes de bancada). Nesses meses, os abastecimentos foram feitos em Tubarão, Espírito Santo, por meio de um sistema próprio para biodiesel, e em Nova Era, Minas Gerais, por meio de vagão-tanque.

Os dados coletados durante o período de testes ainda estão sob análise, mas algumas conclusões preliminares já podem ser tiradas. No quesito desempenho de potência, a locomotiva Dash 9 tende a manter a potência de cada ponto, independentemente do combustível utilizado, pelo fato de ser microprocessada. Assim, a redução de potência utilizando o biodiesel na proporção B20 será muito pequena.

No aspecto manutenção, pesquisadores do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia – Coppe, da

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), não identificaram impactos com a utilização do biodiesel, durante as análises de óleo lubrificante, videoscopias e acompanhamento das manutenções de rotina. Mesmo assim, pretende-se fazer uma análise mais detalhada das videoscopias e examinar o motor das locomotivas, para confirmar o bom desempenho do combustível.

Quanto à eficiência energética, foi feita uma análise durante o teste de bancada, além do acompanhamento em campo. Os dados de campo estão sendo avaliados. De acordo apenas com os resultados de bancada e levando-se em conta o tempo de operação por ponto de aceleração, o uso do biodiesel acarreta um aumento de consumo pequeno.

Futuramente, a Vale pretende utilizar o biodiesel em percentuais crescentes, de acordo com a disponibilidade de fornecimento do combustível ou com o desenvolvimento de plantios próprios para sua produção. A utilização do biodiesel também levará em consideração resultados de testes realizados pelos fornecedores de motores das locomotivas, com o objetivo de garantir o desempenho e a durabilidade dos equipamentos. A Companhia está realizando estudos de viabilidade técnica e econômica para a implantação de plantios próprios e de usina de beneficiamento de biodiesel.

Geoinformação

A Vale mantém um sofisticado sistema de gerenciamento territorial das áreas onde atua – o GeoVale.

Com o suporte de imagens de satélite de diferentes resoluções, a Vale desenvolveu bancos de dados geográficos integrados, que permitem o acesso a uma ampla gama de informações sobre os diferentes atributos geográficos e censitários da área de influência direta e indireta das suas operações.

O emprego de tais tecnologias de observação e interpretação da Terra, em conjunto com as metodologias que desenvolveu para a gestão territorial, vem proporcionando maior exatidão nos estudos ambientais relacionados à implantação dos novos projetos, além do aprimoramento do modelo de inserção regional das operações atuais da Companhia.

Uma das áreas de negócio da Vale que faz uso intensivo do GeoVale é a de Logística. Todas as ferrovias foram registradas em imagens por satélites ou câmeras fotográficas digitais de alta resolução. São cerca de 10 mil quilômetros digitalizados, interpretados e organizados no Sistema de Informações Geográficas (SIG) de cada ferrovia, totalmente interligado com os respectivos Centros de Controle Operacional das ferrovias.

Essa ferramenta proporcionou maior eficiência às operações em situações normais e anormais, quando, por exemplo, da ocorrência de um acidente. A gestão dos riscos

associados ao transporte aponta o comportamento de cada tipo de carga em relação ao meio ambiente e às áreas urbanas e agrícolas. Além disso, está integrada ao SIG, que permite a localização imediata do ponto exato da ocorrência e direciona o acesso e as ações das equipes das bases de atendimento a emergências.

Nas áreas de mineração, o emprego da geomática vem proporcionando maior nível de conhecimento dos atributos ambientais do território, o que propicia o aprimoramento das técnicas de planejamento de lavra, de instalação da infra-estrutura de operações minerais e de gestão operacional.

Capacitação para a Sustentabilidade

A capacitação em gestão ambiental tem papel fundamental na forma de atuar da Vale, uma vez que a preservação e a recuperação do meio ambiente são aspectos integrantes da sua gestão.

Por esse motivo, foi criado, em 2004, o programa Atitude Ambiental, que consolida e imprime uma linha comum a todos os projetos de capacitação ambiental da Vale.

Em 2006, a Vale deu continuidade ao Atitude Ambiental com a divulgação das diretrizes de capacitação ambiental, para públicos interno e externo, e cuja estruturação foi planejada para o biênio 2006-2007.

O programa tem como objetivo a difusão dos princípios de responsabilidade ambiental da empresa e é fundamentado nos diálogos entre as lideranças, os empregados e contratados, em que se discute a relação entre os valores éticos e morais e as ferramentas de gestão ambiental da empresa.

A Universidade Corporativa – Valer, participa de forma efetiva do Atitude Ambiental, tendo desenvolvido uma disciplina focada em responsabilidade ambiental, com metodologia própria, que dá especial ênfase a casos concretos e à prática. A disciplina passou a fazer parte do programa de eixos comuns do Centro de Cidadania Corporativa da Valer (responsável pela divulgação dos valores corporativos), que são: cultura, meio ambiente, responsabilidade social, qualidade, segurança e saúde.

Também em 2006, 25 unidades operacionais passaram por uma primeira fase do diagnóstico do Atitude Ambiental, na qual foram identificados os tipos de projetos em curso, o escopo dos trabalhos, beneficiários e resultados.

Três projetos de capacitação ambiental já com a nova metodologia de responsabilidade ambiental desenvolvida pela Valer foram iniciados em 2006 no Complexo Portuário e Industrial de Tubarão, no Espírito Santo, na Mina de Cobre do Sossego, no Pará, e nas minas de ferro em Minas Gerais. Esses projetos visam a atender cerca de 40 mil empregados e contratados nas diferentes unidades operacionais até 2008.

Nos quatro Complexos de Mineração do Sistema Sul – Itabira, Mariana, Minas Centrais e Minas Oeste, com apoio do IAVRD, a Vale reformou três centros de referência e de capacitação ambiental e construiu um quarto centro. Nos centros, dotados de bibliotecas, são desenvolvidas atividades com empregados e as populações das cidades, há exposição de trabalhos ambientais das comunidades e das escolas e são dadas informações sobre os programas ambientais da empresa.

Entre os vários programas de capacitação ambiental desenvolvidos pelas unidades da Vale, e que são consolidados no Atitude Ambiental, destaca-se o de Canaã dos Carajás, no Pará. Em 2006, o programa foi desenvolvido por 14 escolas, que realizaram oficinas de matemática, português, geografia e ciências aplicadas às questões ambientais. Em três anos, o programa já atingiu, na cidade, 150 professores e 3.500 alunos.

Somando o público de escolas e comunidades dos centros de Minas Gerais com o dos trabalhos realizados no Pará e também no Maranhão, foram atendidos por projetos do Atitude Ambiental cerca de 1.000 professores e mais de 15 mil crianças e adolescentes em 2006.

Desempenho Social

Responsabilidade, participação, respeito. Mais do que palavras, são diretrizes que norteiam a atuação da Vale e a interlocução com seus diversos públicos: empregados, acionistas, investidores, fornecedores, clientes, sindicatos, associações de classe, comunidade, poder público.

O aprofundamento da relação com as partes interessadas e o engajamento para a promoção do desenvolvimento sustentável das regiões onde está presente fazem parte da gestão da Companhia e foram destaques em 2006.

A Vale reconhece a importância do desenvolvimento conjunto dos seus negócios e dos territórios onde está inserida. Planeja o próprio crescimento levando em conta as demandas e potencialidades das comunidades com as quais se relaciona. Para que esse processo seja efetivo, considera fundamental compreender a dinâmica das relações mantidas com todos os setores da sociedade. Isso ficou ainda mais evidente em 2006, com a criação da Diretoria Executiva de Assuntos Corporativos, idealizada para coordenar os relacionamentos da Companhia com seus diferentes públicos.

A Companhia dialoga com as comunidades e realiza estudos que balizam os projetos e operações em cada região. Nesse processo, procura convergir os interesses legítimos dos *stakeholders* e da empresa. A Vale também realiza a gestão dos impactos de suas operações, buscando minimizar os efeitos negativos e potencializar os positivos, apresentando-os à comunidade com o objetivo de propiciar o entendimento.

A forte ação social nas comunidades permeia os negócios da Companhia e é efetivada pelas áreas operacionais e pela Fundação Vale do Rio Doce, por meio de programas conduzidos em parceria com organizações não-governamentais (ONGs), instâncias do poder público e sociedade civil. Em 2006, o valor investido em projetos e programas sociais foi de R\$ 286 milhões.

Em cada região onde a empresa se insere, dentro e fora do Brasil, há o cuidado de investir em processos que gerem desenvolvimento nos vários aspectos da vida das comunidades. Para que os empreendimentos sejam conduzidos de forma cada vez mais sustentável, a Companhia vem procurando conhecer melhor os territórios onde opera, considerando os impactos dos empreendimentos atuais e antecipando os de projetos futuros, num horizonte até o ano de 2010.

No Pará, por exemplo, onde estão previstos importantes projetos no sudeste do Estado para os próximos anos, a Vale elaborou o Diagnóstico Integrado da Socioeconomia dessa região, com o suporte de consultoria especializada. Realizado em 2006, o estudo foi apresentado a autoridades, associações comerciais e empresários locais no início de 2007. Diagnósticos como esse vêm sendo desenvolvidos em várias regiões em que a Companhia está presente e contemplam uma abordagem global e integrada para apresentar a realidade atual e as perspectivas histórica, demográfica, econômica, social e urbana de cada território.



“

É muito importante que uma empresa como a Vale mantenha uma instituição com o porte da Fundação Vale do Rio Doce. Principalmente porque o trabalho desenvolvido está comprometido com o aperfeiçoamento das políticas públicas e a formação de parcerias. O denominador comum entre o trabalho da Fundação e o nosso é a busca de sinergias. A atuação não pode se limitar ao apoio financeiro, é preciso olhar e perceber como aproveitar o potencial das pessoas e dos programas. Isso é central em um país como o Brasil, e esse é o diferencial da Fundação Vale do Rio Doce.

Beatriz Azeredo, diretora da ONG Centro de Estudos de Políticas Públicas*.

”

Como empresa presente em cinco continentes, a Vale também busca estabelecer relações com interlocutores de várias nações. Nessa interação, tem por princípio entender a fundo as culturas dos países e estabelecer estratégias de mitigação de riscos. Em 2006, a Companhia iniciou negócios no Canadá, Reino Unido, Indonésia e Nova Caledônia, que se somam a países como África do Sul, Angola, Argentina, Austrália, Chile, China, Estados Unidos, França, Gabão, Índia, Japão, Moçambique, Mongólia, Noruega, Peru e Suíça.

Atenta aos desafios que representam sua expansão internacional, em todos os projetos e empreendimentos em que se lança, a Companhia coloca em prática os mesmos padrões de qualidade técnica e os mesmos princípios de conduta que norteiam suas atividades no Brasil, pois acredita que a atuação responsável, o comportamento ético e o respeito à diversidade ultrapassam os limites geográficos.

A aquisição da Inco em 2006 demonstra essa postura. A mineradora canadense já possuía cultura e tradição consolidadas. Coube à Vale conhecer essa história e considerar as ações sociais realizadas, sobretudo com as comunidades locais, sem deixar de apontar um estilo próprio de atuação. Para isso, a Companhia implantou um processo denominado internamente de *Knowledge Sharing* (Compartilhamento de Conhecimento).

Conduzido na fase de transição para a troca de controle entre as empresas, o processo resultou na criação de grupos de trabalho formados por empregados da Vale e da Inco ligados às áreas estratégicas para a consolidação da operação. Cada grupo foi responsável pela identificação de sinergias entre as duas organizações e por desenvolver ações para potencializá-las. Essa maneira de agir resultou na assinatura “*Together we are better*”, ou “Juntos somos melhores”, difundida durante a aquisição. A intenção foi deixar claro que a entrada da Vale em cena tinha por objetivo somar experiências.



Com o mesmo cuidado e atenção evidenciados no processo de compra da Inco, a Companhia avalia sua entrada e permanência nos demais territórios em que abre negócios, incorporando as variáveis sociais no planejamento do empreendimento.

Durante a transição, a Companhia preservou todos os canais de comunicação e de relacionamento já oferecidos aos empregados da Inco e desenvolveu peças no modelo pergunta-resposta, para esclarecerem eventuais dúvidas dos novos colegas. Também foi incentivado o contato direto com os gestores das áreas, a fim de evitar ruídos que pudessem afetar o clima organizacional durante o período de transição. O resultado de todo esse esforço foi dos mais satisfatórios: conseguiu-se preservar o estilo e a cultura Inco, incorporando os valores Vale.

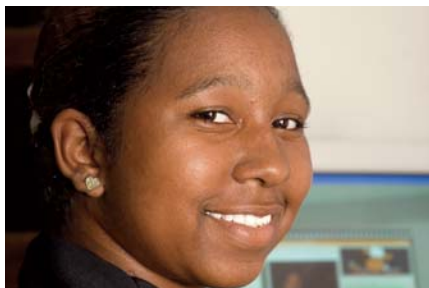
Com o mesmo cuidado e atenção evidenciados no processo de compra da Inco, a Companhia avalia sua entrada e permanência nos demais territórios em que abre negócios, incorporando as variáveis sociais no planejamento do empreendimento. O respeito à cultura local é fundamental na condução dos empreendimentos: em Moçambique, por exemplo, a tradição considera que a terra tenha uma ligação ancestral, e é preciso fazer um ritual, com lideranças locais, para iniciar um programa de exploração mineral.

Nesse país, o investimento social, firmado em acordo com o governo local, destinou, durante a fase de estudos de viabilidade, em 2005 e 2006, US\$ 6,47 milhões para projetos acordados entre a empresa e algumas instituições governamentais.

O projeto Bayóvar, no Peru, é outro exemplo da conduta respeitosa adotada pela Companhia. Apesar de a atividade de mineração enfrentar resistências da população, devido ao seu histórico no país, a Vale tem estabelecido um relacionamento participativo, mantendo uma boa relação com a comunidade e obtendo a “licença social” para sua operação, que permitirá à empresa produzir fosfato, mineral com aplicação na agricultura. Atualmente, o projeto encontra-se em etapa de estudos de viabilidade, cujos resultados serão apresentados este ano. Desde o início de seu desenvolvimento, as questões socioculturais têm merecido atenção especial.

Em 2006, foram realizados mais de 50 encontros com as comunidades vizinhas ao projeto, em coordenação com a Comunidad Campesina San Martin de Sechura, com a presença de milhares de pessoas. Também foram promovidos nove *talleres*, reuniões com diversos segmentos da sociedade local organizadas com o objetivo de gerar informações sobre o empreendimento, propiciando o entendimento e a reflexão de todos os envolvidos. Os *talleres* tiveram a participação de 1.600 pessoas nos municípios de Pura, La Unión, Sechura, Vice, Bernal, Rinconda Ilicuar, Bellavista, Cristo nos Valga e Puerto Rico.

Depois das reuniões, uma pesquisa feita com os participantes mostrou que a aceitação do projeto já é de mais de 90%. Outras ações feitas em Bayóvar em 2006 com a supervisão da Vale foram realização de diagnóstico socioeconômico, visando a identificar as demandas locais e a priorizar os investimentos sociais do projeto; convênios com universidades estaduais e o Senati, entidade local voltada à capacitação de profissionais; e apoio a programas sociais como o “Lavado de Manos”, destinado a minimizar a mortalidade infantil na região.



Dialogando com as Comunidades

O compromisso da Vale com as pessoas concretiza-se nas ações sociais realizadas pelas diversas áreas da Companhia no dia-a-dia de suas operações e nos programas desenvolvidos pela Fundação Vale do Rio Doce.

Esse compromisso reflete-se na atitude respeitosa que permeia o relacionamento entre as comunidades e a empresa.

A Companhia entende o diálogo social como um processo permanente e sistematizado, que requer proatividade e conhecimento mútuo, e perpassa todos os negócios e todas as fases dos empreendimentos – desde os estudos de viabilidade até os processos de encerramento de atividades.

Com a expansão da Vale para outros territórios fora do Brasil, mais um desafio impõe-se à comunicação com as comunidades: a perspectiva multicultural. Cada vez mais, os empreendedores, em todo o mundo, precisam de licença social para operar. As audiências públicas são previstas pela legislação ambiental em vários países, e cabe às organizações envolver adequadamente as comunidades nesse processo.

Engajar, por exemplo, as lideranças comunitárias de Moatize – região de Moçambique onde a Companhia realizou estudos de viabilidade com vistas à exploração de carvão mineral – requer, entre outros aspectos, expressar-se nos idiomas e dialetos regionais, considerar a tradição oral em detrimento da linguagem escrita e interagir com os régulos, anciões que traduzem os valores das comunidades locais.

Nos territórios onde a Companhia opera, existem canais e instrumentos de diálogo que têm por objetivos integrar, aproximar, promover o esclarecimento e o entendimento, e encaminhar questões levantadas pelas comunidades. Os projetos que visam a manter uma comunicação contínua entre a empresa e as comunidades estão agrupados no programa Vale Comunidade.

O Encontro com Lideranças é um deles. Criado em 2001, e implantado em várias áreas da Vale, busca estabelecer um canal permanente de comunicação com os líderes comunitários por meio de reuniões periódicas nas quais são discutidos assuntos trazidos pela população local e que demandam posicionamentos da Companhia. Alguns desses encontros convertem-se também em oportunidades para que a empresa gere informação qualificada sobre seus processos e os aspectos que afetam direta ou indiretamente a vida das comunidades. Ao longo da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), por exemplo, foram realizadas reuniões bimestrais com 700 líderes dos municípios de Cariacica, Serra, Baixo Guandu e Fundão (Espírito Santo) e Aimorés, Resplendor, Frederico Sellow e Governador Valadares (Minas Gerais).



Com a introdução dos diagnósticos socioeconômicos em 2006 pela Fundação Vale do Rio Doce, a Companhia vem conhecendo ainda melhor os territórios onde atua. Como resultado, nas localidades em que esses estudos são realizados, a comunicação está sendo reorientada, a partir da análise das informações levantadas, inclusive sobre o próprio processo de diálogo em curso com as comunidades.

Um exemplo é a cidade de Canaã dos Carajás, no Pará, onde está localizada a mina de cobre do Sossego. O diagnóstico realizado em 2006 levantou, entre outros aspectos, que a agricultura é tão importante quanto a mineração para a economia local. A partir disso, os Encontros com Lideranças propiciaram a consolidação de parcerias entre a Vale, a comunidade e o poder público local. Foram realizadas pesquisas de avaliação da aptidão agrícola dos solos de Canaã dos Carajás, e iniciados estudos para a construção de um aterro sanitário. A Vale também apoiou a criação da Agência de Desenvolvimento Econômico e Social, que estabelecerá prioridades para o crescimento sustentável da cidade.

Ainda em Canaã, a Companhia deu apoio à contratação de uma empresa especializada para dar suporte na elaboração do Plano Diretor Participativo do município e assinou convênios para a construção do prédio do Fórum e da Companhia de Polícia Militar locais, entre outras obras. Ao contribuir para a consolidação de uma infra-estrutura básica e de uma rede de serviços diversificada, a Vale ajuda a elevar os níveis de renda, dinamiza a economia e possibilita a geração de investimentos em outros setores, como, nesse caso, a produção rural.

Outro projeto de relacionamento bem-sucedido da Companhia é o Cidadania nos Trilhos, desenvolvido pela Ferrovia Centro-Atlântica (FCA) e, mais recentemente, pela EFVM. Desde 2004, quando foi iniciado, já atingiu um público estimado de 65 mil pessoas. Na EFVM, foi implantado em 2006, nos municípios de Colatina, Fundão, Serra e Cariacica, com a participação de 43 escolas, 3.200 alunos e 140 professores.

O projeto envolve trabalho pedagógico nas escolas – inclusive a qualificação dos professores –, apresentação de esquetes teatrais e divulgação em rádios, jornais e outras mídias locais. São realizadas reuniões com lideranças formais e informais das comunidades, ONGs e entidades representativas, além de *workshops* para jornalistas. O planejamento das atividades parte da percepção dos impactos gerados pelas ferrovias na vida das comunidades, buscando a conscientização para a redução de acidentes. Com o mesmo propósito de conscientizar a população para a segurança no trânsito ferroviário, o projeto Olha o Trem, desenvolvido pela Estrada de Ferro Carajás (EFC), alcançou, só em 2006, 10 mil pessoas em oito municípios ao longo da EFC.



O diálogo é o primeiro passo para o conhecimento mútuo entre a Vale e as comunidades nas quais a Companhia se insere, seja por meio de seus empregados, seja pelo fato de compartilhar um cotidiano e um futuro comuns.

A Vale acredita que o diálogo com as comunidades pode ser efetivado em diferentes espaços e oportunidades. Essa é a perspectiva do projeto Terças no Museu, que oferece às escolas atividades extraclasse relacionadas ao transporte ferroviário e à educação ambiental, tendo como fio condutor a história da ferrovia. Em 2006, o Museu Vale do Rio Doce recebeu 2.080 alunos para visitar o seu acervo, que inclui uma locomotiva Maria-Fumaça da década de 1940 e a maior maquete ferroviária do Brasil, com 34 metros quadrados, que mostra a logística e os cuidados ambientais da Vale em cada processo relacionado ao minério de ferro.

Os trilhos também podem ser usados para prestar serviços básicos a populações de baixa renda. A Fundação Vale do Rio Doce mantém o projeto especial Trem da Cidadania no interior do Maranhão, para servir aos municípios por onde a EFC passa. Com uma locomotiva e dois vagões, onde viaja uma equipe que presta serviços como emissão de documentos, consultas médicas e odontológicas, são desenvolvidos trabalhos educativos para a prevenção de doenças.

A unidade móvel permanece em cada cidade por dez dias e retorna à estação de três em três meses. O projeto é desenvolvido em parceria com o governo do Estado do Maranhão, as prefeituras de Açailândia, Pindaré-Mirim, Vitória do Mearim e Bom Jesus das Selvas, a Corregedoria Geral da Justiça e a Fundação Nacional de Saúde.

A Companhia promove ainda o Vale Comunidade – Visitas, porta de entrada para a aproximação com os moradores das cidades onde opera. Por meio de visitas às instalações da Vale, agendadas diretamente pelas pessoas da comunidade ou suas lideranças, é possível conhecer mais os processos produtivos da empresa e sua atuação socioambiental, além de esclarecer dúvidas. As visitas promovem a reflexão e a compreensão – o que, muitas vezes, é o primeiro passo para o conhecimento mútuo entre a Vale e as comunidades, nas quais a Companhia se insere, seja por meio dos seus empregados, seja pelo fato de compartilhar, na interação com os demais atores sociais, um cotidiano e um futuro comum a todos.

Responsabilidade além-fronteiras

A Vale está presente em Moçambique desde novembro de 2004, quando venceu a concorrência internacional para explorar uma das maiores reservas carboníferas do mundo, localizada em Moatize, na província de Tete. A entrada no país deu-se sob os mesmos princípios de responsabilidade social que orientam a atuação da Companhia no Brasil e em cada localidade em que se insere.

Para o estudo de pré-viabilidade do projeto, foram realizadas análises socioeconômicas com base em levantamento de dados secundários, pesquisas quantitativas e qualitativas, entre outras iniciativas. Também foram ouvidos 890 representantes dos públicos de relacionamento (*stakeholders*) da região.

A aproximação com a comunidade para apresentar o projeto, suas diversas fases, os impactos advindos e os cuidados da Vale na sua gestão foi feita por meio de reuniões com os diversos segmentos da população dos territórios afetados pelo projeto. Foram promovidas 23 reuniões com lideranças locais e outras 47 com as comunidades, entre outras iniciativas, que somaram a participação de 4.746 pessoas. Buscando o melhor entendimento das informações e a maior interação com o público, foram utilizadas ferramentas de comunicação adequadas à cultura local, baseada na oralidade, como, por exemplo, apresentações teatrais.

Durante a fase de análise da viabilidade do empreendimento, conforme previsto na proposta da Vale vencedora da licitação, a Companhia investiu em ações voltadas ao desenvolvimento socioeconômico da região, em parceria com as comunidades, o governo, organizações não-governamentais e o empresariado local.

Os investimentos – em projetos nas áreas de educação, cultura, saúde, infra-estrutura, agricultura e assistência social – foram orientados a partir da diretriz de ouvir as demandas das comunidades de Moatize e Tete.

Caso o projeto venha a ser implantado, as ações de comunicação já desenvolvidas pela Vale serão ampliadas e diversificadas, visando à consolidação dos relacionamentos já existentes e do posicionamento da Companhia perante a população. O empreendimento deverá gerar cerca de 900 empregos diretos no auge da produção, com picos de até 3 mil postos de trabalho na fase de implantação. Os benefícios à população de Moatize, onde hoje vivem 35 mil pessoas, se estenderão pelo vale do Rio Zambeze, no qual se localiza a cidade, e por todo o país.

Comunidades indígenas e quilombolas

Ao relacionar-se com as comunidades, a Vale procura entender a diversidade sociocultural de cada território e buscar soluções conjuntas para desenvolver as potencialidades das populações e, ao mesmo tempo, viabilizar as atividades da Companhia. O primeiro contato da Companhia com comunidades indígenas deu-se em 1982, como uma condicionante para o financiamento do Projeto Carajás pelo Banco Mundial. O foco foi a implementação gradual de um novo modelo de relacionamento duradouro e de apoio voluntário.

A experiência da CVRD Inco no relacionamento com as comunidades tradicionais soma-se à atuação da Vale com esse público. A Companhia tem como princípio promover ações que venham a garantir, no futuro, a manutenção dos membros dessas comunidades, a preservação de suas culturas e a geração de recursos para que se tornem auto-sustentáveis. Em 2006, foram feitos investimentos diretos pela Companhia de cerca de R\$ 20 milhões (mais gastos internos) em comunidades indígenas, beneficiando mais de 3.700 índios nos Estados do Pará, Maranhão e Minas Gerais. As ações e os recursos variam caso a caso, de acordo com a realidade de cada comunidade.

No Pará, as comunidades Xikrin-Cateté, Xikrin-Djudjêkô, Gaviões-Parkatêjê e Gaviões-Krikatêjê obtiveram apoio para atividades produtivas e foram beneficiadas com a construção de casas nas aldeias. Além disso, a Vale participou do custeio de despesas com alimentação, remédios, educação, material escolar e forneceu assistência médica suplementar. Já a comunidade Suruí do Sororó, também localizada no Pará, contou com investimento em projetos produtivos e assistência médica, assim como as comunidades do Maranhão (Guajajara, Awá, Urubu Ka'apor).

A Companhia investiu em melhorias de infra-estrutura importantes, como a manutenção da estrada que passa pela reserva Xikrin-Djudjêkô e a construção de estrada, hospital e rede de saneamento, entre outras obras, para os Gaviões-Parkatêjê, no Pará. A reconstrução da ponte sobre o Rio Eme, na reserva dos índios Krenak, em Minas Gerais, e o custeio das despesas da aldeia e de assistência médica suplementar também foram ações da Companhia no último ano.

Com base na política de relacionamento da Companhia, o projeto Onça Puma deu início às atividades de aproveitamento dos depósitos de níquel laterítico – que se estendem pelos municípios de

Ourlândia do Norte, São Félix do Xingu e Parauapebas, no Pará. A política inclui o estabelecimento de garantias para que as comunidades indígenas usufruam os benefícios gerados pelo projeto e de medidas para prevenir ou minorar eventuais efeitos adversos sobre as comunidades.

Em 2006, também foi feito um estudo etnoecológico na terra indígena Kayapó, no Pará, para avaliar aspectos ambientais e socioculturais e indicar ações para reverter ou minimizar possíveis impactos de Onça Puma sobre as comunidades localizadas próximas ao empreendimento (Xikrin-Catete, Xikrin-Djudjêkô e Kayapó – aldeias Aukre, Pykararankre, Kendjam e Kikretum).

Outras ações realizadas por Onça Puma foram: o estabelecimento de canais de diálogo para estreitar relações com as comunidades indígenas com o objetivo de formalizar, no futuro, um termo de compromisso que resulte em ações concretas de desenvolvimento sustentável; o estudo e a avaliação da fertilidade dos solos na aldeia Xikrin do Cateté; e levantamentos do potencial florestal e das condições físicas, sanitárias e ambientais das aldeias, para subsidiar a elaboração de projetos de geração de renda.



Ainda na comunidade Xikrin do Cateté, foi feito um estudo geofísico que determinou a capacidade hídrica subterrânea das aldeias, com a conseqüente instalação de dois poços artesianos para o abastecimento de água potável.

A Vale tem evoluído na relação com as comunidades indígenas, cada vez mais incluindo sua perspectiva nos processos decisórios dos negócios, buscando estabelecer o diálogo constante e acumulando conhecimento. A Companhia desenvolveu estudos etnoecológicos e etnoambientais em parceria com consultores especializados, que têm contribuído fortemente para adequar o apoio financeiro, voltado para projetos estruturantes que respeitem a cultura e a vocação de cada etnia.

Desde 2005, a Vale também se relaciona com comunidades quilombolas em Moju, no Pará, que ficam próximas às operações de bauxita em Paragominas. Diversas ações da Companhia em 2006 beneficiaram 13 comunidades quilombolas: São Bernardino, Santa Luzia do Tracuateua, Nossa Senhora

das Graças, Santa Maria do Tracuateua, São Manoel, Santa Maria de Oxalá de Jacundaí, Vila Nova, Ribeira, Centro Ouro Bom Jesus, Santana do Baixo, Santo Cristo, Conceição do Mirindeua, Santa Maria do Mirindeua.

No total, essas comunidades somam 650 famílias, das quais cerca de 215 têm relação direta com o empreendimento. A Companhia investiu em obras, como construção de posto de saúde, implantação do Projeto Casa Familiar Rural, recuperação da ponte de Jambuaçu e construção de 33 quilômetros de estrada – e no apoio à implementação de projetos de voluntariado.

Em virtude de reivindicações feitas pelas comunidades quilombolas de Moju em dezembro de 2006, a Vale comprometeu-se, em novo termo de acordo firmado em fevereiro de 2007, a finalizar as obras acima relacionadas, a corrigir eventuais impactos gerados pela instalação do mineroduto da empresa na localidade e a acelerar medidas de mitigação, realizando um estudo para mapear potencialidades produtivas e apoiar projetos voltados à sustentabilidade da comunidade.

Revelando o Potencial dos Territórios

A Fundação Vale do Rio Doce contribui para o desenvolvimento integrado econômico, ambiental e social dos territórios onde a Companhia atua, por meio de programas estruturantes nos eixos de Economia Local, Cultura e Educação.

Seu modelo de atuação pressupõe a formação de alianças e a constituição de redes, contribuindo para o fortalecimento de parcerias e para a ampliação do potencial transformador.

Em 2006, a Fundação consolidou uma posição ainda mais estratégica nas operações da Companhia com a realização dos diagnósticos socioeconômicos, estudos dirigidos para a identificação de necessidades e potenciais dos territórios onde a Vale se insere e mapeamento dos impactos gerados por suas atividades, especialmente sobre as pessoas. Uma vez concluídos, esses levantamentos permitem estabelecer a melhor forma de ação da empresa, a fim de propiciar o desenvolvimento da comunidade.

O primeiro desses estudos territoriais em profundidade, finalizado em 2006, foi o Diagnóstico Integrado da Socioeconomia do Sudeste do Pará que, em um primeiro momento, buscou compreender a realidade social e econômica presente e qual é efetivamente a participação da Vale na dinâmica da região. Terminada essa etapa, o estudo apresentou, por meio de estimativas e cenários, diversas projeções econômicas, demográficas e relativas à demanda de serviços e de infra-estrutura pública, considerando as tendências de crescimento da economia local potencializadas pelos investimentos previstos pela Companhia até 2010.

Em 2006, também foram realizados diagnósticos socioeconômicos em Itabira, em Minas Gerais; na zona Oeste e região Sul Fluminense do Rio de Janeiro; e em Moatize, Moçambique. Para 2007, está previsto o diagnóstico da Grande Vitória, no Espírito Santo; e a conclusão dos estudos já iniciados na região dos Complexos Minas Centrais e Mariana, em Minas Gerais; em Barcarena, no Pará; e na EFC, no Pará e Maranhão.

Os diagnósticos permitem observar antecipadamente impactos das operações futuras da Vale sobre as comunidades. Esse modelo possibilita aos executivos da empresa tomar decisões estratégicas para melhor gerenciar os efeitos dos empreendimentos. Além de lançarem um olhar sobre o ontem, o hoje e o amanhã, os diagnósticos consideram a perspectiva dos municípios dentro da região de influência em que estão inseridos. Assim, geram oportunidades de atuação não só em nível local, mas também estadual ou mesmo federal, promovendo uma gestão integrada e integradora dos territórios, que congregue iniciativas do poder público, empresas e organizações civis em favor das comunidades, ultrapassando limites geográficos.

Economia local: impulso ao desenvolvimento

O progresso das comunidades é um dos objetivos da Companhia, implementado pela Fundação Vale do Rio Doce, que busca promover o desenvolvimento dos municípios a partir da elaboração conjunta de estratégias adequadas a cada realidade, que tomam corpo com os programas Vale Mais e Rede que Vale.

O Vale Mais, conduzido em parceria com a Agência 21, vem se mostrando um poderoso agente de mudança nos municípios onde a Companhia atua. O programa busca construir uma perspectiva de futuro comum, implementando estratégias e ações de fomento ao desenvolvimento local, que são elaboradas de modo participativo, com base na articulação entre sociedade civil, poder público e iniciativa privada. Implantado em 14 municípios, o programa tem a participação de 3.200 representantes das comunidades.

A experiência do programa por ocasião da inauguração da mina de Brucutu é representativa. O empreendimento, inaugurado em outubro de 2006, em São Gonçalo do Rio Abaixo, Minas Gerais, trouxe melhorias para o município e regiões adjacentes, além de contribuir com a realização de diversos projetos de responsabilidade social corporativa.

Uma das principais iniciativas foi o Plano de Desenvolvimento Sustentável de São Gonçalo do Rio Abaixo e de Barão de Cocais, que contempla a visão de futuro definida pela sociedade dos dois municípios ao longo de um ano de debates. Durante esse período, comunidade, Vale e poder público elegeram os investimentos prioritários para cada cidade, como, por exemplo, as obras de drenagem pluvial e da rede de esgoto de Barão de Cocais, que já têm recursos de R\$ 1,4 milhão garantidos para sua construção.

O plano engloba um conjunto de estratégias e ações relacionadas ao crescimento econômico, à distribuição de benefícios, à gestão democrática e à sustentação dos recursos locais – temas fundamentais ao desenvolvimento dos municípios.



Durante as reuniões para construção do plano, também foi identificada a necessidade de contratação de uma consultoria especializada para analisar o sistema público de saúde, o que foi feito pela Vale em março de 2006. Outras ações resultantes desses encontros e implementadas pela Companhia foram a assinatura de um convênio com o hospital municipal para compra de equipamentos; a doação de terrenos para construção do quartel e da cadeia pública; o repasse verbas ao Conselho Municipal de Segurança Pública para aquisição de equipamentos e melhoria da infra-estrutura da Polícia Civil; a construção do trevo da rodovia MG-436; a doação de terreno para acesso ao aterro sanitário; o patrocínio ao projeto de coleta seletiva de lixo; e a doação de carregadeira, motoniveladora e retroescavadeira para a prefeitura.



A Fundação Vale do Rio Doce busca promover o desenvolvimento dos municípios a partir da elaboração conjunta de estratégias adequadas a cada realidade.

Além dos investimentos realizados dentro do programa Vale Mais, conduzido pela Fundação, o projeto Brucutu também envolveu aportes da Vale, aplicados em benefício da região. Para a Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Rio Abaixo, a empresa doou mais de R\$ 1 milhão para aterro sanitário, tratamento de água e esgoto e elaboração do Plano Diretor do município. A Vale também financiou a execução do Plano Diretor de Rio Piracicaba, com um investimento. Em Santa Bárbara, contribuiu para a construção de praça e local de eventos do distrito de Cruz dos Peixotos, além de participar na elaboração do projeto do Parque Recanto Verde. Foram gerados cerca de 7.600 empregos, em 2006, entre diretos e indiretos, na região, no ano passado. Nesses municípios também foram desenvolvidas diversas ações nas áreas de educação, cultura, infraestrutura e geração de renda, em investimentos sociais que somaram R\$ 2,1 milhões no ano passado.

Em outras localidades de Minas Gerais, a Companhia também realizou diversos investimentos a partir da definição das prioridades dos municípios. Em Belo Vale, um convênio permitiu a reforma e a compra de equipamentos para o Hospital e Maternidade Henrique Penido, o único da cidade, de cerca de 7.500 habitantes. Em Mário de Campos, foi realizada melhoria do trevo e das principais vias que recebem intenso tráfego de carretas de minério na região. O município de João Monlevade foi beneficiado com uma contribuição de R\$ 1 milhão para o Hospital Municipal Margarida; e Bela Vista de Minas, com o financiamento do seu Plano Diretor pela Companhia. Congonhas obteve patrocínio para a elaboração de um programa de desenvolvimento, que inclui diagnóstico socioeconômico.

Na cidade de Itabira, que possui cerca de 100 mil habitantes e abriga as minas de ferro mais antigas da Vale, foram feitos investimentos para a elaboração do diagnóstico socioeconômico. Entre outros investimentos, está a doação de R\$ 1,6 milhão ao Hospital Nossa Senhora das Dores, destinados à compra de novos equipamentos para o setor de hemodiálise, à realização das obras de reforma do núcleo de pediatria e obstetrícia e ao aparelhamento da central de material esterilizado.

As comunidades ao longo da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) também foram beneficiadas. Em Governador Valadares, a Vale investiu, em 2006, R\$ 5,465 milhões na obra para construção do Viaduto de Altinópolis, que este ano passará a atender cerca de 15 mil pessoas que transpõem diariamente os trilhos da ferrovia. Outra iniciativa que beneficiou o município foi a construção do acesso ao aeroporto da cidade, que inclui quatro rotatórias, pavimentação e drenagem de ruas existentes e construção de uma ponte. Em Aimorés, a construção de um viaduto e de uma passarela proporcionaram segurança

e conforto aos moradores da cidade. Além de obras de infra-estrutura nos municípios, a EFVM também teve um vagão do trem de passageiros adaptado para atender exclusivamente a pessoas portadoras de necessidades especiais, ampliando a oferta de espaço para este público que já era oferecida pela ferrovia.

Outro programa desenvolvido pela Fundação Vale do Rio Doce no eixo Economia Local é o Rede que Vale. Conduzido em parceria com a ONG Rede Cidadã, investe na geração de trabalho e renda a partir de uma cadeia formada por empresas, organizações da sociedade civil e poder público. A idéia é estimular a profissionalização e o encaminhamento de jovens para o mercado de trabalho, além de desenvolver micro e pequenos empreendimentos e agrupamentos associativos. Isso é feito por meio de treinamentos, consultoria em gestão e orientação para acesso ao microcrédito.

A Companhia também contribui para a formação de redes de valor. Como empresa-âncora do programa Tear – Tecendo Redes Sustentáveis na área de mineração, a Vale teve a incumbência de selecionar 15 pequenas e médias empresas em Minas Gerais para realizar um trabalho conjunto de desenvolvimento sustentável.

As cidades da região da Grande Vitória, no Espírito Santo, próximas ao complexo de usinas de pelletização, contam com várias iniciativas nesse campo. A capital capixaba, por exemplo, obteve contribuição para programas de estímulo ao empreendedorismo, desenvolvidos em escolas do Ensino Fundamental e Médio, tanto públicas quanto particulares. Em Cariacica, no ano de 2006, foram investidos R\$ 238 mil em projetos da Associação Gestora do Plano Estratégico da cidade, entre os quais o Cariacica na Moda, que ajuda a desenvolver atividades produtivas relacionadas a este segmento.

No Maranhão, o município de Itaqui-Bacanga contou com investimento para apoiar o desenvolvimento do artesanato local, favorecendo a geração de renda. Implantada em 2006, essa iniciativa incluiu atividades relacionadas ao *design* de produtos, ações de comercialização e capacitação dos artesãos. Foram realizadas duas feiras, e 125 artesãos receberam capacitação.

Além da Fundação, a Companhia também contribui para a formação de redes de valor. Como empresa-âncora do programa Tear – Tecendo Redes Sustentáveis na área de mineração, a Vale teve a incumbência de selecionar 15 pequenas e médias empresas em Minas Gerais para realizar um trabalho conjunto de desenvolvimento sustentável. O Tear é fruto de um convênio entre o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social e o Fundo Multilateral de Investimentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Seu objetivo é ampliar as oportunidades das pequenas e médias empresas que atuam na cadeia de valor de empresas-âncoras de vários setores produtivos. Ao longo do ano, foram promovidos seminários, reuniões, oficinas e outras iniciativas para capacitação e troca de conhecimento.



Sinergia transformadora

A aliança entre empresas, poder público e organizações do terceiro setor promovida pelo programa Rede que Vale vem ampliando seu poder de transformação social com a adesão e a participação crescentes dos Voluntários Vale.

O programa conta hoje com o engajamento de cerca de 400 voluntários, que se somam à atuação das prefeituras dos oito municípios onde é realizado, além de 192 empresas e de 98 instituições sem fins lucrativos. O objetivo é propiciar a formação de jovens, entre 18 e 30 anos, para o mercado de trabalho e fortalecer o empreendedorismo local – considerados alavancas para o desenvolvimento dos territórios.

Além de contribuírem para a capacitação dos jovens, os Voluntários Vale compartilham suas experiências e seus conhecimentos na área de gestão com micro e pequenos empresários locais, que não têm recursos para contratar consultorias especializadas, orientando-os sobre como melhor administrar os negócios e ter acesso ao microcrédito.

A contribuição dos voluntários como fio de tecer a rede de alianças dos três setores em favor das comunidades vem demonstrando seu valor agregado. Em 19 meses de ação, o Rede que Vale, com a força dos voluntários, treinou 4.701 jovens. Desses, 547 foram inseridos no mercado formal de trabalho, com carteira assinada e o conseqüente acesso aos direitos previstos pela legislação. Além disso, apoiou o desenvolvimento de 99 micro e pequenos empreendimentos.

Ao estimular e apoiar a participação voluntária dos empregados em benefício das comunidades dos municípios onde vivem, a Companhia promove resultados que ultrapassam as iniciativas pontuais e contribuem para potencializar o alcance de programas sociais estruturantes conduzidos pela sua Fundação, como o Rede que Vale. Por meio do trabalho, do talento e da disponibilidade de cada voluntário, constrói-se dia a dia um cenário de transformação.





Cultura: valorizando a diversidade

O investimento em cultura permite revelar manifestações e costumes, valorizando identidades locais e criando condições para o desenvolvimento. Em parceria com organizações públicas e da sociedade civil, a Fundação Vale do Rio Doce estimula o contato das comunidades com diferentes linguagens, narrativas, técnicas e estéticas artísticas.

O programa Vale Música, que completou seis anos em 2006, tem como objetivo despertar vocações em crianças e jovens para a música erudita, promovendo sua inclusão social. Mais de 6 mil crianças e adolescentes nos estados do Espírito Santo, Pará e Mato Grosso do Sul são beneficiários do programa, que tem como parceiras a Associação de Amigos da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo – Aaofes e o Centro Cultural Caieiras (ES); a Fundação Amazônica de Música (PA) e o Instituto Homem Pantaneiro (MS).

O Vale Música começou em Vitória no ano 2000 com o ensino de música clássica para os alunos de escolas públicas da capital capixaba. Um ano depois, passou a incluir o projeto Congo na Escola. Desde 2004, está presente também em Belém, no Pará, e em 2006 chegou a Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Ao todo, no ano passado, 750 alunos passaram pelas salas do Vale Música, e 3.500 espectadores assistiram aos Concertos Didáticos

Desde o seu início, o Vale Música já alcançou 51 mil crianças e jovens. Em 2006, passou a contar com a participação da Orquestra Sinfônica Brasileira da Cidade do Rio de Janeiro (OSB), que oferece concertos visando à formação de platéia e à capacitação na área de música, além de desenvolver monitores para que esses qualifiquem crianças e adolescentes do programa. O envolvimento da OSB transformou-se em realidade a partir da iniciativa da Vale em tornar-se uma das mantenedoras da orquestra, junto à prefeitura do Rio de Janeiro.



A parceria deu novo impulso à orquestra, fortaleceu o Vale Música e permitiu ainda que, em 2006, a Companhia levasse a emoção da música de concerto a um público de 65 mil pessoas em oito capitais onde atua (Rio de Janeiro, Belém, São Luís, Aracaju, Vitória, Belo Horizonte, Corumbá e São Paulo).

Além de ser o berço do Vale Música, o Estado do Espírito Santo, desenvolve, desde 2002, o projeto Animação, que tem como objetivo formar profissionais de filmes de animação, abrindo novas perspectivas de trabalho e de renda. Desenvolvido pelo Instituto Marlin Azul em parceria com a Fundação Vale do Rio Doce e a Galpão Produções, o projeto atende a crianças e adolescentes de 5ª a 8ª série da rede municipal de Vitória. Inclui oficinas de roteiro e animação para 150 alunos; Festivalzinho de Cinema, com apresentação de filmes e vídeos brasileiros para cerca de 3 mil estudantes; e um núcleo de animação, que reúne 20 jovens na faixa de 16 a 21 anos de idade.

Em 2006, os filmes do projeto Animação participaram de 26 festivais no Brasil, na Alemanha, Venezuela e Argentina. Entre os prêmios conquistados, está o de “Melhor Filme Infanto-Juvenil” para *Vitória pra Mim*, conquistado no Festival Audiovisual Mercosul de 2006, que é somado a premiações de anos anteriores, como as menções honrosas aos filmes *Portinholas e Mangue e Tal*, no Festival de Havana (Cuba) dos anos de 2003 e 2004, respectivamente.

A preservação e o conhecimento do patrimônio histórico e cultural de Minas Gerais são alvo de um outro projeto da Fundação, o Trem da Vale, cuja operação está a cargo da Ferrovia Centro-Atlântica. A iniciativa revitalizou o trecho ferroviário de 18 quilômetros que liga as cidades de Ouro Preto e Mariana e repôs em circulação uma composição puxada pela tradicional Maria-Fumaça.

A preservação e o conhecimento do patrimônio histórico e cultural de Minas Gerais são alvo do projeto Trem da Vale, que inclui ações voltadas para a educação patrimonial e o incremento da atividade turística na região de Ouro Preto e Mariana.

O Trem da Vale inclui os projetos Vale Preservar, que visa à inserção da educação patrimonial no segundo ciclo do Ensino Fundamental; Vale Conhecer, voltado ao levantamento e ao apoio a ações de educação patrimonial realizadas pelas comunidades de Mariana e Ouro Preto; Vale Registrar, que coleta e dissemina depoimentos sobre histórias de vida e testemunhos relacionados à ferrovia e à mineração; e Vale Promover, cujo objetivo é divulgar o patrimônio da região.

Em cidades do Maranhão e Pará por onde passam os trilhos da EFC, a Fundação desenvolve, desde 2005, o programa Cinema nos Trilhos, em parceria com a Muito Mais Promoções. Em 2006, moradores de várias cidades puderam assistir pela primeira vez a filmes na tela grande. Além da projeção do filme, a equipe do projeto documenta as impressões e os depoimentos de pessoas de cada localidade para montar pequenos documentários, exibidos como parte da programação.

Já o programa Rede Cultura, enfoca a economia da cultura e é desenvolvido em cidades do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, do Pará e do Espírito Santo. Em parceria com a Planeta Agência de Cultura, busca contribuir para o desenvolvimento local fomentando a geração de renda e o comércio de produtos culturais.

Além dos programas da Fundação, a Vale também patrocina festas e eventos típicos das regiões onde mantém atividades, resgatando tradições e fortalecendo identidades locais. Entre as iniciativas apoiadas pela Companhia com o objetivo de perpetuar manifestações populares que contam a história dos territórios, estão o Círio de Nazaré, maior evento cultural e religioso do Pará, que acontece em Belém no segundo domingo de outubro há 200 anos; e os festejos juninos na região do Itaqui-Bacanga, no Maranhão, uma grande tradição local. Em Carajás e Parauapebas, no Pará, a Vale também patrocina o Grupo de Projeção Folclórica Kuarup, criado com o objetivo de preservar e divulgar o folclore da região, através da música, do canto e da dança.



Educação: pilar da cidadania

Mais do que preparar pessoas para exercer plenamente a cidadania e melhor desempenhar suas atividades profissionais, a Fundação desenvolve programas voltados à educação que reflitam as características das regiões onde a Vale atua, respeitando a identidade local.

Presente em 24 cidades de Minas Gerais, do Espírito Santo, do Maranhão e do Pará, o Escola que Vale trabalha a qualificação e a formação continuada de professores e é desenvolvido em parceria com o Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária (Cedac). O objetivo é melhorar a qualidade da aprendizagem dos estudantes da rede pública, envolvendo, além dos professores e alunos, funcionários e técnicos das Secretarias de Educação e diretores e supervisores de escolas.

O programa incentiva os professores a trabalhar com seus alunos do Ensino Fundamental a leitura, a escrita e a comunicação oral por meio de projetos interdisciplinares. Com esse exercício, as crianças passam a ler mais, escrever melhor e trabalhar em equipe. Juntos, produzem livros e jornais. Aprendem a história das suas regiões e passam a reconhecer e a valorizar os personagens da cultura local.

Além disso, em conjunto com as Secretarias de Educação, o Escola que Vale implanta em cada localidade a Casa do Professor, espaço direcionado à atualização permanente dos educadores. Ao valorizar o papel do educador, o programa o estimula a ser mais um agente transformador que busque soluções criativas e adequadas às realidades locais. Um exemplo é o sucesso do Jegue-livro, em Alto Alegre do Pindaré, no Maranhão, iniciativa de uma educadora da região que utiliza jegues como meio para viabilizar o acesso de moradores de localidades mais distantes do município a livros e outras publicações.



“

Com uma empresa de grande porte, é difícil ter a expectativa de um relacionamento próximo, mas a Fundação Vale do Rio Doce foi a responsável por estreitar os laços entre mim e a Companhia. O trabalho desempenhado pelo ‘Escola que Vale’ adota uma metodologia que faz com que nós, professores, aprimoremos cada vez mais nossa visão do trabalho em sala de aula. Espero que, no futuro, a Vale continue com programas desse tipo, que, além de contribuírem para a formação dos professores, ajudam os alunos e seus pais, melhorando a vida da comunidade.

Adriana Corrêa Lima, participante do programa Escola que Vale em São Luís (MA).

”

O programa Vale Alfabetizar capacita alfabetizadores e promove o fluxo constante de novos alunos às salas de aula. Seu objetivo é contribuir efetivamente para a redução do analfabetismo nos municípios onde a Companhia atua, ajudando a construir a cidadania. Com duração de oito meses, o programa atende a brasileiros com mais de 15 anos que ainda não foram alfabetizados, sendo desenvolvido em parceria com a ONG Alfabetização Solidária, Secretarias de Educação locais e institutos de ensino superior.

No ano de 2006, o Vale Alfabetizar beneficiou 12.362 alunos, de 655 turmas realizadas em 32 municípios dos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Pará, Maranhão e Sergipe. Desde que foi criado, em 2003, até o ano passado, 38.584 jovens e adultos concluíram o programa, que também capacitou 2.394 alfabetizadores no mesmo período. Alcançou um total de 40 mil alfabetizando e alfabetizadores. A meta é que, até 2010, 120 mil pessoas sejam beneficiadas pelo programa. Em 2005, o

Vale Alfabetizar passou a ser conduzido em conjunto com o Projeto Ver, voltado à detecção de problemas de visão entre os alunos. Em seus dois anos de atuação, 12.645 alunos passaram por triagem oftalmológica, e 6.960 óculos foram entregues.

O Vale Informática promove a inclusão digital – que se traduz em inclusão social – de adolescentes, jovens e adultos em sete Estados em que a Vale atua (Espírito Santo, Minas Gerais, Maranhão, Pará, Sergipe, Bahia e Mato Grosso do Sul). O programa nasceu em 2001 como resultado da parceria entre a Fundação e o Comitê para a Democratização da Informática (CDI). Nas 71 Escolas de Informática e Cidadania (EICs), implantadas em parceria com organizações locais da sociedade civil, os membros das próprias comunidades recebem capacitação para se tornar agentes multiplicadores do conhecimento.



**Em 2006,
o Vale Alfabetizar
beneficiou 12.362
alunos, de 655
turmas realizadas
em 32 municípios.
Desde que foi
criado, em
2003, 38.584
jovens e adultos
concluíram o
programa.**

Em 2006, Paragominas e a comunidade ribeirinha de Canaã do Ipixuna, no Pará, receberam EICs. Um dos educadores entusiasmou-se tanto com o programa que decidiu implantar o Dia da Inclusão Digital, realizado uma vez por mês na comunidade. Na mesma região, um dos alunos obteve dupla vitória: portador de deficiência auditiva, tornou-se monitor de turmas especiais e conquistou um emprego como auxiliar de escritório. Em 2006, o Vale Informática teve 6.061 beneficiados diretos.

Em dez cidades mineiras (Barão de Cocais, Brumadinho, Catas Altas, Congonhas, Governador Valadares, Itabira, Mariana, Ouro Preto, Santa Bárbara, São Gonçalo do Rio Abaixo) que abrigam unidades da Vale, é desenvolvido o Programa de Educação Afetivo-Sexual – Peas Vale, que tem como objetivo propiciar o acesso a informações e promover diálogo e reflexão sobre os temas afetividade, sexualidade e saúde sexual-reprodutiva. O programa, desenvolvido em parceria com o Governo de Minas Gerais e a Martins Pereira Consultoria Educacional, capacita educadores, monitora as ações desenvolvidas e fornece material pedagógico. O Peas Vale inspirou políticas públicas nesses municípios na área de educação.

Outro programa que vem provocando mudanças qualitativas nas comunidades é o Educação nos Trilhos. Realizado em parceria com o Canal Futura, o programa divulga aos moradores dos municípios próximos às EFC e EFVM e usuários dessas ferrovias informações sobre temas variados, como cultura regional, alimentação, prevenção de Aids e de doenças sexualmente transmissíveis, preservação do meio ambiente, patrimônio cultural, higiene, segurança e coleta seletiva de lixo.

O Educação nos Trilhos prevê ações nas estações ferroviárias e dentro dos vagões. Nas chamadas Estações do Conhecimento, as instalações são adaptadas para a realização de oficinas pedagógicas temáticas e interativas. Já no Teletrem, realizado na EFC, os vagões são equipados com monitores de TV e vídeo para levar conhecimento aos passageiros. E a mobilização comunitária é alcançada nos eventos Portões Abertos, reuniões mensais para troca de experiências entre representantes das comunidades.



Por ano, cerca de 500 mil pessoas que circulam pela EFC e EFVM são beneficiadas. Pesquisas revelaram que o programa contribui para a melhoria da auto-estima dos participantes, que se sentem valorizados com a iniciativa, e para a redução de atos de vandalismo nos trens e estações.

Também em parceria com o Canal Futura, a Vale desenvolve desde 2005 o projeto Trilheiros – Uma Aventura em Minas Gerais. Além de ser um programa de televisão com informações sobre cultura, patrimônio histórico-cultural e meio ambiente, o Trilheiros é um projeto social que envolve 50 jovens de três instituições. Na forma de um *reality show* educativo, o programa percorre parte da Estrada Real – rota histórica entre as cidades do Rio de Janeiro e Diamantina, em Minas Gerais, percorrida pelos colonizadores durante o Ciclo do Ouro.

A participação da Fundação Vale se traduz na consultoria do conteúdo, na preparação dos participantes, nas gravações e na utilização dos vídeos em atividades pedagógicas.

Recursos audiovisuais são também utilizados no programa Tecendo o Saber, parceria com a Fundação Roberto Marinho. Abrangendo o conteúdo do Ensino Fundamental (1ª à 4ª série), o programa apresenta informações sobre cidadania a jovens e adultos já alfabetizados. Os temas são trabalhados em forma de telenovela, em telessalas montadas em conjunto com as Secretarias de Educação. As exhibições acontecem na TV Globo, Canal Futura e TV Escola e são colocadas à disposição para serem utilizadas por emissoras educativas, comunitárias e universitárias.

Impulso à educação no Pará

Implantado no Pará no ano 2000, o programa Escola que Vale vem contribuindo de forma efetiva para melhorar o desempenho escolar dos alunos do Ensino Fundamental da rede pública nas comunidades onde a Vale atua.

O programa alcança nove municípios no Estado: Barcarena, Canaã dos Carajás, Curionópolis/Serra Pelada, Eldorado dos Carajás, Ipixuna do Pará/Canaã de Ipixuna, Marabá, Ourilândia do Pará, Paragominas e Parauapebas.

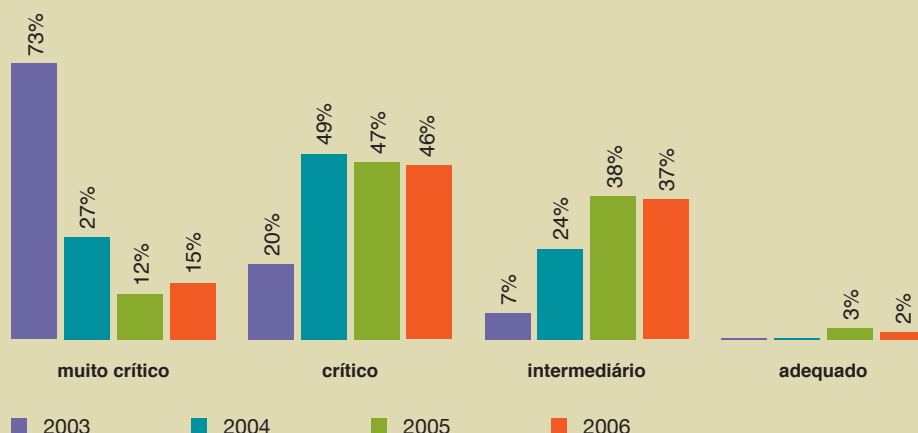
Ao todo, 57.272 cidadãos paraenses vêm sendo beneficiados pelo Escola que Vale, sendo 1.449 professores, 160 diretores, 153 coordenadores pedagógicos, 11 coordenadores locais e 55.499 alunos, de 117 escolas da rede pública, localizadas em áreas urbanas e rurais. Desde que foi criado até o final de 2006, foram ministradas 44.370 horas de formação para profissionais de ensino.

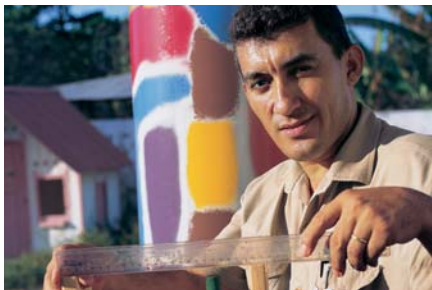
Os resultados positivos já podem ser evidenciados. A cada ano, o programa é submetido a uma avaliação externa, em todos os municípios onde é desenvolvido. Nela, são medidas as habilidades em Língua Portuguesa dos alunos das escolas municipais, segundo as competências do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), do governo federal. Nesse processo, é analisada a capacidade de leitura, escrita e interpretação de texto dos alunos. De modo geral, os dados apontam que, ano após ano, os níveis de habilidade “muito críticos” decrescem, enquanto elevam-se os níveis “intermediários” e “adequados”.

Em Ipixuna do Pará, por exemplo, a média de alunos com desempenho “muito crítico” apresentou uma queda de 73% no ano 2003, quando se iniciou a implantação do programa na cidade, para 15% em 2006. Desses 58% de alunos muito críticos que melhoraram suas habilidades, 26% evoluíram para um nível apenas “crítico”, elevando a média de alunos nesse nível de 20% em 2003 para 46% em 2006. Outros 30% dos 58% migraram para o nível “intermediário”, aumentando a presença nessa categoria de 7% em 2003 para 37% em 2006. E os 2% restantes tiveram desempenho “adequado”, transformando o 0% de participação nesse indicador em 2003 para 2% em 2006.

Segundo o Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e de Ação Comunitária (Ideca), responsável pela avaliação, com a adoção das práticas pedagógicas sugeridas pelo Escola que Vale, os alunos de classes sociais menos favorecidas apresentam média de desempenho 11% maior, equivalente ao das classes mais favorecidas. Isso demonstra o quanto o programa vem contribuindo para superar situações de desigualdade na aprendizagem, ajudando a preparar cidadãos, qualquer que seja sua condição econômico-financeira.

Ipixuna do Pará





Voluntariado

Assim como em 2005, o ano de 2006 foi marcado pelo crescimento da ação voluntária na Companhia. A participação de empregados, fornecedores, parceiros e seus familiares nesse tipo de ação é antiga, mas desde 2004 vem aumentando de forma significativa. Vários motivos contribuem para isso, entre eles, o alinhamento do programa internamente e o lançamento de um *site* (www.voluntariosvale.org.br) com o objetivo de divulgar as ações dentro e fora do Brasil e conquistar novos adeptos.

Realizado a cada ano, sempre no primeiro domingo de dezembro, o Dia V mobiliza voluntários da Vale para ações de solidariedade em nove Estados: Maranhão, Pará, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Na sua sexta edição, promovida em 2006, 8.897 voluntários uniram-se em um mutirão para beneficiar 61.616 pessoas de 42 cidades, em 617 ações.

Para se ter dimensão do sucesso do Dia V, o número de pessoas beneficiadas aumentou 58% nos últimos dois anos, e o de voluntários mobilizados – entre empregados, parceiros, familiares e amigos – cresceu ainda mais: quase 80%. A curva de participação é crescente: 4.950 voluntários em 2004 e 7.640 no ano seguinte, até atingir o número de 8.897 em 2006. Da mesma forma, os 39 mil beneficiados em 2004, chegaram a 59.522 em 2005, para finalmente alcançar a marca de 61.616 no ano passado.

A idéia de um dia de mobilização nasceu em 2001 em Minas Gerais, por iniciativa da Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg), com a participação da Vale e de outras grandes empresas. Desde 2004, o Dia V foi estendido pela Companhia a outros sete Estados, aos quais se incorporou São Paulo (município de Paulínia), em 2006.

O evento faz parte do Programa Voluntários Vale, coordenado pela Fundação Vale do Rio Doce. Ao estimular o trabalho voluntário, busca-se transformar os participantes em atores sociais que contribuem para o desenvolvimento das comunidades, aperfeiçoando sua capacidade de ouvir e de trabalhar em equipe.

Realizado a cada ano, o Dia V mobiliza voluntários da Vale para ações de solidariedade em nove estados. A sexta edição, promovida em 2006, reuniu 8.897 voluntários.



Na sexta edição do Dia V, em 2006, os voluntários prepararam ações educativas, culturais e de utilidade pública simultâneas em diversas localidades e participam delas: doação de sangue, distribuição de alimentos, assistência médico-odontológica, consultoria jurídica, emissão de carteira de identidade, corte de cabelo, limpeza de praias, criação de bibliotecas, construção de brinquedos, oficinas de artesanato e bijuterias, cursos de qualificação profissional, práticas desportivas, conserto de eletrodomésticos, serviços de manutenção, visitas em creches e asilos, e realização de palestras e gincanas.

Várias ações tiveram grande repercussão nas comunidades. Nos municípios de Curionópolis, Canaã dos Carajás e Marabá, no sudeste do Pará, por exemplo, foram instaladas três bibliotecas, beneficiando mais de 500 pessoas, entre crianças, jovens e adultos. O mesmo grupo de voluntários que atua nessa região também aproveitou a ocasião para plantar na Vila Bom Jesus, em Canaã, mudas de Ipê, Mogno e Pau-preto, espécies em extinção na Floresta Amazônica.

No Maranhão, os voluntários Vale aproveitaram o Dia V para realizar oficinas de alimentação alternativa, nas quais as comunidades aprenderam a aproveitar partes de alimentos que geralmente são descartadas. Ações como essa contribuirão para a melhoria da qualidade de vida de mais de 700 pessoas de comunidades maranhenses. Outra iniciativa teve lugar no município de Alto Alegre do Pindaré, onde cerca de 200 moradores participaram de uma ação ambiental para a revitalização de um dos rios mais importantes do Estado, o Rio Pindaré.

Mas o programa Voluntários Vale não se restringe a um dia de atuação com as comunidades. Ao longo do ano, 21 redes de voluntariado desdobram-se em grupos de ação, realizando diversas atividades nas áreas de assistência social, educação, cultura, lazer e preservação ambiental. Por meio do portal Voluntários Vale, lançado em outubro de 2005, mais de 1.200 pessoas conectam-se, comunicam as ações e estimulam novas mobilizações. Além disso, os voluntários reúnem-se anualmente em um encontro nacional e em vários encontros regionais.

Algumas das ações voluntárias contribuem para programas sócio-educacionais importantes da Vale, como o Cidadania nos Trilhos, desenvolvido pela Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), que conta com a participação dos empregados, especialmente os maquinistas, para realização de palestras nas escolas, sanando dúvidas dos alunos sobre segurança e funcionamento dos trens, e fornecendo informações gerais a respeito da empresa.

Em novembro de 2006, a Fundação juntou-se a cinco grandes empresas mundiais – Citigroup, Levi-Strauss, Samsung, UPS e Walt Disney Worldwide – para lançar o Conselho Mundial de Voluntariado Empresarial (Global Corporate Volunteer Council). Criado para estimular boas práticas e identificar oportunidades de colaboração entre voluntários de todo o mundo, o conselho também tem por objetivos evidenciar oportunidades para o trabalho em rede e aprendizagem; ampliar a conscientização sobre o voluntariado empresarial, apoiando as pessoas que lideram trabalhos voluntários; e reconhecer as organizações que mantêm esse tipo de programa.

Direitos humanos

No processo de dialogar com as comunidades, a Vale toma contato com questões sociais de tal seriedade e urgência que demandam ações da empresa no campo da cidadania e dos direitos humanos. A Companhia apóia iniciativas voltadas para o combate ao trabalho escravo e ao trabalho infantil, sendo uma das empresas signatárias do Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo, patrocinado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pelo Instituto Ethos.

As empresas signatárias do pacto, entre elas a Vale, se comprometem a fazer esforços para dignificar as relações de trabalho nas cadeias produtivas das quais fazem parte, sempre que possível denunciando o trabalho forçado, considerado uma grave violação dos direitos humanos. Pelo pacto, as empresas também se comprometem, entre outros pontos, a lutar pela regularização das relações de trabalho por produtores e fornecedores, o que implica formalização do emprego, cumprimento das obrigações trabalhistas e previdenciárias e a prática de prevenção em relação à saúde e à segurança dos trabalhadores. Em 2006, a Vale destinou recursos ao Fórum do Trabalho Escravo e a ONGs relacionadas ao tema no Maranhão.

Outra iniciativa da Vale no combate ao trabalho escravo é uma série de programas para TV, produzida em parceria com a OIT e o Canal Futura, intitulada “Que trabalho é esse?”. Composta por oito programas, a série esclarece questões básicas a respeito dos direitos trabalhistas e do trabalho escravo no Brasil. Os episódios intercalam entrevistas com trabalhadores e especialistas e são exibidos no Canal Futura e também nos trens das ferrovias da Vale.

Em conjunto com os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente dos municípios, a Companhia destina recursos ao Fundo dos Direitos da Infância e Adolescência (FIA). Os projetos financiados são voltados à erradicação do trabalho infantil e proteção do trabalho adolescente; à profissionalização de jovens; à orientação e ao apoio sócio-familiar; e à divulgação de ações de defesa de direitos preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Em 2006, sete municípios localizados ao longo da EFC receberam recursos do FIA, beneficiando 24 entidades e 2.370 crianças e adolescentes.



Compromisso com as Pessoas

Em um mundo de constante transformação nas relações de trabalho, a Vale investe no bom relacionamento com empregados e na promoção do seu bem-estar e desenvolvimento profissional, oferecendo um pacote de remuneração e benefícios atrativo e competitivo em relação ao mercado.

Entre 2005 e 2006, a Companhia criou aproximadamente 4 mil novos empregos diretos. Contamos com cerca de 44 mil empregados próprios além dos 12 mil empregados da CVRD Inco, e estima-se que, para cada empregado próprio, haja 1,5 empregado de empresas prestadoras de serviço em operações e projetos da Vale. Além disso, de forma indireta, cada empregado da Vale representa cinco novas vagas na cadeia produtiva.

A Vale credita seu desempenho à competência técnica e ao talento das pessoas que nela trabalham, considerando o aspecto da remuneração estratégico para sua competitividade. A política da Companhia inclui o salário-base e a remuneração variável, determinada a partir da avaliação do desempenho individual e da participação nos resultados. Como reconhecimento à performance dos empregados, a Vale conta com o Programa de Participação de Resultados (PPR). Em 2006, foram pagos, em média, 5,0 salários a título de PPR, superando os 4,7 do ano anterior.

Aliada à remuneração, a carteira de benefícios oferecida para os empregados e seus familiares é também fator de motivação, atração e retenção de profissionais qualificados. Inclui o plano de saúde de autogestão AMS – Assistência Médica Supletiva, que oferece cobertura para procedimentos médicos, hospitalares, odontológicos e de medicamentos, beneficiando a todos os empregados e dependentes, num total de 110 mil vidas.

Também fazem parte da carteira de benefícios o reembolso-creche, seguro de vida, auxílio-alimentação, ajuda para aquisição de material escolar, cesta de Natal e brinquedo de Natal para os filhos dos empregados. Além das oportunidades de treinamento viabilizadas pela Companhia, outro estímulo para o desenvolvimento contínuo dos empregados é o reembolso educacional, que subsidia parte das despesas com Ensino Fundamental, Médio e Superior, de acordo com critérios alinhados às necessidades da empresa.

Entendimento e diálogo permanente com os 52 sindicatos que representam os empregados também são pilares da política de Recursos Humanos da Companhia. A gestão das relações trabalhistas privilegia as soluções negociadas e o tratamento imediato e sistemático dos conflitos. Em 2006, a exemplo de anos anteriores, a boa relação da Companhia com seus empregados também se refletiu no relacionamento com os sindicatos.

A Companhia zela também pelos seus aposentados, com a continuidade da assistência à saúde pelo Plano de Assistência Médica aos Aposentados (Pasa) e a complementação da aposentadoria, por meio da Fundação Vale do Rio Doce de Seguridade Social (Valia), que conta com 59 mil participantes.

Educação e desenvolvimento

Investimentos em pesquisas, equipamentos e novas aquisições são importantes para impulsionar o crescimento da Vale. Mas o principal investimento da Companhia é nas pessoas. O desempenho de cada empregado impacta de forma efetiva no presente e no futuro da empresa. Para dar suporte à estratégia da Companhia e aos bons resultados empresariais, a Universidade Corporativa Vale – Valer sistematiza a estratégia de educação corporativa da Companhia, tendo feito investimentos de aproximadamente R\$ 70 milhões em 2006.

Fundada em 2003, a Valer tem contribuído para o desenvolvimento acelerado da Companhia, na medida em que forma líderes, estimula o crescimento e a evolução profissional e acelera o processo de obtenção de conhecimentos tecnológicos. Em 2006, a universidade corporativa ofereceu 1,4 milhão de horas de treinamento, em 100 mil participações em programas presenciais. Mais de 120 turmas de cursos *on-line* (*e-learning*) foram organizadas, com apoio especializado de tutores, atendendo a cerca de 4.500 empregados. Além disso, os cursos de auto-estudo somaram cerca de 22 mil participações.

A propagação das tecnologias de ensino a distância são a base do núcleo de inovação e pesquisa em educação, que identifica e implementa práticas inovadoras. Nesse último ano, videoconferências e comunidades de prática foram essenciais para a difusão de conhecimento, com economia de tempo e recursos. A Valer desenvolve projetos integrados de desenvolvimento das competências organizacionais e técnicas, com base em modernos métodos pedagógicos e materiais didáticos lúdicos e inovadores. Suas ações alcançam os vários Estados brasileiros onde a Companhia está presente e os escritórios no exterior.

A capacitação e a qualificação dos profissionais que atuam no nível técnico-operacional é uma das prioridades da Valer. Ao longo de 2006, foram oferecidas cerca de 59 horas de treinamento por empregado, unindo a aprendizagem teórica e prática à realidade profissional e social. Novos currículos de formação profissional foram elaborados com base em competências técnicas, dando aos empregados a possibilidade de autogerir seu desenvolvimento.

As áreas de Operação Ferroviária e de Operação e Manutenção de Mina foram as primeiras a terem seus currículos organizados dentro desse conceito, denominado de Trilha Técnica. Mais de 3 mil empregados participaram de cerca de 44 mil horas de treinamentos presenciais e *on-line*, e mais de 100 instrutores internos foram capacitados para ministrar os treinamentos pelo programa Educadores pra Valer, que permite a multiplicação e construção do conhecimento a partir de redes de relacionamento.

A Trilha Técnica também promove a inclusão digital. O destaque em 2006 foi o curso ROF Digital, que ofereceu 5.872 horas de treinamento *on-line* para 367 maquinistas das ferrovias da Vale. Além de promover o aperfeiçoamento dos conhecimentos sobre o Regulamento de Operações Ferroviárias da Companhia, a iniciativa buscou desenvolver competências de auto-aprendizagem, estimulando o estabelecimento de uma rotina de estudos.



A grande demanda por profissionais técnicos qualificados nas regiões onde atua é um grande desafio para a Companhia. Por isso, a Valer investe no desenvolvimento de jovens das comunidades, por meio do Programa de Formação Profissional, desenvolvido em parceria com o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Além de atrair e formar mão-de-obra para a Vale, essa iniciativa promove a inclusão social e amplia o nível de empregabilidade nas localidades onde a empresa possui operações. Em 2006, 2.016 jovens com idades entre 18 e 28 anos iniciaram sua capacitação, e hoje 720 são empregados da Vale.

Como forma de potencializar a geração de renda no município da Canaã dos Carajás, no Pará, a Mina do Sossego também desenvolve, desde 2002, programas voltados para a formação e qualificação da mão-de-obra local. Em 2006, 419 pessoas foram formadas em cursos voltados ao aprendizado em áreas relacionadas à construção civil. Outros 48 alunos concluíram o Programa de Formação Profissional, com foco na capacitação de jovens em áreas afins à atividade de mineração.

A Valer também firmou parcerias estratégicas, investindo mais de R\$ 7 milhões em projetos de apoio à infra-estrutura de escolas técnicas nos Estados do Espírito Santo e Maranhão. Uma das parcerias, firmada com o Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) dos dois Estados, visa à criação de um curso aberto, inédito no Brasil, para a formação de técnicos em ferrovias, cujo currículo foi construído em parceria com a Vale.

Outro exemplo foi a parceria com o Cefet do Rio Grande do Norte, em que a Valer promoveu um curso de 260 horas de capacitação em mineração para 125 empregados da área de Lavra da Unidade Operacional de Taquari-Vassouras.

Outra ação é a oferta de Ensino Fundamental e Médio para empregados e prestadores de serviços, iniciativa que, em 2006, teve a adesão de mais de 500 profissionais. Para ministrar as aulas, são contratados profissionais de educação capacitados para aplicar a metodologia do Telecurso, com apoio da Fundação Roberto Marinho, priorizando os profissionais locais. As primeiras turmas a concluírem o Ensino Fundamental, em Vitória, no Espírito Santo, formaram 117 alunos em 2006.

A Vale também investe no Programa de Jovens Aprendizes. Em Sergipe, na Unidade Operacional Taquari-Vassouras, foi dada continuidade a essa iniciativa, que há 15 anos seleciona jovens entre 15 e 17 anos nas cidades de Rosário do Catete e Maruim para atuar nas áreas administrativas da Companhia.

Em 2006, foram iniciadas duas turmas, uma com 17 e outra com 16 aprendizes. Além de receberem informações para o desempenho em suas novas atividades, os jovens estudam noções de comunicação, informática e participam de palestras sobre sexualidade, drogas e outros assuntos relacionados à adolescência. Ao todo, são 200 horas de treinamento.

Anualmente, a FCA também contrata aprendizes, que freqüentam regularmente o curso de Eletroeletrônica no Senai de Divinópolis, em Minas Gerais. O projeto foi criado para propiciar formação

técnica nas áreas em que os jovens, com menos de 18 anos, não podem atuar, e é uma forma de contribuir para o desenvolvimento local.

A excelência nas operações, uma das metas da Companhia, também é foco da Valer, que qualifica profissionais para Programas de Certificação internos ou externos. Um dos exemplos de certificação externa é o Programa Nacional de Qualificação e Certificação de Pessoal na Área de Manutenção – PNQC, conduzido pela Abraman (Associação Brasileira de Manutenção). Para preparar seus empregados, a Vale firmou parceria técnica com o Senai, que, por sua vez, contou com o apoio da empresa na modernização dos laboratórios de algumas de suas unidades.

A capacitação iniciou-se com o diagnóstico das lacunas de desenvolvimento, e o resultado serviu como subsídio para as etapas posteriores: treinamento, ministrado pelo Senai, e prova de certificação. Em 2006, 481 profissionais de Manutenção começaram a preparar-se para o exame da Abraman. Desses, 221 concluíram a preparação – 85 já receberam a certificação e outros 136 aguardam os resultados das provas.



Para que a Companhia conte com um corpo técnico ainda mais qualificado, a Valer também desenvolve programas de pós-graduação pioneiros no Brasil.

Os participantes receberam mais de 4 mil horas de treinamento em conteúdos fundamentais para o exercício de suas funções. A associação considerou o modelo de aplicação do PNQC na Vale como *benchmark* para outras empresas brasileiras.

Na busca pelo aprimoramento permanente de suas atividades, a Valer também promove Círculos de Controle de Qualidade (CCQ), que estimulam o desenvolvimento de soluções inovadoras pelos empregados das áreas operacionais. Em cada CCQ, são formadas equipes de trabalho que procuram encontrar alternativas para solucionar problemas específicos. No Pará, por exemplo, a EFC formou, em 2006, 52 grupos, com a adesão de 562 empregados.

Para que a Companhia conte com um corpo técnico ainda mais qualificado nas atividades que exigem alto nível de especialização, a Valer também tem desenvolvido programas de pós-graduação pioneiros no Brasil. Para isso, atua em conjunto com instituições de referência no ensino superior.

Entre os cursos, oferecidos em turmas fechadas para a Companhia, destacam-se a Especialização em Sistemas Mínero-Metalúrgicos, pela Universidade Federal de Ouro Preto, em Minas Gerais; a Especialização em Engenharia Ferroviária, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – Minas) e o Curso de Aperfeiçoamento em Economia Mineral, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Com a PUC – Rio, a Valer estabeleceu um convênio de cooperação técnica, para intercâmbio tecnológico e desenvolvimento e aprimoramento de recursos humanos. Fora do Brasil, destaca-se o convênio com a *École des Mines* de Paris, que possibilitou a oferta de cinco bolsas de estudos para empregados.

Outra iniciativa de destaque em 2006 foi o curso Cidade e Território, promovido pela Fundação Vale do Rio Doce e a Valer, em parceria com o Laboratório Território e Comunicação e o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O objetivo do curso é atender à demanda crescente de formação e capacitação dos quadros técnicos e gerenciais da Vale em relação às questões territoriais implicadas nas suas atividades. As aulas foram iniciadas em outubro de 2006 e deverão se estender até agosto deste ano.

O curso está estruturado em três grandes eixos (Conceitual, Estudos Sistemáticos e Políticas Públicas), nos quais professores universitários de diferentes disciplinas e núcleos de pesquisa do Brasil apresentam temas como Cidade, Território e Globalização e Políticas Públicas, entre outros, a partir do que existe de mais inovador no debate acadêmico nacional e internacional.

A difusão dos valores, processos e políticas que formam a identidade corporativa da Vale também é outro foco da Valer. A promoção da cidadania corporativa inclui ações de capacitação para a implantação de grandes projetos da Companhia, como, por exemplo, a implementação do Sistema de Gestão Integrada.

Em 2006, a Valer capacitou 2.526 usuários para utilizar o sistema, totalizando quase 28 mil horas de treinamento. Na área de Manutenção, por exemplo, 37% dos treinamentos foram realizados presencialmente, enquanto os 63% restantes foram oferecidos a distância (cursos *on-line*). A Valer desenvolveu ainda o Programa de Ambientação Você Vale!, que visa a integrar os novos empregados de forma ágil e eficiente à realidade da Companhia.

A Valer também estimula a troca de experiências profissionais e culturais com empresas de diferentes países que fazem parte da cadeia de valor da Vale, sejam clientes, sejam fornecedoras. Em 2006, por meio do Programa de Intercâmbio, 5 profissionais chineses, 8 japoneses, 1 sul-coreano e 2 austríacos passaram oito semanas no Brasil conhecendo unidades da Companhia. Cerca de 20 empregados fizeram o caminho inverso e foram conhecer instalações de empresas na Áustria, China, Coréia do Sul e Japão.



Tendo como objetivos a formação e o aperfeiçoamento das ferramentas de gestão e das competências da liderança transformadora, a Valer promove ações específicas para os líderes da Companhia. No total, mais de 2.200 gestores passaram pelo Rito de Passagem e pela Curva de Aprendizagem, ações da Trilha de Desenvolvimento de Gestão e Liderança.

O rito tem por característica ampliar a visão do negócio, fazer com que o líder compreenda seu papel e suas responsabilidades e destacar a importância da atuação em rede e do diálogo. O passo seguinte é a Curva de Aprendizagem, que provoca a reflexão sobre estilos, valores e atitudes que impactam no posicionamento cotidiano da liderança e nos resultados da Companhia. Na Curva de Gerentes Gerais e Diretores, realizada em parceria com o IMD – International Institute for Management Development, na Suíça, um dos diferenciais é a utilização de uma avaliação 360° com foco no indivíduo.

Essa ferramenta possibilita a atuação de um *coach* do instituto na orientação dos gestores para a elaboração de um plano de ação individual e o acompanhamento da realização dos planos pelos participantes ao longo de 12 meses.

Além do IMD, a Valer mantém parcerias com profissionais multidisciplinares e instituições de excelência no Brasil e no exterior, como a Fundação Dom Cabral e o MIT Sloan Management, que atuam alinhados com os objetivos da Companhia para desenvolver as competências gerenciais.

Para apoiar e ampliar a realização de todas essas ações educativas, a Valer ganhou em 2006 novos espaços físicos, totalizando 21 unidades em todo o Brasil, que funcionam como centros culturais, educacionais e de difusão de conhecimento.

A infra-estrutura de cada uma atende às necessidades específicas de desenvolvimento da localidade em que estão inseridas. Algumas unidades, por exemplo, contam com laboratórios e simuladores de ferrovia e de mina; outras com bibliotecas e salas para estudo *on-line*. No ano passado, também foram iniciadas as obras do Centro de Educação Profissional de Canaã dos Carajás, no Pará, que irá desenvolver programas dirigidos à população local, entre outras ações. Desse modo, a Companhia possibilita ao município ter, no médio e longo prazos, uma mão-de-obra com formação diferenciada, viabilizando o acesso ao conhecimento e oferecendo oportunidades de desenvolvimento humano e social.

Educação para o trabalho e para a vida

A Valer foi implantada em 2003 e materializa a estratégia de Educação Corporativa da Companhia. Atua como vetor de transformação, capacitando os empregados das diversas localidades em que a empresa atua para enfrentarem desafios e contribuir para a excelência dos negócios. Dessa forma, a Valer busca desenvolver pessoas capazes de gerar valor econômico com atitude social e ambiental responsável.

A partir do entendimento de que a educação sustentável envolve o estímulo à autogestão da aprendizagem, a Valer investe na formação cidadã, capacitando as pessoas para continuarem a se desenvolver nos âmbitos pessoal, social e profissional.

As ações educacionais da universidade corporativa são orientadas para os segmentos de Educação Básica e Formação Profissional, Gestão e Liderança, Especialização Técnica e Cidadania Corporativa. Cada um é gerido por um centro de educação corporativa, que auxilia empregados e gestores a construir itinerários de formação para convergir as necessidades de desenvolvimento pessoal e de negócios.

Os técnicos operacionais constroem seu percurso na chamada Trilha Técnica, enquanto os técnicos especialistas o fazem por meio de Mapas de Desenvolvimento. Já a trilha gerencial capacita supervisores, gerentes e diretores na ampliação da visão do negócio e na aquisição de novas competências. Todos são estimulados a protagonizar o processo de formação, ao mesmo tempo em que buscam sinergia com suas equipes.

A seleção de ações educacionais é realizada com base no diálogo entre gestores, profissionais de Recursos Humanos e os próprios empregados, resultando no Plano de Desenvolvimento das Equipes, que traz o conjunto de ações individuais ou de grupo para cada etapa da formação.

Entre os resultados já obtidos pela Valer, podem ser destacados a internalização e aplicação do conceito de educação continuada; a atitude de prontidão dos empregados em relação à gestão de suas carreiras; a ampliação da *expertise* e da competência técnica com foco na excelência operacional; e a identificação e formação de líderes transformadores.

Com o propósito de ampliar o seu alcance e resultados, em 2007, a Valer inicia uma nova proposta de valor. Seu modelo de educação para o trabalho e para a vida será ampliado, tendo como base a criação de um sistema de educação orientado para a pesquisa, a geração e aplicação de inovação e o conhecimento.



“

Com a Vale, temos o típico relacionamento entre capital e trabalho, sempre com altos e baixos. Como representante dos trabalhadores, é minha função discutir acordos para buscar melhorias, adequando nossa realidade à da empresa, e vice-versa. Discussão é a palavra-chave. Temos pontos de vista diferentes, mas sempre chegamos a um denominador comum, obtido pela negociação e pelo debate. A negociação é democrática, aberta, e é por meio dela que podemos ver o desenvolvimento se concretizar.

Raimundo Nonato, representante sindical - Metabase Carajás (PA).

”

Carreira e sucessão

A Vale planeja a atração, o desenvolvimento e a retenção de talentos, buscando sempre os profissionais certos para os lugares certos. Valoriza, dá oportunidades e cria mecanismos de identificação e reconhecimento dos empregados que se destacam por suas competências e performance. O processo de Carreira & Sucessão procura identificar os talentos internos e potenciais sucessores às posições gerenciais e estratégicas de forma participativa e criteriosa, além de constituir o Banco de Talentos.

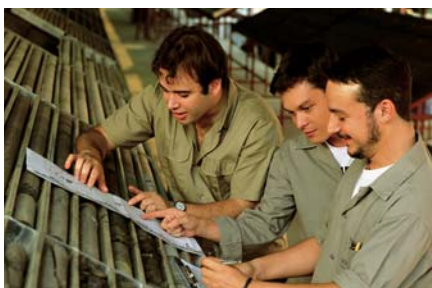
A partir da avaliação dos empregados, o Ciclo de Carreira & Sucessão gera subsídios para os demais processos de gestão de pessoas, tais como recrutamento, desenvolvimento e remuneração. Ao longo do ano de 2006, 79% das 385 movimentações para preenchimento de vagas gerenciais foram ocupadas por profissionais internos e, dentre estes, 68% foram mapeados no Ciclo de Carreira & Sucessão.

A Companhia também divulga internamente as vagas abertas, oferecendo perspectivas de carreira e oportunidades de movimentação. Em 2006, foram disponibilizadas aproximadamente 600 vagas a todos os empregados. Ao longo dos dois últimos anos, cerca de 850 estagiários dos níveis técnico e superior também foram efetivados, com o programa Próximos Passos.

As oportunidades de carreira abrangem o mercado internacional. Ao fim de 2006, a Companhia mantinha 2.089 empregados diretos no exterior e 12 mil funcionários da CVRD Inco, em 18 países – seja em empresas 100% Vale, seja em *joint ventures* nas quais a participação da Vale é igual ou superior a 50%.

A Vale possui uma política de expatriação que atende aos desafios enfrentados por uma organização de seu porte. Os programas de expatriação de empregados são postos em prática em diferentes situações: para atender à demanda de alguma área da Companhia; para promover o desenvolvimento de talentos com alto potencial; quando não existe no país de destino a competência técnica ou gerencial requerida; ou ainda por razões estratégicas.

A prática de gestão de pessoas da Vale busca conciliar os interesses de carreira dos empregados com a estratégia de negócios da organização. Com a Vale, a empresa investe no desenvolvimento dos seus profissionais e apresenta oportunidades aos que mais contribuem para a sua produtividade e crescimento.



Recrutamento e seleção

Em 2006, a Vale atraiu mais de 163 mil currículos via *internet* e conquistou o 5º lugar no prêmio Empresa dos Sonhos dos Universitários. Esses resultados foram fruto do esforço realizado no Brasil pelos projetos de Recrutamento e Seleção para dar visibilidade à empresa:

- participação em feiras de recrutamento, tais como Olimpíadas do Conhecimento, Mostra PUC, Poli-USP e Expo Carreira;
- divulgação das profissões mais críticas para o crescimento dos negócios, com a distribuição de mais de 2 mil exemplares do vídeo “Profissões na CVRD” para escolas de ensino médio em todo o Brasil;
- aproximação com os alunos do curso de Engenharia de Minas e fortalecimento de parcerias com universidades, por meio do projeto A Vale Perto de Você.

Em 2006, a Vale capacitou cerca de 150 jovens recém-formados em diversos cursos de graduação através do Programa de Trainee, que tem um importante papel na atração de talentos para posições juniores na Companhia. Ao todo, foram mais de 33 mil inscritos. Os candidatos selecionados participaram de um programa de ambientação, tendo oportunidade de conhecer os negócios da Vale, e de cursos de formação desenvolvidos com parceiros como Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – Minas), Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

A Vale também se preocupa em desenvolver os futuros líderes da empresa, considerando seu processo de expansão. O International Trainee Program recebeu, em 2006, 15 jovens de nove nacionalidades diferentes.

Os trainees passaram de 1 a 3 meses nas empresas da Companhia existentes em seus países de origem e, posteriormente, viajaram ao Brasil para um período de treinamento em diversas áreas, com duração de 6 a 12 meses. Ao final, retornaram aos seus países para iniciar carreira nas unidades da Vale de cada localidade.

A Companhia também realizou palestras em universidades como London Business School, Oxford University, Imperial College e École des Mines, atraindo mais de 200 estudantes de MBAs internacionais para o programa Summer Job. Dentre eles, sete estudantes, de países como Rússia, China, Austrália, França e Índia, foram contratados para um período de três meses na empresa.



Saúde e Segurança

Saúde e Segurança são temas que fazem parte do dia-a-dia de todos, dentro e fora da Companhia. Acidentes afetam a vida das pessoas e, por isso, empregados e contratados devem estar conscientes de seu papel na busca do “acidente zero” e da “zero doença”.

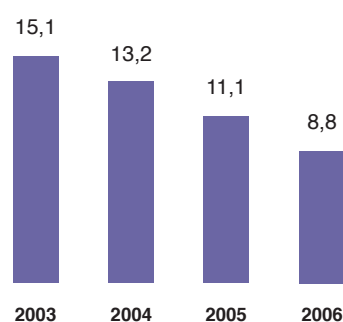
Esta diretriz norteou decisões importantes em 2006, como a criação do Departamento de Saúde e Segurança (DISS). Responsável pela definição de estratégias corporativas, o departamento apóia a transformação cultural necessária para que a Vale alcance a excelência nesta área, com base na prevenção e na melhoria contínua de resultados.

A especial atenção dedicada ao tema pelos gestores da Companhia e o comprometimento de todo o corpo funcional vêm gerando bons resultados. Entre 2005 e 2006, houve queda de 34% no número de acidentes com afastamento ocorridos com empregados da Vale e terceirizados. Em relação aos acidentes sem afastamento, a redução foi de 20%.

São números que mostram uma estratégia acertada em Saúde e Segurança (S&S), uma vez que as taxas de acidentes apresentam-se em curva decrescente, evidenciando o sucesso de um esforço contínuo para melhorar o desempenho da Vale nesse quesito. Essa evolução também representa uma contribuição importante para o Brasil, onde os custos sociais decorrentes de acidentes do trabalho e doenças ocupacionais equivalem a 2,2% do Produto Interno Bruto, segundo dados do governo federal.

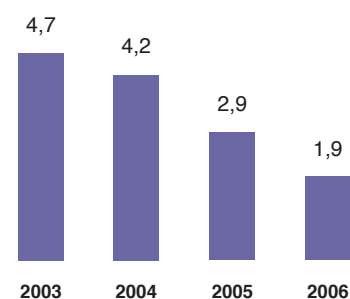
Taxa de Frequência de Acidentes sem Afastamento

Acidentes por milhões de Hht



Taxa de Frequência de Acidentes com Afastamento

Acidentes por milhões de Hht

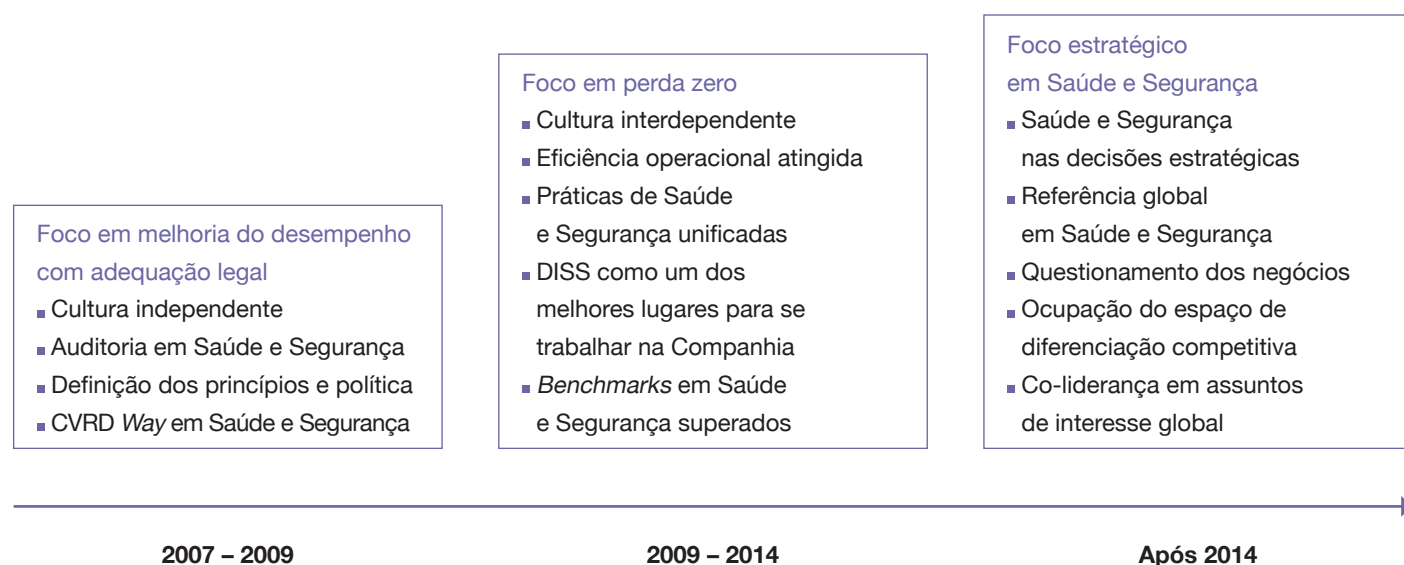


A especial atenção dedicada ao tema pelos gestores da Companhia e o comprometimento de todo o corpo funcional vêm gerando bons resultados.

Porém, apesar de todos os cuidados, em 2006 ainda foram registrados cinco acidentes fatais na Companhia – quatro envolvendo terceirizados e um com empregado próprio. Ocorrências como essas levam a Companhia a aprofundar o trabalho de planejamento para consolidar uma cultura de prevenção, com foco na atitude e no comportamento das pessoas.

A estratégia de Saúde e Segurança da Vale deverá evoluir da adequação legal e da melhoria de desempenho para a perda zero e a excelência estratégica em Saúde e Segurança. Com esse objetivo, em 2006, foi iniciada a discussão de um plano para alcançar parâmetros internacionais em práticas e resultados de saúde e segurança até 2012.

Horizontes Estratégicos em Saúde e Segurança





Uma das ações de destaque foi a implementação do sistema de informação de S&S com o Programa Excelência em RH, permitindo que os processos sejam padronizados e as informações estejam disponíveis de forma centralizada.

Em 2007, a Companhia dará seqüência à implementação de sua estratégia de Segurança e Saúde com quatro projetos-piloto, a serem desenvolvidos no Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, no Maranhão; no complexo de Itabira e projeto Fazendão, em Minas Gerais; e na mina de potássio Taquari-Vassouras, em Sergipe.

As metas para este ano são melhoria de 35% na taxa de freqüência de acidentes com afastamento e de acidentes graves com afastamento; melhoria em 5% na taxa de absenteísmo; e implantação total das ferramentas internas de Saúde e Segurança que possibilitarão a padronização de exames médicos, identificação de perigos e classificação de riscos.

A Vale entende que, para alcançar as metas estabelecidas, é necessário um amplo diálogo entre as partes envolvidas direta e indiretamente nas operações da empresa. Em 2006, foram feitos encontros com 933 líderes de empresas contratadas em todo o Brasil, a fim de comunicar, alinhar e buscar o compromisso de todos com esse objetivo. A essas iniciativas, somam-se as já tradicionais campanhas e eventos realizados pela Companhia, como as Semanas Internas de Prevenção a Acidentes de Trabalho (Sipats).

Se a Vale já vinha empenhando-se fortemente para reduzir o número de acidentes e doenças no ambiente de trabalho, pode-se dizer que o ano de 2006 foi um marco na intensificação das ações nesse sentido: um importante passo para que a empresa venha a ser reconhecida como referência mundial em práticas de Saúde e Segurança na indústria de mineração.

As metas para este ano são melhoria de 35% na taxa de freqüência de acidentes com afastamento e de acidentes graves com afastamento; melhoria em 5% na taxa de absenteísmo; e implantação total das ferramentas internas de Saúde e Segurança.

Comunicação interna

Um dos grandes desafios de uma empresa presente em 13 Estados brasileiros e em mais de 20 países é a sua comunicação interna. Especialmente no caso da Vale, em que as ações são pautadas por princípios que devem ser comuns a todas as unidades, como a proteção ao meio ambiente e a melhoria das condições de vida das comunidades. A Companhia sabe que o diálogo é fundamental e que ele começa dentro de casa.

A aquisição da mineradora canadense Inco evidenciou mais ainda a importância da comunicação em uma organização das dimensões da Vale. Para anunciar o negócio, a Companhia realizou um estudo sobre a cultura canadense e elaborou um material especial para apresentar a Companhia ao público interno. Os novos empregados receberam folhetos explicativos e foram saudados com um vídeo de boas-vindas com cumprimentos de colegas da Vale de vários países. Para os empregados no Brasil, foram feitos vídeos apresentando o negócio e uma campanha interna, com informações sobre a aquisição e sua importância para a consolidação da internacionalização da Companhia.

O Universo Vale, maior projeto de comunicação interna em 2006, reuniu várias iniciativas com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a Companhia e seus negócios e, ao mesmo tempo, promover oportunidades de interação entre os empregados. Por meio de vídeos institucionais, exposição itinerante, concurso interno de fotografias e distribuição de álbum de figurinhas, entre outras ações, o projeto mostrou como os minérios da Vale estão presentes no dia-a-dia das pessoas. Em pesquisa realizada no final do ano, 90% dos 2.700 empregados consultados indicaram que o Universo Vale contribuiu para que conhecessem melhor a empresa.

Outro destaque do ano foi o processo de comunicação direta, que tem como objetivo apoiar os gestores da Companhia para conduzir a comunicação face a face com suas equipes no dia-a-dia e em situações críticas. O processo conta

com o suporte de ferramentas como o Boletim Gerencial e o Boletim do Supervisor, que veiculam assuntos estratégicos em primeira mão para as lideranças, com orientações sobre como abordá-los com suas equipes. Entre os temas mais frequentes, estão mudanças organizacionais, programas corporativos e normas internas.

Periodicamente, são realizadas pesquisas para avaliar a comunicação interna, pois a Companhia entende ser estratégico aprimorar a troca de informações entre suas várias unidades. Atualmente os empregados contam com os seguintes veículos internos: vale@informar, boletim eletrônico diário; No Turno, informativo que circula três vezes por semana para empregados que trabalham em regime de turnos; Jornal Mural semanal; Portal Vale, a intranet corporativa; Ligue 100/BIS, boletim em formato de perguntas e respostas; e Jornal da Vale, publicação mensal dirigida aos empregados e seus familiares.

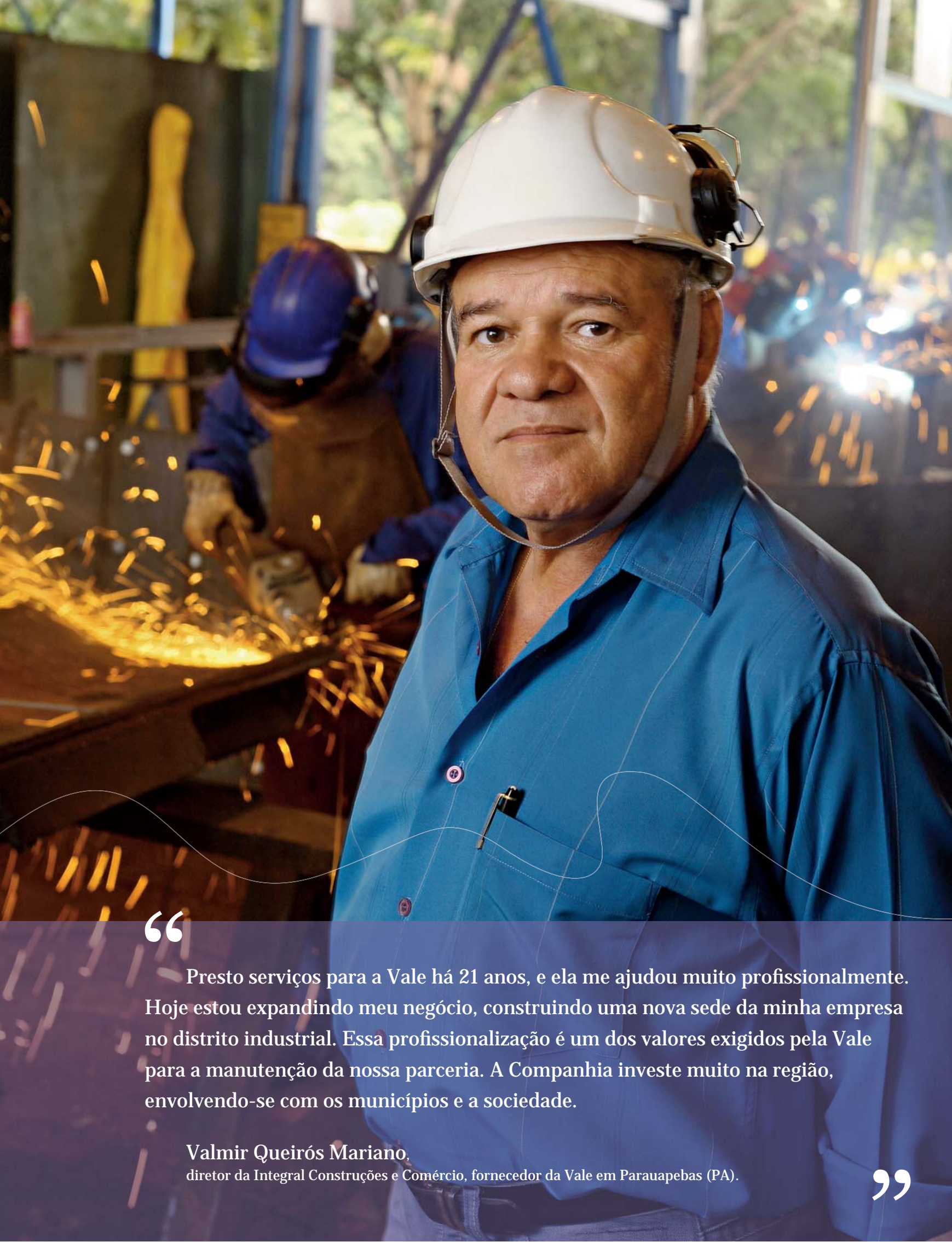
Formando Cadeias de Valor

A relação com fornecedores e clientes é orientada pelo compromisso da Companhia em disseminar a responsabilidade social em sua cadeia produtiva.

Aos clientes, nacionais e estrangeiros, a Vale oferece produtos e serviços de classe mundial, equipes com profissionais treinados continuamente e soluções para atender necessidades específicas de cada um. Aos fornecedores, oferece capacitação e proporciona oportunidades de crescimento em conjunto com a Companhia.

Com o objetivo de fortalecer os laços de suas parcerias com clientes, a Vale promoveu diversas ações de relacionamento ao longo de 2006. No Maranhão e no Pará, foram organizados eventos com os setores petroquímico, de agricultura e soja, além de reuniões para apresentar a infra-estrutura de logística da Companhia e seus mecanismos para garantir a produtividade e a qualidade dos serviços prestados. No total, nessa região, foram realizadas 86 visitas a clientes, sendo 42% na área de siderurgia, 37% no setor de petroquímicos e 21% em empresas ligadas à agricultura.

O relacionamento com fornecedores é considerado estratégico, o que motiva ações e investimentos por parte da Companhia. Mais de 16 mil empresas de pequeno, médio e grande porte fornecem bens e serviços para a Vale, que considera a importância econômica das compras em grandes escalas, mas acredita que a sustentabilidade do seu negócio depende também do desenvolvimento de pequenos fornecedores locais.



“

Presto serviços para a Vale há 21 anos, e ela me ajudou muito profissionalmente. Hoje estou expandindo meu negócio, construindo uma nova sede da minha empresa no distrito industrial. Essa profissionalização é um dos valores exigidos pela Vale para a manutenção da nossa parceria. A Companhia investe muito na região, envolvendo-se com os municípios e a sociedade.

Valmir Queirós Mariano,
diretor da Integral Construções e Comércio, fornecedor da Vale em Parauapebas (PA).

”

Desenvolvimento de fornecedores nas comunidades

Em Minas Gerais, a Vale implantou o PDF em 2005 em parceria com a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg). Em 2006, o programa ampliou o volume de negócios da Companhia com empresas do Estado em 8%, em relação ao ano anterior. O resultado é reflexo de ações como o cadastramento de fornecedores, que permitiu a identificação de novas categorias de bens e serviços oferecidos pelas empresas e a conseqüente diversificação de negócios. Só essa iniciativa resultou em um aumento de 3,2% no volume de negócios da Vale com empresas mineiras – o que equivale a R\$ 32 milhões.

No Maranhão, o PDF foi iniciado em 1999, em parceria com o Instituto Euvaldo Lodi, agente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema), e o Consórcio de Alumínio do Maranhão (Alumar), capacitando, promovendo e apoiando empresas locais, que se credenciam como

fornecedores das grandes companhias do Estado. Em 2006, 352 empresas maranhenses participaram do programa, obtendo um faturamento de R\$ 725 milhões com a prestação de serviços diversos para a Vale, apenas no período de janeiro a outubro.

Em 2006, a Vale promoveu reuniões com empresários e *workshops* sobre os investimentos da Companhia, além de ter realizado o Estudo da Indústria de Base e Diagnóstico do Perfil do PDF. Também faz parte das atividades do PDF no Maranhão o acompanhamento das ações do Programa de Certificação de Empresas (Procem), que avalia e certifica fornecedores de qualidade para o governo e grandes empresas.

Para aumentar a competitividade dos fornecedores, a Companhia firmou, em 2006, um convênio com o Banco do Brasil para oferta de uma linha de crédito. O Fundo de Financiamento para Pequenos e Médios Fornecedores financiou até quatro meses iniciais dos contratos (limitados a 70% do

O Programa de Desenvolvimento de Fornecedores contribui para a qualificação da mão-de-obra das comunidades, fortalecendo o mercado de trabalho e dinamizando a economia local.

Em 2006 foi iniciado o processo de Avaliação de Desempenho de Fornecedores, com o objetivo de reconhecer a boa performance e oferecer oportunidades de crescimento diferenciadas.

valor total), cobrindo o capital de giro e permitindo que os fornecedores, de materiais e serviços para as atividades de produção da Vale tivessem estabilidade financeira até o pagamento da primeira fatura.

A Companhia também qualifica e orienta os fornecedores para que possam atender aos critérios que norteiam a escolha das empresas com as quais vai trabalhar. Além da situação econômico-financeira e da importância da atuação do fornecedor na sua região, são levados em conta aspectos tributários, o cumprimento das obrigações legais (especialmente as de natureza trabalhista) e as medidas adotadas em relação à segurança do trabalho e à proteção ambiental.

Em 2006, também foi iniciado o processo de Avaliação de Desempenho de Fornecedores, com o objetivo de reconhecer a boa *performance* e oferecer oportunidades de crescimento diferenciadas. Os prestadores de serviço da Companhia são analisados

com base no Índice de Desempenho do Fornecedor (IDF), composto por itens como Saúde e Segurança, entre outros. Em todas as unidades da Vale no Brasil foram realizados ainda encontros com fornecedores locais tendo como tema Saúde e Segurança. O intuito foi alinhar os fornecedores a respeito das práticas e metas da Vale e incentivar a implementação de um plano por cada um deles.

A Vale também mantém relações transparentes com os fornecedores, de forma a envolvê-los na definição das estratégias de negócios da Companhia e engajá-los no compromisso com as metas estabelecidas. Esse objetivo é efetivado no diálogo estruturado e permanente, que inclui reuniões com entidades representativas e sindicatos patronais. Além da Fiemg, em 2006 a Vale manteve um cronograma de reuniões com a Federação das Indústrias do Estado do Pará (Fiepa) e a Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema), entre outras instituições.

Relacionamentos Construtivos

A importância da atuação com os diversos segmentos que compõem a sociedade para sedimentar os caminhos do desenvolvimento é reconhecida e valorizada pela Vale.

A Companhia firma parcerias em favor das questões sociais, procurando unir iniciativa privada, entidades representativas da sociedade civil e poder público num modelo que potencializa a contribuição de cada parte, sem substituir a atuação das autoridades.

A Vale mantém relações de transparência e de cooperação com o poder público de todas as regiões onde desenvolve suas atividades. Por ter atividades regulamentadas por autoridades públicas, a Companhia estabelece laços com vários órgãos executivos do governo federal, como ministérios, autarquias e agências reguladoras.

A Companhia relaciona-se também com o Poder Legislativo, com o propósito não só de acompanhar a elaboração de leis como também de buscar subsídios para monitorar as demandas sociais vinculadas aos seus negócios. Ao mesmo tempo, fornece continuamente à administração pública, ao Congresso Nacional e às assembleias legislativas estaduais informações técnicas relativas às áreas de atuação da empresa.

As parcerias e os convênios firmados com entidades públicas são modalidades de cooperação utilizadas com frequência pela Vale em suas ações de responsabilidade social. Um exemplo é o termo de cooperação tecnológica estabelecido entre a Companhia e a Universidade Federal do Maranhão para apoiar projetos de pesquisa voltados

para tecnologia. Com base nesse convênio, a universidade deu início, em 2006, ao projeto Sistema Inteligente de Automação Industrial, a ser desenvolvido em 18 meses por docentes e universitários.

A Vale também firmou convênio de cooperação com a prefeitura de São Luís do Maranhão para elaboração do projeto Espigão Costeiro da Ponta da Areia, contribuindo para a preservação da foz dos rios Bacanga e Anil. O projeto envolve a construção de uma barragem que evitará o assoreamento da foz desses rios, representando um investimento de R\$ 1,32 milhão. Os estudos foram iniciados em outubro de 2006, e a previsão é de que a obra, que beneficiará pescadores e demais habitantes da capital maranhense, esteja pronta em junho deste ano.

No Pará, foi dada continuidade em 2006 ao convênio celebrado com a Universidade Federal do Pará para implantação dos cursos de Engenharia de Minas e Meio Ambiente e Materiais Metálicos, no campus de Marabá, onde a Vale construiu mais um prédio com toda a infra-estrutura necessária para os cursos, como laboratórios e biblioteca.

Em parceria com o governo do Pará, a Companhia investiu, em 2006, R\$ 26,1 milhões, de um total de R\$ 60 milhões, na recuperação da rodovia PA-150, que liga Moju à cidade de Redenção, passando por Tailândia, Goianésia, Jacundá, Nova Ipixuna, Marabá, Eldorado dos Carajás, Sapucaia, Xinguara, Rio Maria e Pau d'Arco.

Com 762 quilômetros e 92 pontes, a rodovia foi construída para facilitar o escoamento da produção do sul, sudeste e nordeste do Pará para o mercado externo, através do Porto de Vila do Conde, integrando todos os municípios por onde passa e suas adjacências.

Outra iniciativa da Vale em parceria com o governo do Pará diz respeito ao Banco do Produtor, instituição financeira de fomento a novos empreendimentos que contribuam para o desenvolvimento socioeconômico do Estado.

Em 2006, foram investidos R\$ 8,5 milhões no banco. Já o Banco do Cidadão, entidade paraense voltada à concessão de crédito para empreendimentos de micro e pequenos empresários no valor total de até R\$ 10 mil, contou com o investimento de R\$ 2,137 milhões da Companhia em 2006.

No Espírito Santo, a Vale firmou parcerias voltadas à preservação da memória e cultura capixabas, como a restauração do Palácio Anchieta, sede do governo do Estado, onde são guardados registros de grande parte da história do Estado; e da Ponte Florentino Avidos, patrimônio histórico da cidade de Vitória, tombado desde 1986. Projetada e fabricada na Alemanha, em 1927, a ponte foi o primeiro elo de ligação entre a ilha onde fica a capital e o continente, firmando sua importância como monumento arquitetônico e gerador de progresso para o Estado.

Entidades representativas

Além do poder público, a Vale acredita na importância de sua aproximação com entidades, associações e organizações não-governamentais (ONGs). A Companhia participa de fóruns e de instituições voltados à disseminação de conhecimentos e à propagação de práticas relacionadas à responsabilidade social empresarial.

Em 2006, associou-se ao International Council on Mining and Metals (ICMM), principal fórum internacional de empresas da indústria de mineração e metais voltado para o desenvolvimento sustentável. A Vale também é associada ao World Business Council for Sustainable Development, ao Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social e ao Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife), que reúne organizações privadas que financiam ou executam projetos sociais, ambientais e culturais de interesse público.

Entre os eventos apoiados pela Companhia em 2006, por meio da Fundação Vale do Rio Doce, estão: a 8ª Conferência Internacional Ethos – Estratégias para Uma Sociedade Sustentável – O Papel das Empresas; o 4º Congresso Gife sobre Investimento Social Privado; o seminário Relações Intersetoriais – Um Novo Modelo de Gestão para o Desenvolvimento Sustentável, da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg); o seminário Redes e Desenvolvimento, da Associação Brasileira para o Desenvolvimento de Lideranças (ABDL); seminários sobre Sustentabilidade Corporativa, do Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS); o II Seminário de Responsabilidade Social do Maranhão, do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE); a I Conferência de Desenvolvimento Sustentável da Costa Verde e II Expo-Interativa de Ciência, da prefeitura municipal de Angra dos Reis/RJ; entre outras iniciativas.

A Vale também está presente nas principais câmaras e conselhos comerciais do Brasil, como a Câmara Americana de Comércio (Amcham), a Câmara de Comércio França-Brasil, o Conselho Empresarial Brasil-China, o Conselho Empresarial Brasil-Japão, a Câmara de Comércio Índia-Brasil e a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha.

Executivos da Companhia participam das diretorias ou dos conselhos de entidades como a Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais (ABM), o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), a Associação Brasileira de Infra-estrutura e Indústrias de Base (Abdib), a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e o Council of the Americas (COA), entre outras organizações.



Demonstração do Balanço Social e DVA

Controladora

Base de cálculo	2006		2005			
Receita Bruta	19.874		18.098			
Lucro operacional antes do resultado financeiro e das participações societárias	5.865		6.153			
Remuneração bruta	868		695			
	% sobre			% sobre		
Indicadores laborais	Valor	Folha de pagamento	Lucro operacional	Valor	Folha de pagamento	Lucro operacional
Alimentação	91	10%	2%	72	10%	1%
Encargos sociais compulsórios	332	38%	6%	287	41%	5%
Transporte	63	7%	1%	47	7%	1%
Previdência privada	99	11%	2%	85	12%	1%
Saúde	70	8%	1%	54	8%	1%
Educação	69	8%	1%	70	10%	1%
Participação nos resultados	312	36%	5%	180	26%	3%
Outros benefícios	59	7%	1%	30	4%	-
Total – Indicadores laborais	1.095	126%	19%	825	118%	13%
	% sobre			% sobre		
Indicadores sociais	Valor	Lucro operacional	Faturamento bruto	Valor	Lucro operacional	Faturamento bruto
Tributos (excluídos encargos sociais)	2.566	44%	13%	2.593	42%	14%
Investimentos em cidadania	285	5%	1%	77	1%	-
Projetos e ações sociais	265	5%	1%	59	1%	-
Comunidades indígenas	20	-	-	18	-	-
Investimentos em meio ambiente	317	5%	2%	129	2%	1%
Operacionais	303	5%	2%	108	2%	1%
Em programas e/ou projetos externos	14	-	-	21	-	-
Total – Indicadores sociais	3.168	54%	16%	2.799	45%	15%
Indicadores do corpo funcional						
Total de empregados no final do ano			26.006			21.882
Total de admissões durante o ano			5.364			4.424

	Controladora			
	2006	%	2005	%
Geração do valor adicionado				
Receita bruta	19.874	100	18.098	100
Menos: Aquisição de produtos	(1.901)	(10)	(1.897)	(10)
Serviços contratados	(2.925)	(15)	(2.356)	(13)
Materiais	(1.945)	(10)	(1.891)	(10)
Óleo combustível e gases	(951)	(5)	(868)	(5)
Pesquisa e desenvolvimento, comerciais e administrativas	(669)	(3)	(491)	(3)
Outros custos e despesas	(962)	(5)	(706)	(4)
Valor adicionado bruto	10.521	52	9.889	55
Depreciação, amortização e exaustão	(1.407)	(7)	(1.248)	(7)
Valor adicionado líquido	9.114	45	8.641	48
Recebido de terceiros				
Receitas financeiras (a)	470	2	175	1
Resultado de participações societárias	9.325	47	5.466	30
Valor adicionado total a distribuir	18.909	94	14.282	79
Distribuição do valor adicionado				
Empregados	1.397	7	1.054	7
Governo	2.799	15	2.792	20
Financiadores (juros e variações monetárias e cambiais, líquidas) (b)	1.282	7	(7)	-
Acionistas	3.218	17	4.561	32
Participação minoritária	-	-	-	-
Reinvestido	10.213	54	5.882	41
Valor adicionado total distribuído	18.909	100	14.282	100

(a) Contempla as perdas nas variações monetárias e cambiais ativas;

(b) Contempla os ganhos nas variações monetárias e cambiais passivas.

Reconhecimentos

Janeiro de 2006

Melhor CEO em 2005 de Empresas de Mineração e Metais da América Latina: Roger Agnelli – Institutional Investor.

Fevereiro de 2006

Melhor Ferrovia Operadora de Carga: EFC – Revista Ferroviária.

Março de 2006

Best Managed Company / Metals and Mining – Euromoney.

Most Convincing and Coherent Strategy / Brazil – Euromoney.

Best Corporate Finance Strategy 2005 – Latin Finance Magazine.

Abril de 2006

Empresa do Ano 2005 / Setor Mineração – Revista Brasil Mineral.

Prêmio Executivo de Valor / Setor Mineração: Roger Agnelli – Valor Econômico.

Mai de 2006

Título Personalidade do Ano: Roger Agnelli – Brazilian American Chamber of Commerce (BACC).

Líder Empresarial / Setor Mineração: Roger Agnelli – Fórum de Líderes Empresariais Gazeta Mercantil.

Junho de 2006

IABC Gold Quill Awards / Comunicação com Empregados (Projeto Somos Vale) e Publicação (Jornal da Vale) – International Association of Business Communicators.

Melhor Empresa em Responsabilidade Social Corporativa – Instituto Brasileiro de Relações com Investidores (Ibri) e IR Magazine.

Empresa dos Sonhos dos Universitários (5º lugar) – Cia. de Talentos e LABSSJ.

Agosto de 2006

Prêmio Gestão Empresarial: Roger Agnelli – Ordem dos Economistas do Brasil.

Prêmio FGV de Excelência Empresarial / Melhor Empresa do Setor de Mineração em 2005 – Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Instituto Brasileiro de Economia (Ibre).

Setembro de 2006

Troféu Transparência 2006 de Demonstrações Financeiras – Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis Atuariais e Financeiras (Fipecafi) e Serasa.

Outubro de 2006

Prêmio New Global Challengers – The Boston Consulting Group.

Novembro de 2006

Empresa mais admirada do Brasil (2º lugar) – Revista Carta Capital e TNS InterScience – pesquisa realizada com 1.224 executivos de empresas de 49 segmentos.

Maior Empresa do Brasil / Setor Mineração – Fundação Instituto Miguel Calmon e Anuário Desempenho das Empresas 2006.

Melhor Operador Logístico e Melhor Armazenagem – Revista Transporte Moderno.

Special Achievement in GIS Award: Sistema de Informação Geográfica (SIG) – Environmental Systems Research Institute (ESRI).

Dezembro de 2006

Medalha do Mérito Mauá: Roger Agnelli – Associação Nacional dos Transportes Ferroviários (ANTF).

Prêmio Padrão de Qualidade em B2B 2006 / Mineração e Siderurgia – B2B Magazine.

Empresa Mais Admirada do Brasil – Diário do Comércio e Indústria (DCI).

Prêmio Aberje Brasil 2006 / revista Externa (Revista Atitude), Internet (sala de imprensa *online*) e Jornal Interno (Jornal da Vale) – Associação Brasileira de Comunicação Empresarial.

Índice Remissivo GRI

Este relatório foi elaborado com base nas diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI). O índice a seguir tem por objetivo facilitar a localização das informações estabelecidas pela GRI contempladas ao longo do relato. As demonstrações contábeis da Companhia Vale do Rio Doce podem ser acessadas no site www.cvrd.com.br.

Perfil

		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
1. Estratégia e Análise			
1.1	Declaração do detentor do cargo com maior poder de decisão na organização sobre a relevância da sustentabilidade para a organização e sua estratégia	8, 10	
1.2	Descrição dos principais impactos, riscos e oportunidades	40, 42, 43, 44	34, 39
2. Perfil Organizacional			
2.1	Nome da organização	3	11
2.2	Principais marcas, produtos e/ou serviços	3	11
2.3	Estrutura operacional da organização, incluindo principais divisões, unidades operacionais, subsidiárias e <i>joint ventures</i>	5, 6, 7	20, 21
2.4	Localização da sede da organização	130	
2.5	Número de países em que a organização opera e nome dos países em que suas principais operações estão localizadas ou são especialmente relevantes para as questões de sustentabilidade cobertas pelo relatório	3, 6, 7	
2.6	Tipo e natureza jurídica da propriedade	14	11
2.7	Mercados atendidos (incluindo discriminação geográfica, setores atendidos e tipos de clientes/beneficiários)	20, 21, 29	
2.8	Porte da organização	3	11
2.9	Principais mudanças durante o período coberto pelo relatório referentes a porte, estrutura ou participação acionária		14, 15
2.10	Prêmios recebidos no período coberto pelo relatório	128	

3. Parâmetros para o Relatório		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
3.1	Período coberto pelo relatório (como ano contábil/civil) para as informações apresentadas	2	
3.3	Ciclo de emissão de relatórios (anual, bienal etc.)	2	
3.4	Dados para contato em caso de perguntas relativas ao relatório ou ao seu conteúdo	130	
3.6	Limite do relatório (como países, divisões, subsidiárias, instalações arrendadas, <i>joint ventures</i> , fornecedores)	3, 5, 6, 7	
3.7	Declaração sobre quaisquer limitações específicas quanto ao escopo ou ao limite do relatório	2	
3.11	Mudanças significativas em comparação com anos anteriores no que se refere a escopo, limite ou métodos de medição aplicados no relatório	2	
3.13	Política e prática atual relativa à busca de verificação externa para o relatório		46
4. Governança, Compromissos e Engajamento		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
4.1	Estrutura de governança da organização, incluindo comitês sob o mais alto órgão de governança responsável por tarefas específicas, tais como estabelecimento de estratégia ou supervisão da organização	16, 17	
4.2	Indicação caso o presidente do mais alto órgão de governança também seja um diretor executivo (e, se for o caso, suas funções dentro da administração da organização e as razões para tal composição)	16	48, 50
4.4	Mecanismos para que acionistas e empregados façam recomendações ou dêem orientações ao mais alto órgão de governança	17	
4.6	Processos em vigor no mais alto órgão de governança para assegurar que conflitos de interesse sejam evitados	17, 18	

4.8	Declarações de missão e valores, códigos de conduta e princípios internos relevantes para o desempenho econômico, ambiental e social, assim como o estágio de sua implementação	18
4.12	Cartas, princípios ou outras iniciativas desenvolvidas externamente, de caráter econômico, ambiental e social que a organização subscreve ou endossa	16
4.13	Participação em associações (como federações de indústrias) e/ou organismos nacionais/internacionais de defesa em que a organização: a) possui assento em grupos responsáveis pela governança corporativa; b) integra projetos e comitês; c) contribui com recursos de monta além da taxa básica como organização associada; d) considera estratégica sua atuação como associada	125
4.16	Abordagens para o engajamento dos <i>stakeholders</i> , incluindo a frequência do engajamento por tipo e grupo de <i>stakeholders</i>	19

Indicadores de Desempenho Econômico

Aspecto: Desempenho Econômico		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ESSENCIAL EC1	Valor econômico direto gerado e distribuído, incluindo receitas, custos operacionais, remuneração de empregados, doações e outros investimentos na comunidade, lucros acumulados e pagamentos para provedores de capital e governos	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33	4, 6, 10, 17, 18, 42
ESSENCIAL EC3	Cobertura das obrigações do plano de pensão de benefício definido que a organização oferece		28
Aspecto: Presença no Mercado		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ESSENCIAL EC6	Políticas, práticas e proporção de gastos com fornecedores locais em unidades operacionais importantes	120, 122, 123	3, 16, 42
Aspecto: Impactos Econômicos Indiretos		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ESSENCIAL EC8	Desenvolvimento e impacto de investimentos em infra-estrutura e serviços oferecidos, principalmente para benefício público, por meio de engajamento comercial, em espécie ou atividades <i>pro bono</i>	82, 84, 85, 87, 88, 90, 107	
ADICIONAL EC9	Identificação e descrição de impactos econômicos indiretos significativos, incluindo a extensão dos impactos	84, 89, 105	

Indicadores de Desempenho Ambiental

		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
Aspecto: Materiais			
ESSENCIAL EN1	Materiais usados por peso ou volume	30, 61	
ESSENCIAL EN2	Percentual dos materiais usados provenientes de reciclagem	61	
		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
Aspecto: Energia			
ESSENCIAL EN3	Consumo de energia direta discriminado por fonte de energia primária	30, 46, 48, 59	37
ADICIONAL EN5	Energia economizada devido a melhorias em conservação e eficiência	55	
ADICIONAL EN6	Iniciativas para fornecer produtos e serviços com baixo consumo de energia, ou que usem energia gerada por recursos renováveis, e a redução na necessidade de energia resultante dessas iniciativas	72, 73	
		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
Aspecto: Água			
ESSENCIAL EN8	Total de retirada de água por fonte	53, 55	
ADICIONAL EN9	Fontes hídricas significativamente afetadas por retirada de água	53, 55, 56	
ADICIONAL EN10	Percentual e volume total de água reciclada e reutilizada	53, 54, 55, 56	
		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
Aspecto: Biodiversidade			
ESSENCIAL EN11	Localização e tamanho da área possuída, arrendada ou administrada dentro de áreas protegidas, ou adjacente a elas, e áreas de alto índice de biodiversidade fora das áreas protegidas	65, 66	
ADICIONAL EN13	Habitats protegidos ou restaurados	64, 65, 67, 69	
ADICIONAL EN14	Estratégias, medidas em vigor e planos futuros para a gestão de impactos na biodiversidade	51, 52	
		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
Aspecto: Emissões, Efluentes e Resíduos			
ADICIONAL EN18	Iniciativas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e as reduções obtidas	70, 72	
ESSENCIAL EN21	Descarte total de água, por qualidade e destinação	53	
ESSENCIAL EN26	Iniciativas para mitigar os impactos ambientais de produtos e serviços e a extensão da redução desses impactos	46, 51, 52	

Aspecto: Geral		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ADICIONAL EN30	Total de investimentos e gastos em proteção ambiental, por tipo	46	

Indicadores de Desempenho Referentes a Práticas Trabalhistas e Trabalho Decente

Aspecto: Emprego		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ADICIONAL LA3	Benefícios oferecidos a empregados de tempo integral que não são oferecidos a empregados temporários ou em regime de meio período, discriminados pelas principais operações	105, 126	28, 30

Aspecto: Relações entre os Trabalhadores e a Governança		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ESSENCIAL LA4	Percentual de empregados abrangidos por acordos de negociação coletiva		42

Aspecto: Saúde e Segurança no Trabalho		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ESSENCIAL LA7	Taxas de lesões, doenças ocupacionais, dias perdidos, absenteísmo e óbitos relacionados ao trabalho, por região	116	
ESSENCIAL LA8	Programas de educação, treinamento, aconselhamento, prevenção e controle de risco em andamento para dar assistência a empregados, seus familiares ou membros da comunidade com relação a doenças graves	83, 99, 118	

Aspecto: Treinamento e Educação		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ESSENCIAL LA10	Média de horas de treinamento por ano, por funcionário, discriminadas por categoria funcional	106, 107, 108, 109, 110	
ADICIONAL LA11	Programas para gestão de competências e aprendizagem contínua que apóiam a continuidade da empregabilidade dos funcionários e para gerenciar o fim da carreira	106, 107	
ADICIONAL LA12	Percentual de empregados que recebem regularmente análises de desempenho e de desenvolvimento de carreira	112, 114	

Indicadores de Desempenho Social Referentes à Sociedade

Aspecto: Comunidade		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ESSENCIAL SO1	Natureza, escopo e eficácia de quaisquer programas e práticas para avaliar e gerir os impactos das operações nas comunidades, incluindo entrada, operação e saída	51, 76, 79, 81, 82, 84, 85, 92	

Aspecto: Políticas Públicas		Página Relatório de Sustentabilidade	Página Demonstrações Contábeis
ESSENCIAL SO5	Posições quanto a políticas públicas e participação na elaboração de políticas públicas e <i>lobbies</i>	62, 77, 99, 110	

Endereços

Sede

Companhia Vale do Rio Doce
Av. Graça Aranha, 26
20030-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
Tel.: 55 21 3814-4477
Fax: 55 21 3814-4040
www.cvrd.com.br

Escritórios comerciais no exterior

Canadá

145, King Street West, Suite 1500
Toronto, Ontario M5H 4B7 Canada
Tel: 416 361-7511
Fax: 416 361-7781

Suíça

Chemin du Glapin, 4
1162 Saint Prex (Vaud) Switzerland
Tel.: 41 21 8060588
Fax: 41 21 8060666

Japão

Landic Toranomom Building
No. 2, 9th floor
7-8 Toranomom 3-chome
Minato-ku Tokyo 105-0001 Japan
Tel.: 81 3 5401-2971
Fax: 81 3 5401-2989

China

Room 318, Shanghai Center
1376 Nan Jing Xi Lu
Shanghai 200040 China
Tel.: 86 21 6279-8289
Fax: 86 21 6279-8293

Coréia

Pivot Point Business Center,
ASEM Tower
37th floor, 159-1
Samsung-dong, Kanaman-ku
135-798
Seoul, Korea
Tel.: 82 2 6001-3007/3710
Fax: 82 2 6001-3003

Créditos

Elaboração

Diretoria Executiva de Assuntos Corporativos e Energia
Diretoria Executiva de Finanças e Relações com Investidores
Departamento de Comunicação
Departamento de Gestão Ambiental e Territorial
Departamento de Relações com Investidores
Fundação Vale do Rio Doce

Edição e Coordenação Editorial

Departamento de Comunicação

Projeto Gráfico e Concepção Editorial

TheMediaGroup

Consultoria e Conteúdo

Global RI
TheMediaGroup

Redação

Marta Barcelos

Revisão em Português

TheMediaGroup

Fotos

Arquivo Companhia Vale do Rio Doce
André Vieira
Daniel Rosa
Eduardo Queiroga
Fábio Pina
Rogério Ribeiro

Impressão

Gráficos Burti

Colaboradores

Aida Bárbara, Alessandro Gama, Ana Klayn, Ana Lúcia Oliveira, André Huber, André Vilhena, Andrea Gama, Andréia Reis, Armino Souza, Augusto Carpinatti, Bernadete Almeida, Bernardo Pires, Bruno Ferraz, Bruno Manso, Caterina Salvi, Cláudia Cordeiro, Cláudia Kresch, Cristiano Diniz, Cristina Rosas, Cristina Trencher, Daniela Reis, Dayse Gomes, Denise Caruncho, Diogo Brunacci, Dioni Brasil, Djalma Barbosa, Edson Ribeiro, Eduardo Bruno, Eduardo Lo Fiego, Emília Barreto, Eugênio Fonseca, Evaldo Silva, Evilson Campos, Fadwa Andrade, Felipe Pires, Fernanda Ferreira, Fernanda Marques, Fernando Nóbrega, Flávia Gomes, Flavio Montenegro, Giselle Colins, Gleuza Jesué, Guilherme Quentel, Gustavo Grisa, Janet Leishman, Jonilson Júnior, José Augusto Delamanha, José Paulo Magalhães, Karen Mota, Karla Melo, Leonardo Madeira, Letícia Franco, Liana Verdini, Liesel Filgueiras, Lillian Neves, Liliane Assis, Livia Zandonadi, Luana Martins Andrade, Luciano Ferreira, Luciano Medeiros, Luciene Cristina, Marcelo Araújo, Marcelo Sá, Marcelo Silva Braga, Marcus Silva, Marie Louise, Mário Barreto, Mário Pino, Cláudio Pitassi, Marize Lima, Marlene Machado, Maurício Cunha, Maurício Drumond, Murilo Fiúza, Nilson Dávila, Oswaldo Zarko, Pamella Cnop, Patrícia Mantovani, Raissa Gambi, Raquel Carlesso, Renata Araújo, Ricardo Abramof, Ricardo Moreira Santos, Roberto Rui, Rodrigo Bessa, Romildo Fracalossi, Rozália Delgaudio, Salma Ferrari, Tácio Neto, Taisa Quadros, Tatiana Matos, Thais Araújo, Theo Penedo, Vanessa Bernardo, Vanessa Tavares, Vera Castro, Vivian Medeiros

E todos que de alguma forma apoiaram esta publicação.

** Este relatório foi impresso em papel 100% reciclado, produzido com fibras de celulose pós-consumo, e utiliza tinta à base de óleos vegetais, contribuindo para a preservação do meio ambiente.*



**Companhia
Vale do Rio Doce**

